

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Lorena Zomer

**HISTÓRIA DE UMA “BOA FEMINISTA”: TRAJETÓRIA
INTELECTUAL DE LEONOR CASTELLANO EM CURITIBA,
1924-1967**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte do requisito para a obtenção do grau de Mestre em História Cultural, sob a orientação do Prof. Dr. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho.

**Florianópolis
2011**

Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da
Universidade Federal de Santa Catarina

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

Z86h Zomer, Lorena
História de uma "boa feminista" [dissertação] : trajetória
intelectual de Leonor Castellano em Curitiba (1924-1967) /
Lorena Zomer ; orientador, Henrique Espada Rodrigues Lima
Filho. - Florianópolis, SC, 2011.
127 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. Castellano, Leonor, 1899-1969. 2. História. 3.
Mulheres. 4. Mulheres intelectuais. 5. Feminismo e
literatura. I. Lima Filho, Henrique Espada Rodrigues.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa
de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU 93/99

HISTÓRIA DE UMA “BOA FEMINISTA”: TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE LEONOR CASTELLANO EM CURITIBA, 1924-1967

Dissertação apresentada por Lorena Zomer ao Programa de Pós-Graduação em História como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 07 de outubro de 2011.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Henrique Espada Lima Filho
Orientador
Programa de Pós-Graduação em História – UFSC

Prof.^a, Dr.^a Joana Maria Pedro
Titular
Programa de Pós-Graduação em História – UFSC

Prof.^a, Dr.^a Ana Paula Vosne Martins
Titular
Programa de Pós-Graduação em História – UFSC

Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte
Suplente
Programa de Pós-Graduação em História – UFSC

AGRADECIMENTOS

O período do mestrado é um novo tempo, uma época em que a esperança só existe quando temos apoio daqueles que nos rodeiam. Não teria sido possível se eu não tivesse tido a dedicação e paciência de meus pais, minha “oma” e minha irmã. O meu querido e sempre presente, Gilberto, cujo companheirismo e paciência espero ter por muito tempo. Agradeço às leituras, aos “sushis” e as pizzas divididas com Daiana, Pedro Paulo, Elisa, Jury, Lorena, Maristela, Laura, Cíntia e Mário, que resultaram em ideias e sabores que sem dúvida, apesar de todo o cansaço e o desânimo que sobrevieram nesse percurso, permitiram que a esperança prevalecesse.

Foram cruciais o programa de Pós-Graduação em História e a CAPES, por terem concedido uma bolsa de estudos durante boa parte da pesquisa, o que tornou a análise de fontes menos árdua. Agradeço às leituras e aos conselhos de meu orientador, Prof. Dr. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho, e as indicações de leitura e participação na banca do Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte. Boa parte das ideias presentes neste trabalho deve-se às reuniões ocorridas no Laboratório de Estudos de Gênero (UFSC), o qual por meio de discussões elucidou muitas questões, principalmente pela leitura e paciência da Prof. Dra. Joana Maria Pedro, a qual agradeço “duplamente” por ter aceitado participar da banca.

Agradeço as ideias preciosas vindas, mesmo que por e-mail, de Larissa Selhorst Seixas e de Andrea Mazurock Schactae, ambas do Programa de Pós-Graduação em História, da UFPR. Entrementes, os conselhos vindos por e-mails não vieram apenas das colegas citadas, mas também da Prof. Dra. Ana Paula Vosne Martins, à qual sou grata pela presença na banca.

A Deus, pela oportunidade de traçar um novo caminho, uma nova experiência aonde encontrei novas trilhas, amigas (amigos) e também aprendi mais do que imaginava.

RESUMO

A trajetória intelectual da funcionária pública e escritora Leonor Castellano (1899-1969) é o fio condutor deste trabalho, que procura investigar os espaços de atuação das intelectuais do sexo feminino em Curitiba (Paraná) entre as décadas de 20 e 60 do século XX. Os debates sobre os temas das identidades “brasileira” e “paranaense” são fios condutores deste trabalho e aparecem fortemente na atuação de Castellano como intelectual entre 1924 (ano em que publica seu primeiro artigo conhecido) e 1969 (ano em que encerra sua atuação).

A atuação de Castellano nos círculos intelectuais curitibanos (como o Centro de Letras do Paraná e o Centro Paranaense Feminino de Cultura) é estudada de perto, bem como sua colaboração com publicações. Temas como o “feminismo”, a puericultura, a ideia de identidade (nacional e estadual) e os papéis designados às mulheres são discutidos através dos textos de Castellano, sobretudo as homenagens publicadas por ela. Outras fontes utilizadas na dissertação são os relatórios e revistas publicadas pelos centros literários, além de livros de atas, de contabilidade e outros, os quais nos permitem compreender as diversas áreas de atuação de Castellano.

Através da trajetória desta intelectual e de seu papel de liderança nos Centros literários de Curitiba, este trabalho procurou explorar também os espaços de atuação pública das mulheres letradas e de elite no Paraná no período estudado.

Palavras-chave: Centros Literários. Mulheres. Identidade. Curitiba (século XX). Leonor Castellano (1899-1969).

ABSTRACT

The intellectual trajectory of public employee and writer Leonor Castellano (1899-1969) is the thread of this work, which aims to investigate the spaces of actuation of female intellectuals in Curitiba (Paraná) between the decades of 20 and 60 of the 20th Century. The discussions about the topics of "brazilian" and "paranaense" identities are threads of this work and appear strongly by the actions of Castellano as intellectual between 1924 (the year in which she published her first known article) and 1969 (the year she finishes her activities). The Castellano's performance in intellectual curitibanos circles (such as the Center of Letters of Paraná and the Paranaense Female Culture Center) is studied closely, as well as its collaboration with publications. Themes such as "feminism", the child care, the idea of identity (national and state) and the roles assigned to women are discussed through the texts of Castellano, especially the tributes published by her. Other sources used in dissertation are the reports and journals published by literary centers, in addition to books of minutes, accounting and others, which allow us to understand the different areas of expertise in Castellano. Through the trajectory of this intellectual and of her leadership role in literary Centers of Curitiba, this study sought to explore also the spaces of public activity of literate and elite women in Paraná during the studied period.

Key-words: Literary Centers. Women. Identity. Curitiba (The 20th Century). Leonor Castellano (1899-1969).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. EDUCAÇÃO INTELECTUALIZADA: MOLDANDO BONS HOMENS E BOAS MULHERES PARA A NAÇÃO	23
1.1 LEONOR CASTELLANO: O PRINCÍPIO DE UM NOME	23
1.2 O LUGAR DAS MULHERES: ENTRE O LAR E A RUA, AMBIENTES ENTRELACADOS AO LONGO DA HISTÓRIA	26
1.3 FORMANDO MULHERES COMO MÃES PATRIOTAS EM PRINCÍPIOS DA REPÚBLICA	31
1.4 EDUCAÇÃO E PÁTRIA DEFENDIDAS POR CASTELLANO	43
2. A ESCRITA CONTINUA: AS “BOAS MULHERES E OS BONS HOMENS” NACIONALISTAS DE MEADOS DO SÉCULO XX	60
2.1 GETÚLIO VARGAS: E UMA POLÍTICA CONSERVADORA PARA AS RELAÇÕES ENTRE OS SEXOS	61
2.2 ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE INTELECTUAIS, “NACIONALISMO” E A IGREJA CATÓLICA – EM CURITIBA E NO BRASIL	68
2.3 O TEMPO DE CASTELLANO NOS ANOS DE 1930-1950 – CÓDIGOS DE COMPORTAMENTO PARA “TODAS E TODOS”	84
3. EFERVESCÊNCIA LITERÁRIA EM CONSOANTE A UMA BUSCA DE IDENTIDADE REGIONAL DURANTE A REPÚBLICA: UM CONTEXTO, UM NOME E ALGUMAS RELAÇÕES	98
3.1 CAMINHOS LITERÁRIOS	98
3.2 PÁGINAS ESCRITAS SÃO COMO O BRONZE, ESCULPIDAS E ETERNAS	103
3.2.1 CENTRO DE LETRAS: UM ESPAÇO DE DEFINIÇÕES HISTÓRICO-LITERÁRIAS PARANAENSES	115
3.2.2 AS DÉCADAS POSTERIORES À DE 1910: LEONOR CASTELLANO E A CONSTANTE LEMBRANÇA DOS FUNDADORES DE “SEU” CENTRO	120
3.3 A ATUAÇÃO E A DEFESA DE CASTELLANO NO MEIO LITERÁRIO DO CENTRO DE LETRAS	126
3.4 CPFC: MANUTENÇÃO DAS FUNÇÕES “FEMININAS” EM MEIO ÀS NOVAS OPORTUNIDADES	135
3.4.1 AS MULHERES CURITIBANAS QUE “ZELAM PELO PRÓXIMO”	141

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
FONTES DA DISSERTAÇÃO.....	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	157
SÍTIOS DA INTERNET.....	163

Estamos de parabéns, os intelectuais, mais uma vez, os nossos elevados dotes de compreensão, cultura e generosidade à causa das letras estadinas.
(Leonor Castellano)

INTRODUÇÃO

Ao longo da História, muitas vezes às mulheres foram proibidas as participações em decisões políticas, econômicas e sociais. Mesmo quando conseguiam proferir suas opiniões, estas não eram ouvidas. A elas foi destinado o lar ou o silêncio. Entretanto não foi isso que as manteve nos lares sem serem ouvidas. Segundo June Hahner¹, mulheres ávidas por promover mudanças e conquistar direitos sempre estiveram presentes na história. Fossem elas de classes abastadas, intelectualizadas ou provenientes de setores mais simples, eram sem dúvida mulheres ousadas. Historiadoras e historiadores a partir dos anos de 1960 passaram a questionar fontes como diários, cartas, processos judiciais, para que pudessem compreender a atuação das mulheres ao longo do tempo e registrá-las na historiografia.

Neste sentido, nossa intenção é de trazer à tona algumas percepções da vida intelectual de Leonor Castellano. Uma mulher cujas relações sociais ocorriam em um meio político e cultural abastado. Nossa pesquisa tem como objetivo principal compreender de que forma a autora concebia a participação das mulheres na formação da identidade paranaense e nos conceitos nacionalistas do Brasil, ou mesmo, perguntamo-nos como o nacionalismo e a identidade paranaense serviram de respaldos para Leonor Castellano propor novos lugares para as mulheres e para si mesma.

As fontes sugerem um aumento na participação das mulheres no mundo público no decorrer do século XX, mas essas incursões não aconteceram de forma homogênea. Muitas mulheres correlacionaram sua “liberdade” aos papéis naturalizados de

¹June Hahner faz um estudo sobre o Brasil e afere que muitas mulheres já tinham emprego público, principalmente em ambientes domésticos no início do século XVIII. Porém, sinais mais evidentes de que as mulheres queriam novos direitos só surgiram com mais força a partir da segunda metade do século XIX, quando algumas mulheres tiveram mais acesso às escolas e ao magistério. Os primeiros jornais e revistas foram publicados neste contexto, como o *Jornal das Senhoras* e *O Sexo Feminino*. HAHNER, June. *Emancipação do Sexo Feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, pp.37-113.

mãe/esposa, as quais dentro desses preceitos poderiam colaborar para com a formação da Nação, ao mesmo tempo em que conquistavam suas ocupações no mundo público. Compreendemos que com o rápido crescimento populacional acarretado pelo capitalismo, a partir do século XVIII, a família burguesa nuclear, vista como uma criação “natural”, tornou-se o cerne de defesa da sociedade². E elas, as mulheres, tornaram-se o reduto protetor da criança, enquanto o homem era o mantenedor do lar no mundo público. Nesse sentido, os mundos privado/público foram divididos de acordo com os gêneros e, devido a este motivo, as conquistas que as mulheres intentaram a partir do século XIX foram muitas vezes contestadas, visto que estariam burlando lugares que não eram seus “naturalmente”. Nessa pesquisa não queremos dar menos ou mais importância a alguma esfera, apenas pontuamos que o mundo público não era tão comum às mulheres, mas nem por isso o mundo privado era o único conhecido.

Apesar da presença das mulheres ser maior na esfera privada até meados do século XIX, algumas mulheres encontraram na escrita uma forma de expressarem publicamente seus sentimentos e até mesmo reivindicações³. Constância Lima Duarte, professora e integrante do Grupo *A Mulher na Literatura*

²SENNET, Richard. *O declínio do homem público*. As tiranias da intimidade. São Paulo: Cia das Letras, 1998, pp.35-68.

³No livro *Escritoras Brasileiras do Século XIX* (Vol.III), organizado por Zahidé Lupinacci Muzart, muitas historiadoras e literatas procuraram reunir a história e a biografia de cinquenta e seis mulheres escritoras do século XIX. Entre os nomes de Gilka Machado, Cora Coralina, está o de Leonor Castellano. O livro prolonga os trabalhos dos dois primeiros volumes e tem por intenção registrar nomes de mulheres, em sua maioria desconhecidas ou pouco valorizadas, mas que merecem ser pesquisadas. MUZART, Zahidé L (org.). *Escritoras Brasileiras do Século XIX* (v.3). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009. Leonor Castellano é citada também nas seguintes obras - entre as fontes - JUNIOR, Rodrigo. Página Feminina. In: *Correio dos Ferrovários* – Curitiba: 1936, p.38. SANTOS, Dario Nogueira. *Revista do Centro Feminino de Cultura* – Curitiba: 1969, p.2. Quanto às referências historiográficas seriam de: TRINDADE, Etelvina M. de Castro. *Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República* – Curitiba: Fundação Cultural, 1996, p.110. BRASIL, Érico Vital. SHUMAHAR, Schuma (orgs.). *Dicionário das Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

(ANPOLL)⁴, afirma que até poucas décadas não eram considerados legítimos os estudos acerca das mulheres escritoras e das imagens “delas” contidas nos livros. Neste viés, o grupo citado iniciou discussões para definir teorias e estratégias para incentivar as pesquisas, justamente por considerar a importância da presença das mulheres na literatura, analisando esse campo como um dos primeiros em que algumas puderam se manifestar.

Página Literária, este foi o título que impulsionou toda a pesquisa sobre Leonor Castellano (1899-1969), nome presente não só no Centro Paranaense Feminino de Cultura (o qual chamaremos de CPFC daqui em diante) e o Centro de Letras do Paraná (a este nos reportamos como Centro de Letras), mas também em uma rua e uma escola pública de Ensino Fundamental da Capital Paranaense. Os centros frequentados por Castellano foram de grande movimento intelectual e beneficente (no caso do CPFC), ambos eram reconhecidos no contexto da autora, nos quais ela ainda é lembrada. Neste viés, procuramos compor uma percepção do que teria sido a trajetória intelectual de Castellano, isto é, de que forma podemos compreender a influência de assuntos como feminismo, nacionalismo e identidade paranaense em seus escritos.

O feminismo⁵, por sua vez, incentivou as mulheres a reivindicarem seus direitos sufragistas, trabalhistas, entre outros. Esse movimento cresceu paulatinamente a partir de fins do século XVIII na França e nos Estados Unidos. No Brasil ele chega a partir

⁴As informações estão na “Apresentação do livro: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L (orgs.). *Refazendo Nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, pp.15-16.

⁵ Neste trabalho compreendemos que o feminismo deu-se em diferentes “ondas”. Entendemos em relação ao termo “onda”, momentos em que os ideais e discussões foram mais divulgados. Enfatizamos que o termo não significa homogeneidade e nem que esteve presente em todo o contexto. O de primeira onda, representado no Brasil por Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura, destacou-se no fim do século XIX, cujas principais discussões ficaram em torno da questão sufragista, de trabalho, de acesso ao ensino, entre outros. Já o feminismo de “segunda onda” surgiu com o fim da Segunda Guerra Mundial, representado especialmente por Simone de Beauvoir e Betty Friedman, as quais enfatizaram questões relativas ao corpo, prazer e contra o patriarcado. Estas passaram a utilizar o termo “mulher” para firmar uma identidade para o grupo. PEDRO, Joana M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, vol. 24 (1), pp.77-98.

de meados do século XIX. Na França⁶, um dos marcos foi a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, de Olympe de Gouges, em 1791; uma reação à *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, a qual não incluía as mulheres. Após isso, com o crescimento da burguesia, das atividades industriais que exigiam o trabalho feminino, algumas mulheres encontraram brechas para aos poucos deixarem de ser apenas responsáveis pela casa e pelas filhas/os, além daquelas que há muito tempo já eram empregadas domésticas, agricultoras, vendedoras de rua, ou mesmo escravas. O crescente feminismo chegou ao Brasil em meados do século XIX, através de traduções de textos como os de Mary Wollstonecraft, feito por Nísia Floresta, uma potiguara, em sua estada na Europa no início do século XIX. Além disso, são inúmeros os jornais e periódicos produzidos nos quintais das casas burguesas dos grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo. No início do século XX, Bertha Maria Lutz e Maria Lacerda de Moura divulgaram pelo Brasil manifestos sobre o sufrágio universal e os direitos trabalhistas, enfim, notícias que proliferaram por todo o país e chegaram aos periódicos curitibanos, como Castellano demonstrou em seus escritos⁷.

A História das Mulheres obteve seu espaço acadêmico a partir de fins de 1970 e o seu questionamento central, naquele contexto, era de que mulheres não deveriam ser vistas apenas como vítimas, nem como secundárias na História⁸, ou seja, eram necessários estudos mais complexos no que se refere à participação das mulheres no fazer histórico, alegando ser preciso uma ruptura epistemológica. Desde meados da década de 1970 no Brasil, historiadoras como Branca Moreira Alves⁹, Maria Odila Dias¹⁰ têm buscado compreender, cada uma dentro de seus campos de estudo,

⁶SCOTT, Joan W. *A cidadã Paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002, pp.23-48.

⁷TRINDADE, Etelvina M. de C. Op.cit., p.110.

⁸SCOTT, Joan W. História das Mulheres. IN: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992, pp. 84-89.

⁹ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo*. A luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Ed. Vozes, 1980.

¹⁰DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

diferentes participações das mulheres no mundo público, relacionando-as à História das Mulheres e aos estudos de Gênero. A categoria analítica do “gênero”, é tributária, sobretudo das lutas feministas¹¹ existentes desde o fim do século XIX, perpassando o século XX, nas quais as mulheres reivindicaram direitos políticos e sociais¹².

Referimo-nos ao conceito de gênero (lembrando que não são todos os pesquisadores das áreas que acataram) pensando nas considerações da historiadora Joan Scott, cujo artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, publicado no Brasil em 1990, define o termo como uma composição de significados culturais estruturados a partir das diferenças percebidas entre os sexos. Essas são esquematizadas a partir das relações sociais e de poder. Neste sentido, feministas e historiadoras da História das Mulheres utilizaram o método para então compreender diferenças, visto que a categoria “mulheres” não poderia ser analisada se não fosse vista em relação aos demais que formam as sociedades¹³.

Segundo Scott¹⁴, cada feminismo ou reivindicação das mulheres está relacionada ao seu contexto, isto é, em uma mesma sociedade existem muitas mulheres, no termo plural e não no singular, com alguns objetivos em comum. Baseados na ideia de Scott passamos a utilizar, em toda a pesquisa, o termo “mulheres”, sem diminuí-lo a uma representação totalitária de todas as mulheres, isto é, sabemos que as mulheres sobre as quais Castellano discutia, ou mesmo suas contemporâneas em geral, não eram idênticas no que se refere aos sentimentos e às personalidades. Entretanto, pensando que a expressão mulheres abarca a pluralidade, optamos pela sua aplicação, ao mesmo tempo em que a hermenêutica é o meio pelo qual analisamos pontos de

¹¹O termo Feminismo surgiu entre as décadas de 1870-1890 na França e na Inglaterra. COVVA, Anne. *Dois associações internacionais de mulheres de iniciativa norte-americana (1888-1918)*. Informações retiradas de <http://www.univ-ab.pt/investigacao/ceaa/actas/cova.htm>. Acesso em 15/05/2010.

¹²PEDRO, Joana M. Op.cit., 2005, pp. 77-98.

¹³SCOTT, Joan W. Prefácio a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, n.3, p.11-27, 1994, p. 14.

¹⁴SCOTT, Joan. Op.cit., 2002, pp.23-48.

vistas nas fontes, com relações possíveis dentro de uma perspectiva mutável e fluida.

Neste viés, outros estudos são importantes para esta pesquisa, como o de Susan Besse¹⁵, cujo objetivo é demonstrar como no governo de Getúlio Vargas as relações de gênero vigentes foram utilizadas para manter um governo autoritário e conservador. A preocupação com o crescimento populacional e a indústria fez com que o governo de Vargas se concentrasse na família. Segundo Besse, o ideal burguês era de que a mãe continuasse a educar seus filhos, mas o próprio sistema capitalista instigava as mulheres (até mesmo de classes abastadas) a irem às ruas trabalhar. Neste sentido, para não perder o controle, muitos empregos e limites foram criados. Um deles seria a puericultura, um modo de cuidar da higiene e saúde de pessoas menos favorecidas - principal atividade do CPFC - no qual as mulheres poderiam estar no mundo público, entretanto desempenhando um “papel naturalmente feminino”.

Faz parte de nossas referências bibliográficas a pesquisa da historiadora Larissa Seixas¹⁶, que discute o CPFC como um lugar onde mulheres de classes sociais abastadas puderam burlar os impedimentos de estar fora dos lares e assim ocupar novos lugares. Em outras palavras, um dos nossos objetivos será o de mostrar como as centristas – mulheres como Castellano – foram, de certo modo, instrumentos da ação autoritária do governo de Vargas e do Paraná, ao mesmo tempo em que souberam tirar proveito das novas oportunidades que essas políticas produziam, tais como empregos nos escritórios, em bancos, na puericultura e repartições públicas. No caso dessa pesquisa, especialmente as duas últimas atividades citadas foram exatamente as desenvolvidas por Leonor Castellano.

No ano de 1924 Leonor Castellano tornou-se funcionária da Procuradoria Geral do Estado e Secretária da Fazenda, onde se aposentou somente em 1960. Doravante, essa pesquisa concentra-

¹⁵BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade*: Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: EDUSP, 1999.

¹⁶SEIXAS, Larissa Selhorst. “*O feminismo no bom sentido*”: o Centro Paranaense Feminino de Cultura e o lugar das mulheres no mundo público (1933-1958). Curitiba: UFPR. Dissertação de Mestrado, 2011.

se em sua produção literária, a qual foi publicada no Centro de letras e no CPFC. No primeiro, Castellano tornou-se membro em 1935, permanecendo até o fim da vida. Já no CPFC adentrou no ano de 1940. No Centro de Letras pôde escrever sobre homens e mulheres, um material que para essa pesquisa intitulamos de “homenagens”, um meio pelo qual podemos verificar as “virtudes e elogios” diversos empregados por Leonor Castellano aos seus homenageados e homenageadas, assim como, observar as variações em relação à diferença sexual, que também é uma construção, dentro do contexto patriótico e de formação identitária paranaense, para então sugerir quais são os “verdadeiros homens e verdadeiras mulheres” no contexto da autora.

Sabemos que muitos discursos pertencentes à Castellano são conservadores, isto é, são exemplos das relações de gênero vigentes naquela época. Mas tal como a autora, a feminista Mariana Coelho, considerada uma representante daquele contexto, também partia da premissa de que as mulheres poderiam conquistar seus lugares públicos, embora sem deixar o lar. Uma época marcada na história por guerras mundiais e, no caso brasileiro, por um governo autoritário que se utilizou das relações de gênero conservadoras para fortalecer um nacionalismo exacerbado. E é nesse sentido que compreendemos a importância de Castellano, pois a autora em sua escrita lembrou homens e mulheres com características que costumavam lisonjear as pessoas ao redor.

Podemos analisar a memória de Leonor Castellano devido a sua ativa participação social, a qual é percebida por meio de seus escritos. A memória¹⁷, nesta pesquisa, é um dos pressupostos metodológicos, visto que o conteúdo registrado por Castellano, mesmo sofrendo influência dos centros em que se encontrava, carregava elementos de sua personalidade¹⁸. Os seus caminhos no Centro de Letras são entendidos, neste trabalho, tentando levar em conta as observações do sociólogo Pierre Bourdieu sobre a constituição do campo intelectual e dos grupos que o compõem em

¹⁷POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: Cpdoc, v. 2, n. 3, pp. 3-15, 1989.

¹⁸DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Ed. USP, 2009, pp. 375-376.

diferentes contextos. Bourdieu afirma que um campo intelectual é composto de muitos espaços literários e acadêmicos, e é justamente essa riqueza diversificada o motivo causador da disputa pela memória, pelo centro mais bem reconhecido ou mais influente, isto é, pelas disputas que produzem distinções e hierarquias dentro do campo¹⁹. Sugerimos que esse quadro ajuda a compreender por que Leonor Castellano lutou pelo Centro de Letras e tornou-se reconhecida primeiramente como intelectual, o que motivou este trabalho após o encontro com uma breve nota que a citava como feminista.

O encontro com o nome de Leonor Castellano ocorreu após as primeiras leituras sobre Gênero, em 2007 como graduanda da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, nos estudos provenientes da disciplina intitulada “Tópicos em Gênero”. Neste contexto, o livro *Clotildes e Marias*, de Maria Etelvina de Castro Trindade, trata sobre os novos lugares e profissões que as mulheres puderam ocupar com as mudanças ocorridas na Primeira República, em Curitiba. Segundo Trindade, Castellano, sob pseudônimo “Flor d’Alisa”, escreveu dois artigos em 1924 com o objetivo de defender o feminismo no periódico *Gazeta do Povo*. Em um primeiro momento objetivamos discutir sobre a vida pessoal de Castellano, mas em função das lacunas, buscamos ampliar o olhar. Apesar do sucesso obtido na busca pelas fontes (homenagens, revistas organizadas, livros e poemas) nos primeiros centros, na Casa da Memória, no Arquivo Público, na Biblioteca Pública do Paraná e no Museu Paranaense, e de pessoas destes lugares nos afirmarem a importância de Castellano para a representação dos centros, sobre a vida pessoal da autora encontramos poucos vestígios. Ressaltamos que há intervalos entre os períodos das fontes, visto que Castellano escreveu artigos em 1924, dirigiu colunas no *Correio dos Ferroviários* na década de 1930 e a partir de 1940 envolveu-se de um modo mais intenso com o CPFC e o Centro de Letras.

Portanto, saber o nome, ou os nomes, do romance que Castellano viveu (se ela viveu), a decoração da casa, o livro de

¹⁹BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, pp.68-69.

cabeceira ou mesmo as contas que ficaram a pagar quando ela morreu, não foram perguntas às quais nos reportamos. Devido às circunstâncias temos a intenção de compreender a trajetória intelectual da autora. É necessário, portanto, pontuar o que seria essa trajetória. Este trabalho não compreende Castellano como um trabalho teatral em que atores e atrizes cumprem “scripts” e que ao ler, o/a historiador/a possa compreender perfeitamente as suas falas. É possível saber a data de nascimento, alguns feitos, festas, discursos, no entanto, não há uma linearidade, ou seja, esta pesquisa não fornecerá ao leitor, ao fim do terceiro capítulo, uma vida toda contada. Não há um caminho único, ou uma só história entre a pia bastimal e o túmulo no Cemitério Municipal de Curitiba. Há os sentimentos, as subjetividades, os milhares de pensamentos não registrados, os quais, por sua vez, se tivessem sido escritos, não seriam lidos com os mesmos significados empreendidos por ela.

Não pretendemos, deste modo, um relato de vida cronológico ou a criação de um sentido artificial para o “ser e fazer” de Castellano. Buscamos identificar e compreender os lugares em que o nome²⁰ de Leonor Castellano foi encontrado, assim como os vestígios deixados por ela na época compreendida e nos centros frequentados. Após a apresentação dos caminhos teóricos nesse trabalho, o que demonstramos nos três capítulos seguintes é uma mistura de contexto, de escritos que nos permitem compreender caminhos dela ao longo de sua vida, em que a única coisa que permanece igual é o seu nome. Entre colocações e deslocamentos em seu espaço social, as fontes foram escolhidas para que em seu conjunto fosse possível verificar uma superfície social²¹ instituída, isto é, compreender a entrada entre um centro e outro, de Castellano e dos diversos grupos inseridos no campo literário curitibano que estavam, obviamente, submetidos a uma temporalidade.

²⁰O termo é compreendido como uma institucionalização de uma identidade que carrega consigo os feitos, acontecimentos e posições ocupadas, mas que não diferencia as particularidades que nortearam as ações. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, pp. 186-187

²¹Idem.

O recorte temporal deste trabalho é de 1924 a 1967. As datas são referentes ao primeiro e ao último escrito de Castellano, portanto, não necessariamente há uma preocupação com todos os acontecimentos sociais, culturais e econômicos desse período. As fontes²² encontradas no CPFC são diversas, como a homenagem *Profª. Maria Falce de Macedo: uma mulher admirável* (1961), além de quatro revistas e cinco relatórios bimestrais sobre o porto de puericultura Darcy Vargas, há ainda os *Históricos* (revistas comemorativas de aniversário do CPFC) e o *Livro de Ouro* (em cinco volumes). No último, as próprias centristas selecionavam reportagens e organizavam os livros. As notícias relatadas são homenagens, informes administrativos, convites e publicações do CPFC, um conjunto que demonstra o objetivo de formar uma memória coletiva, já que foram muitas as centristas que organizaram. Muitas reportagens não contêm as datas em que foram publicadas nos jornais citadinos e, por este motivo, utilizamos apenas as que conseguimos “localizar”. Mesmo com as ressalvas necessárias, pontuamos que tais documentos mostram a intenção em tornar a memória do Centro “perpétua” e incentivar o trabalho de centristas nos anos vindouros.

Encontramos 16 revistas referentes ao Centro de Letras²³, cujas organizações têm a participação de Castellano. Alguns exemplares, em melhor estado, encontram-se na Casa da Memória e na Biblioteca Pública do Paraná. Entretanto, em meio às revistas não são muitas as reportagens assinadas diretamente pela autora. Devido a isso, escolhemos, no que se refere ao Centro de Letras, revistas e relatórios do período de 1949 a 1961, além da ata da Fundação e outros documentos reorganizados por Castellano no ano de 1958.

Na primeira revista de 1953, pudemos encontrar uma entrevista concedida por Leonor Castellano sobre o seu trabalho no Centro de Letras e a *Exposição de Livros Inéditos* de autores paranaenses, organizada por ela no mesmo ano. Publicados ainda

²²O *Livro de Ouro*, as revistas e relatórios do CPFC encontram-se no próprio centro, cujo endereço é Rua Visconde do Rio Branco, 1717, no centro de Curitiba (PR).

²³Situado à Avenida Fernando Moreira, 370, no centro de Curitiba (PR).

no Centro de Letras temos: *Alcina: o anjo bom* (1949); *A casa de Euclides Bandeira e Emiliano Pernetá* (1952); *Livros, livros a mão cheia*: Originais inéditos que figuram na Primeira Exposição realizada pelo Centro de Letras do Paraná (1954); *Primavera* (1949). Além das fontes citadas até agora, outras também utilizadas foram encontradas na Casa da Memória, no Museu Paranaense e no Círculo de Estudos Bandeirantes, sendo elas: *Página Literária* (Arquivo museu Paranaense, 1924); *Figuras de ontem e de hoje* (1953); *Tertúlias Centristas* (1956); *Mensagem de Santa Clara às mulheres* (1953); *Discurso* (1935). Quanto aos livros *Tertúlias Centristas* e *Figuras de ontem e hoje*, tratam-se de obras em que Castellano reuniu diversas produções literárias, em sua maioria homenagens, escritas entre 1927 a 1960, sendo que o montante maior restringe-se entre 1930 a 1950. Ao lado das homenagens escolhidas, utilizadas no segundo capítulo, colocamos entre parênteses o ano em que primeiramente foram publicadas, a fim de contextualizar.

Após essas considerações, a ordem dos temas trabalhados nesses capítulos é apenas um olhar sobre a sua participação nos meios literários e sobre os temas que encontramos no contexto estudado. Nesse viés, no primeiro capítulo discorreremos sobre os dados pessoais encontrados e sobre seus empregos na Procuradoria Geral do Estado, na Secretaria da Fazenda e no Arquivo Público do Paraná. Preocupamo-nos, em seguida, com a educação de Castellano. A autora estudou o Primário em uma escola pública bastante tradicional na época e, posteriormente, concluiu seus estudos na Escola Americana de Curitiba. Estas escolas enfatizavam a missão de ser mãe/esposa, um ideal que para Castellano estava intrinsecamente ligado à ideia de que as mulheres tornavam-se colaboradoras da Pátria ao deterem mais conhecimento em prol de uma educação melhor para seus filhos, isto é, as funções naturalizadas não impediam que as mulheres exigissem novos direitos. Castellano demonstra isso nos artigos escritos em 1924, ao defender as boas intenções do feminismo que, segundo ela, só visavam fornecer às mulheres o direito à Educação e ao sufrágio.

No segundo capítulo concentramo-nos em verificar como o período de governo de Getúlio Vargas foi conservador e autoritário. Entrementes, além destes aspectos, Vargas cooptou o trabalho de diversos intelectuais, da Igreja Católica e de vários setores da sociedade. Essas características foram responsáveis pelo fortalecimento do poder do Presidente, principalmente de 1937-1945 e posteriormente entre 1951-1954. Pontuamos que nossa intenção não é discutir as diversas concepções de nacionalismo e de nação, pois neste trabalho concentramo-nos no modo como Castellano vinculou a participação de homens e mulheres à formação da Nação brasileira e do Paraná, numa época em que o modernismo ameaçava alterar as relações de gênero vigentes ao mesmo tempo em que propiciava novas oportunidades às mulheres.

Ainda no que diz respeito à Castellano, no Paraná a moral cristã e a intelectualidade incentivadas nessa época encontravam-se entrelaçadas em diversos setores de Curitiba, como no comércio e nos centros intelectuais, tais como CEB (Círculo de Estudos Bandeirantes). Muitos líderes deste, além de terem sido homenageados por Castellano ou de serem membros também do Centro de Letras, foram os responsáveis pela criação da Universidade do Paraná e da PUC. Lugares onde homenageadas/os de Castellano estudaram e se sobressaíram, segundo a autora. Apesar, das homenagens terem sido escritas por Castellano, enquanto representante dos centros, vemos a liberdade da escrita como um elemento culturalmente limitado, cujas margens são sempre fortalecidas. Todavia, como afere François Dosse²⁴, a liberdade pode ser paulatinamente conquistada, pois nenhuma estrutura do mundo social pode anulá-la totalmente.

No terceiro capítulo buscamos compreender os dois centros em que Castellano foi membro e presidente. Em um primeiro momento consideramos necessário retroceder ao contexto literário responsável pela fomentação de diversos clubes, enfatizando o Centro de Letras, além do próprio cotidiano da cidade. Consideramos que é preciso refletir sobre a “Curitiba literária”, por compreendermos esse momento como resultante de

²⁴DOSSE, François. Op.cit., 2009, pp.179 -180.

uma propagação de ideais defendidos pelos fundadores do Centro de Letras e, mais tarde, pelos discursos e homenagens da própria Castellano. Em relação ao Centro de Letras, analisamos como foi a sua inauguração e a formação daqueles que instituíram os seus estatutos. Com especial atenção, demonstramos como Castellano permeou os discursos, através das revistas que organizou enquanto presidente, vice-presidente e bibliotecária do Centro de Letras. Em um segundo momento, buscamos perceber qual foi a participação de Castellano no CPFC. Um reduto onde algumas mulheres de classes abastadas e médias puderam ter um lugar público somente delas, a fim de reunirem-se para debater poesias e promover encontros artísticos, além de colaborarem com o Governo, já que este apoiava o centro de puericultura, fundado em 1940.

Feitas as considerações às quais nos propomos, passamos a discutir sobre Leonor Castellano.

1. EDUCAÇÃO INTELECTUALIZADA: MOLDANDO BONS HOMENS E BOAS MULHERES PARA A NAÇÃO

1.1 LEONOR CASTELLANO: O PRINCÍPIO DE UM NOME

Leonor Castellano, chamada de *Nola* pelos amigos, nasceu em Curitiba (PR) no dia 25 de outubro de 1899. Era filha de Francisca Wienonewski Castellano e Francisco Castellano, ambos portugueses, e tinha irmãos e irmãs, dos quais descobrimos apenas os nomes de duas: Olga e Gioconda²⁵.

Sua educação escolar²⁶ iniciou-se no Grupo Escolar Tiradentes, onde tinha como professora primária Júlia Wanderley²⁷. Uma escola tradicional no centro de Curitiba, cujo ensino de História e Geografia brasileiras estava estritamente ligado à disciplina de Moral e Cívica, isto é, possuía uma grade curricular característica do início da República, que intencionava formar cidadãos e cidadãs patriotas. Havia algumas distinções no ensino direcionado aos meninos e às meninas, como aulas de bordado e de “prendas” somente para as meninas. Mesmo com tais distinções entre os gêneros, no momento em que entoava o hino nacional,

²⁵CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ. *Cadastro de Membros*. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1967, s/p. Queremos frisar logo no início desse trabalho que as informações sobre a vida familiar e pessoal de Castellano são muito restritas. Este fato deve-se a ela não ter casado, não ter tido filhos e não ter escrito nada que se remeta a um tipo de “autobiografia”. Ainda, os registros que encontramos sobre ela reportam-se mais aos fatos intelectuais, a sua escrita e participação no meio social e literário curitibano.

²⁶NICOLAS, MARIA. *Pioneiras do Brasil*, estado do Paraná. Curitiba: [s.n.], 1977.

²⁷Júlia Augusta de Souza Wanderley Petrich nasceu em Ponta Grossa em 1874. Em Curitiba, após ter terminado os estudos secundários, pediu pessoalmente ao Governador permissão para frequentar a Escola Normal, até então só frequentada por homens. Acatado o pedido, conseguiu concluir os estudos em novembro de 1892, e dois anos depois passou a lecionar no Grupo Escolar Tiradentes, uma escola que foi construída aos pedidos da Associação Comercial do Paraná. Tal escola sempre foi frequentada por governadores de Estado, inspetores escolares, promotores públicos e juizes. O colégio foi demolido em 1935 e somente em 1962 ganhou uma sede própria no Centro de Curitiba, cujo nome ainda é Grupo Escolar Tiradentes. Júlia faleceu em Curitiba em abril de 1918. BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO DO PARANÁ. V.24, ANO 1974, pp.149-150.

todos os alunos e alunas permaneciam juntos. Já o curso Intermediário, Castellano realizou na Escola Americana de Curitiba²⁸, uma escola particular pertencente a *American Foreign Board*²⁹. Nesse *lócus*, o ensino era voltado a uma formação intelectual em que mulheres e homens tinham acesso a diversas línguas, embora somente às mulheres fossem destinadas algumas aulas relativas à Economia Doméstica. Podemos compreender que a base escolar de Castellano, provavelmente junto a uma boa condição financeira, permitiu um conhecimento intelectual, o acesso a livros e revistas e o apreço pela literatura.

Quanto a sua vida social, já na década de 1920, a autora era reconhecida em seu contexto pelas discussões acerca de assuntos da época, pois, segundo Trindade, ocorriam na casa de Leonor Castellano muitos encontros que envolviam nomes reconhecidos na literatura curitibana do período³⁰, como: Helena Kolody³¹ e Serafim França, um dos fundadores da Universidade do Paraná. O motivo dessas reuniões relacionava-se com os assuntos do feminismo, da intelectualidade, entre outros.

²⁸Informações encontradas em ABREU, Geysa S. Alcoforado. *O ensino regular da caligrafia: a experiência da Escola Americana de Curitiba no final do século XIX e início do século XX*. www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/.../321.pdf Acesso em 09/12/2010.

²⁹Pertencente à junta Missionária de Nova York, ligada à Igreja Presbiteriana do norte dos Estados Unidos. Com várias unidades no Brasil, a de Curitiba era dirigida pelas missionárias Srta. Mary Parker Dascomb e Srta. Elmira Kühl. ABREU, GEYSA S. Alcoforado. Op.cit. Acesso em 09/12/2010. Ver também FIGUEIREDO, Eneida Ramos. *A Escola Americana de Curitiba (1892-1917)* <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/317.pdf>. Acesso em 20/06/2011.

³⁰TRINDADE, Etelvina M. C. *Clotildes ou Marias: Mulheres de Curitiba na Primeira República*. Fundação Cultural, 1996, p.110.

³¹Amiga e colega de Castellano, no Centro de Letras e no CPFC, nascida em Cruz Machado (PR), em 12 de outubro de 1912 e faleceu em Curitiba (PR), em 15 de fevereiro de 2004. Foi professora do ensino médio e inspetora de escola pública. De 1928 a 1931, cursou a Escola Normal Secundário (atual Instituto de Educação do Paraná). Admirada por Carlos Drummond de Andrade e amiga de Paulo Leminski, seus escritos passaram a ter grande repercussão a partir de 1985, e em 1988, foi criado o importante "Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody", realizado anualmente pela Secretaria da Cultura do Paraná em homenagem a essa poetisa. CRUZ, Antônio Donizeti da. *Helena Kolody: obra e fortuna crítica*. Curitiba (arquivos da Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná), 1999.

No ano de 1924, Castellano foi efetivada na Secretaria da Fazenda no Paraná e, posteriormente na mesma Secretaria, como chefe de seção na área Financeira. Em 1940 foi transferida para a “Procuradoria da Fazenda, Consultoria Jurídica e Contencioso”, aposentando-se em 12 de fevereiro de 1960³². Ainda como funcionária pública administrou o Arquivo Público e organizou a seção de documentos da Biblioteca Pública do Paraná e da Biblioteca da Associação dos Funcionários Públicos do Paraná, demonstrando seu interesse pelo “mundo das letras”.

A partir de 1930 começou a frequentar muitos clubes literários, paralelamente a seu trabalho. Foi justamente nessas reuniões e cargos ocupados que a maioria de seus ideais e códigos de comportamento para homens e mulheres foram divulgados, alguns deles já encontrados nos seus primeiros escritos de 1924³³. A autora, no decorrer da vida, envolveu-se com trabalhos desenvolvidos em escolas, principalmente em amostras de artes e declamações de poesias, porém é provável que Castellano não tenha cursado o Normal³⁴. Esta conclusão é decorrente de um discurso por ela proferido, no ano de 1967, quando recebeu o título de professora honorária por ter colaborado com serviços prestados ao Estado, em que ela agradeceu, alegando que não tinha títulos oficiais para aquele trabalho.

Castellano residia sozinha na Avenida Sete de Setembro, número 3484, no centro da cidade de Curitiba. Preparava-se para fazer uma viagem de férias a São Lourenço (MG) quando sofreu um infarto e veio a falecer, dias depois, às 23 horas do dia 13 de janeiro de 1969, no Hospital Santa Casa de Misericórdia. Seu corpo foi velado primeiramente em sua casa, depois no Centro Paranaense Feminino de Cultura, de onde saiu o cortejo fúnebre para o Cemitério Municipal.

Apesar da vida literária de Castellano ser repleta de vestígios – de acordo com as indicações das fontes – sobre a sua

³²CASTELLANO, Leonor. Protocolos diversos, Arquivo Público do Paraná, Curitiba - Paraná.

³³TRINDADE, Etelvina M. C.. Op.cit., 1996, p.110.

³⁴CASTELLANO, Leonor. *Revista do Centro Paranaense Feminino de Cultura* – Curitiba: CPFC, 1967, vol.XI, pp. 26-27.

vida pessoal se sabe pouco. Castellano foi caracterizada como feminista, escritora, funcionária pública, professora honorária, intelectual, católica e outros predicados³⁵. Estas últimas noções sugerem que Castellano foi atuante na sociedade curitibana e, como veremos no terceiro capítulo, utilizou a intelectualidade e seus conhecimentos adquiridos ao longo da vida para divulgar suas ideias. Nesse viés, pretendemos discutir a formação escolar de Castellano, a qual era marcada por uma camada social abastada e intelectualizada. Não obstante prendemos nossas atenções ao modo como Castellano defendeu os ideais considerados “adequados” às mulheres e homens de seu contexto, como a intelectualidade e o acesso ao Ensino Superior.

1.2 O LUGAR DAS MULHERES: ENTRE O LAR E A RUA, AMBIENTES ENTRELAÇADOS AO LONGO DA HISTÓRIA

Antes das mulheres serem vistas andando, trabalhando, decidindo nas câmaras, nas universidades, nas empresas, sem serem vigiadas ou controladas, muitas ficaram reclusas ao lar e seus afazeres, aos limites impostos pelas sociedades, como se as influências que poderiam ter sobre os maridos, filhos e pais no mundo privado fossem suficientes para representá-las no mundo público. Apesar disso, não podemos vê-las como não atuantes ou apenas silenciosas, pois muitas mulheres deixaram cartas e diários escritos, além de freiras que obtinham conhecimento nos livros lidos nos conventos e havia ainda as relações de poder entre patroas e empregadas, avós e netas e entre homens e mulheres. A diferença dos contextos anteriores aos séculos XIX e XX é que elas não se uniram, não formaram um grupo organizado com reivindicações. Nesse sentido, a História das Mulheres, a partir de meados do século XX, junto às pressões feministas, passou a analisar a historiografia, dando importância às mulheres e não ao sujeito

³⁵SANTOS, Dario Nogueira. Necrológio de Leonor Castellano *In*: FRANÇA, Marita. *Revista do Centro Paranaense Feminino de Cultura* – Curitiba: CPFC, 1969, v. XXVII, pp.3-8.

“homem” universal³⁶. Esta por séculos tornou o homem branco e ocidental como o centro dos relatos e dos marcos históricos.

A diversificação da tipologia das fontes iniciada nos anos de 1920, com os *Annales*, através de análises em novas áreas de estudo, como na geografia e na economia, permitiu às décadas posteriores um alargamento dos campos de estudos do/a historiador/a³⁷. Frutos da abertura historiográfica foram: a Micro-História, a História Social, a História das Mentalidades. Estas linhas de pesquisa no final da década de 1960 estavam preocupadas com os gestos, com as fontes não tradicionais, como processos, diários e arquivos policiais, o que provocou a ampliação das fontes no campo de estudo das historiadoras/es da História das Mulheres, dentro do âmbito social. Marginalizações como as que ocorriam na literatura e na pintura foram denunciadas e (re)analisadas, justamente em campos em que mulheres de camadas abastadas se destacaram a fim de ecoar suas vozes e sentimentos, situações em que muitas vezes foram narradas por homens, tendo suas imagens estereotipadas ou com um fim trágico, como aponta Michelle Perrot³⁸.

Nos anos de 1980, os termos mulher e mulheres tornaram-se insuficientes para se compreender as relações entre os sexos, mas principalmente para se entender como as diferenças eram legitimadas e construídas. Passou-se a utilizar a categoria Gênero dentro do âmbito das Ciências Sociais, a qual significava o modo como as características culturais poderiam ser compreendidas em função da hierarquia que provocavam entre os sexos. Além disso, a condição do que era “ser” homem ou mulher era decorrente de

³⁶ZOMER, Lorena. Entre tricôs, batons e livros: trajetórias e caminhos In.: *Revista Espaço Plural*. Marechal Cândido Rondon: Edunioeste, 2009, ano1, n.1, pp.137-139.

³⁷As perspectivas inovadoras podem ser verificadas no livro: BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001. Importante ressaltar, que alguns dos historiadores que estiveram dentro desses novos leques utilizaram estudos de suas estudantes, esposas sem ao menos citá-las. THÉBAUD, Françoise. *Políticas de gênero nas Ciências Humanas*. O exemplo da disciplina histórica na França. *Revista Espaço Plural*, ano X, n. 21, 2º semestre, p. 33-42, 2009, p. 41.

³⁸PERROT, Michelle. *As Mulheres ou os silêncios da História*. Bauru: EDUSC, 2005, pp.29-43.

significações do contexto e não poderiam, portanto, ter uma conotação naturalizada³⁹.

As mulheres não foram as únicas a sentirem a opressão. Homens de camadas mais simples e negros também foram deixados de lado. Nesse sentido, as categorias *classe* e *etnia* colaboraram para que a História das Mulheres ganhasse força, em meio aos estudos historiográficos. Nesse sentido, Joan Scott por meio do artigo: *Gênero, uma categoria útil de análise histórica*⁴⁰ preocupou-se em teorizar sobre Gênero para que este ultrapassasse os limites “impostos” por outras linhas de pesquisa, incentivando os estudos de experiências masculinas e femininas do passado, mas também dentro da própria Academia, isto é, para que houvesse uma reformulação das práticas históricas políticas, econômicas, sociais (guerras, diplomacia) e não somente nos assuntos em que a presença de mulheres, crianças e mães fosse massiva.

A historiadora sugere que não se coloque o conceito do que é ser um homem ou mulher em oposição, já que as diferenças entre esses dois são construídas de acordo com o contexto de cada sociedade. Neste último aspecto Scott⁴¹ diferenciou-se das historiadoras/es sociais, já que para ela o termo gênero deve ser analisado dentro de perspectivas mutáveis, variáveis e contraditórias, nas quais as historiadoras/es deveriam observar o modo como os discursos subjetivos são construídos socialmente, a fim de compreender as relações de poder entre os sexos. Scott almejou criar uma ferramenta analítica para as feministas discutirem as práticas atuais e não somente as do passado. Esta era a sua ideia do fazer histórico relacionado ao gênero⁴².

³⁹PEDRO, Joana M.; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 54., vol.27, 2007, pp.282-296.

⁴⁰SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

⁴¹Nessa pesquisa não nos propomos a compreender as diferenças teóricas entre os pós-estruturalistas e a História-Social. Compreendemos que ambas contribuem para esse trabalho. PEDRO, Joana M.; SOIHET, Rachel. Op.cit.2009, p.291.

⁴²Sabemos que muitas historiadoras/es têm procurado teorizar sobre gênero e que as ideias vinculadas a Scott já foram amplamente questionadas. Linda Nicholson, também historiadora, atuou revisando exatamente o pensamento de Joan Scott, apontando que, assim como os discursos sobre o sexo determinam os gêneros, os discursos sobre gênero

Com essas considerações afirmamos que as mulheres sempre estiveram presentes na História, entretanto na historiografia somente há algumas décadas começaram a ser analisadas devidamente. Michelle Perrot questiona se as mulheres do século XIX que reclamavam do preço do pão não pensavam em nada, ou se as mulheres abastadas que desfilavam vestidos e jóias nos salões também não teriam nada a dizer⁴³. Acreditamos que sim, mas o julgo de homens (em geral historiadores no sentido masculino) não permitiu que elas fossem ouvidas amplamente. Suas vidas se alteraram significativamente quando estiveram entre o campesinato e as cidades no século XIX, de donas de casa a empregadas domésticas ou de indústrias.

Nesse contexto, a sociedade patriarcal que predominou até o século XVIII passou a não comportar mais os anseios da modernização e do início do capitalismo. Para Richard Sennet – o autor analisa meados de 1750 no Antigo Regime - até o século XVIII as pessoas não tinham a vida pública nitidamente separada da vida privada⁴⁴. Contudo, as relações foram alteradas com a migração e a urbanização ocorridas nas sociedades. O crescimento vertiginoso de estranhos nas ruas fez com que homens e mulheres tornassem o lar um refúgio. E ainda, como nos lembra Sennet,

também determinam o tratamento dado aos sexos. Neste sentido, destacamos ainda a filósofa Judith Butler que, após causar muita polêmica com sua teoria sobre performatividade de gênero no seu livro amplamente citado: *Problemas de Gênero*, ocupou-se, em obra posterior intitulada: *Cuerpos que importam*, a acalmar a repercussão de seu título anterior. Neste, Butler, ao final, afirma que o mais importante não é a eleição de uma categoria mais adequada, referindo-se à categoria mulher ou mulheres, e sim a maneira crítica com que ela será tratada, em função de, segundo a autora, todas as categorias serem detentoras de exclusões que precisam ser relevadas. Ver: BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 25-46. BUTLER, Judith. *Cuerpos que importam*. Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002. p. 95-142. NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*. Florianópolis, vol.8, n.2, pp. 09-41 Florianópolis: UFSC, 2009; PEDRO, Joana M.; SOIHET, Rachel. Op.cit., 2009. NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*. Florianópolis, vol.8, n.2, pp. 09-41 Florianópolis: UFSC, 2009; PEDRO, Joana M.; SOIHET, Rachel. Op.cit., 2009.

⁴³PERROT, Michelle. *As Mulheres ou os silêncios da História*. Bauru: EDUSC, 2005, pp.29-43.

⁴⁴SENNET, Richard. *O declínio do homem público*. As tiranias da intimidade. São Paulo: Cia das Letras, 1998, pp.30-40.

antes do avanço do capitalismo o comerciante deveria despertar o interesse de compra pelo produto, diferente dos novos tempos, em que consumismo, o crediário, as lojas de departamentos e a plêiade de produtos passaram a atrair o comprador por si só⁴⁵. Para o autor, essa falta de diálogo foi responsável pela diminuição nas relações de interação social. Sobretudo papéis públicos continuaram a existir como estereótipos criados da personalidade, construções em meio a grupos sociais, ou seja, estratégias para se estar no mundo público.

Segundo a historiadora Susan Besse, um aumento significativo na industrialização foi sentido na Europa após 1870, um momento que refletiu no Brasil, proporcionando ferrovias e navios a vapor, já que o Brasil era exportador de produtos primários⁴⁶. Sendo assim, o país passou a investir em bancos, empresas de serviços públicos e as primeiras indústrias. Nesse contexto, as mulheres tornaram-se mão de obra barata e necessária, ao mesmo tempo em que o emprego público tornava-se uma excelente opção para colaborar com a renda familiar. Algumas mulheres, que antes eram reclusas, começavam a desfilar pela cidade a trabalho ou para irem às compras, maquiadas e com roupas mais leves (em relação aos corpetes do século XVIII). Mas foi o mesmo sentimento de que o modelo de família nuclear e burguesa poderia se alterar, devido ao trabalho e à exposição das mulheres, que manteve as mesmas desempenhando tanto as funções do lar, quanto as que o país requisitava.

O lar, especialmente o burguês, tornou-se o reduto de defesa, de descanso e por isso deveria ser preservado⁴⁷. Se a família era o futuro do país, especialmente as crianças – a infância que necessitava ser cuidada - as mulheres continuavam responsáveis por elas, já que o “mundo” privado lhes era sinônimo. Neste viés, o mundo privado tornou-se um espaço das mulheres, o qual não poderia ser dos homens, já que estes, pelo “bem” de sua família, deveriam ser vitoriosos no mundo público. Mais do que antes, a

⁴⁵Idem.

⁴⁶BESSE, Susan. *Modernizando a desigualdade*: reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil 1914-1940. São Paulo: USP, 1999, pp.13-40.

⁴⁷Idem.

ordem da família burguesa continuou a definir os lugares das mulheres, mas dessa vez o mercado de trabalho instigava a sua presença no mundo público. Em fins do século XIX e início do XX elas passaram a frequentar com mais ênfase, portanto, os lugares públicos, a fim de trabalhar em fábricas, escritórios, repartições, escolas, lavanderias, magazines, igrejas e cafés, em geral desempenhando funções que eram menos valorizadas se comparadas às desenvolvidas pelos homens, um fator que afirmava a sua dependência do homem no sentido financeiro⁴⁸. A intelectualidade, a Medicina, o Direito, a Política continuaram sendo campos predominantes masculinos; eles permaneceram os chefes de casa⁴⁹, enquanto representavam as famílias fora dos lares. Nesse sentido, as relações de gênero vigentes, baseadas em diferenças pré-estabelecidas nos gestos e nas funções, definiram quais seriam os lugares das mulheres e dos homens durante a República, por meio da educação, de práticas de higiene, entre outros.

1.3 FORMANDO MULHERES COMO MÃES PATRIOTAS EM PRINCÍPIOS DA REPÚBLICA

A educação burguesa também deveria colaborar na manutenção da hierarquia entre os sexos considerada ideal. Nesse viés, almejamos compreender melhor o espaço e a época de Castellano. Pensando que a educação recebida por Castellano estava carregada de princípios esperados das mulheres e dos homens, buscamos compreender como nas escolas em que Castellano estudou havia estratégias para legitimar essas diferenças.

A modernização de Curitiba foi acentuada com a inauguração da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba, em 1885⁵⁰.

⁴⁸Idem.

⁴⁹O Código Civil Republicano de 1916 reconhecia que as mulheres poderiam trabalhar fora, mas o homem deveria permitir e permanecer o chefe da casa. HAHNER, June. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003, p. 191.

⁵⁰DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de Prazer: a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Ed. Unicamp, 1999, pp. 23-45.

Esta favoreceu o caminho já aberto desde a inauguração da Estrada da Graciosa, entre Morretes e Curitiba, principalmente a quem residia na capital, causando uma maior comodidade para receber produtos da região portuária e para se chegar ao litoral. Fato que colaborou para com a abertura de casas bancárias e indústrias, além do aumento populacional de novos comerciantes e visitantes que renovou os ares provinciais. Em 1902 eram contadas fábricas de gasosas, fundições, tecidos, borracha, meias, entre outras, de origem alemã, brasileira, italiana e que estavam misturadas aos açougues, às padarias, às charutarias, aos moinhos, aos estúdios fotográficos e tantos outros⁵¹.

As ruas foram calçadas, as fachadas esteticamente modificadas, enquanto os “passeios” alargados. As linhas de bonde construídas permitiram um aumento no fluxo da cidade, assim como o deslocamento de uma nova população que se mudava para Curitiba a fim de viver naquele meio em que o comércio, a indústria e as casas bancárias tinham tendência a crescer⁵². Os grandes produtores de mate também tiveram suas vidas alteradas, visto que antes muitos tinham de morar mais próximos a Paranaguá para facilitar o escoamento da produção. Com a construção da estrada de ferro, puderam transferir suas casas luxuosas para Curitiba, transformando bairros como o do Alto da Glória e Alto da XV em lugares de residência de alto padrão. Nesse período, a periferia cresceu devido à vinda de imigrantes italianos, portugueses e poloneses⁵³, mas também, de acordo com o historiador Cláudio DeNipoti, nessa época Curitiba vivia um processo de higienização, devido ao crescimento e à urbanização, leis fiscais e sanitárias foram criadas, processos que acarretaram no afastamento de pessoas mais pobres para a periferia⁵⁴. Inovações urbanísticas e literárias, estas mais evidenciadas no terceiro capítulo, fizeram parte dos resultados da busca pelo nacionalismo e mais especificamente, por uma identidade regional paranaense.

⁵¹TRINDADE, Etelvina M. C.. Op.cit., 1996, pp. 27-98.

⁵²O historiador afirma que nos anos da década de 1910 Curitiba crescia “60 famílias” por mês, com cerca de 50 mil habitantes em 1911. DENIPOTI, Cláudio. Op.cit., 1999, pp. 23-45.

⁵³TRINDADE, Etelvina M. C.. Op.cit., 1996, pp. 196-296.

⁵⁴DENIPOTI, Cláudio. Op.cit., 1999, pp. 23-45.

A historiadora Larissa Seixas aponta que a virada do século XIX para o XX foi marcada pela aparição de diversas ideias, entre elas a maternidade, vista como a ação reprodutora das mulheres, foi algo reforçado a fim de promover uma maior participação feminina em relação à Nação⁵⁵. Portanto, dois aspectos vão nortear algumas discussões relativas à formação republicana: a educação primária (principalmente) nas escolas e a participação das mulheres nos novos preceitos patrióticos. Ambas as características apontavam nas mulheres e nos homens os componentes que colaborariam na formação do progresso do país.

A historiadora Etelvina Trindade afirma que o ensino público primário laico, durante a Primeira República, serviu para a disciplinarização e transmissão da mensagem patriótica, através de hinos cantados, comportamentos disciplinados e o incentivo da participação cívica⁵⁶. Além disso, houve um aumento no número de escolas, a valorização do Ensino Secundário, cuja proposta, em geral, era de um ensino profissionalizante em cinco anos, como ocorria no *Gymnasio Paranaense*⁵⁷, ou quatro anos para a Escola Normal.

Em consonância a esta época era comum as mulheres serem vistas como símbolos e peças chaves na formação das futuras gerações. Junto a este sentido, a educação⁵⁸ foi um dos principais meios pelo qual as mulheres defenderam a igualdade entre os sexos, isto é, nesse contexto as mulheres compreendiam o

⁵⁵SEIXAS, Larissa Selhorst. “*O feminismo no bom sentido*”: o Centro Paranaense Feminino de Cultura e o lugar das mulheres no mundo público (1933-1958). Curitiba: UFPR. Dissertação de Mestrado, 2011.

⁵⁶Segundo Trindade, entre 1890-1930 existiram cerca de 90 escolas em Curitiba entre particulares e públicas, contando com as que abriram e fecharam nessa mesma época. Ainda na década de 1910 já existia um maternal e três jardins de infância. Entre as escolas, inauguraram uma espírita, sete evangélicas, dez católicas e o restante (maioria) de ensino laico. Algumas, como o *Gymnasio Paranaense*, tinha fortes influências neopitagóricas (Dario Vellozo) e de correntes maçônicas até meados da década de 1920. TRINDADE, Etelvina M. C.. Op.cit, 1996, pp. 23-31.

⁵⁷Ibidem, pp.22-87.

⁵⁸Ressaltamos que a educação a que nos referimos era a destinada a um público mais abastado, ou seja, a educação secundária e Superior, mesmo durante a República, continuou restrita. Aquelas que pertenciam a classes que não estavam entre a “elite”, em geral tiveram mais dificuldade para estudar. Ver: **SAFFIOTI, Heleieth. A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

termo “igualdade” como um sinônimo de oportunidades equivalentes no ensino, sendo este um meio para a emancipação e a ampliação de direitos civis⁵⁹. Alguns setores da República viram na educação um meio de propagar os seus interesses: incentivar o civismo, a disciplina, a ordem e o progresso e por estes motivos, apesar do conservadorismo mantido quanto à maneira como as mulheres participariam, estas puderam aproveitar as brechas dessas novas oportunidades e aos poucos, durante o século XX principalmente, conquistar novos meios de conhecimento, de educação, de trabalho.

Muitas mulheres conquistaram direitos ainda no fim do século XIX, como o acesso ao Magistério, o qual era visto como uma continuidade do trabalho das mulheres no lar, uma ideia aceita pela sociedade em geral, por ser uma extensão da educação que as mulheres tinham que dar às filhas/os. Os limites entre o público e o privado estavam sendo alterados e, neste caso, as mulheres passaram a frequentar alguns novos lugares, como o Ensino Superior. Nesse sentido, a escola republicana modificou a educação para que esta continuasse a perpetuar alguns preceitos em que as mulheres “deveriam” ser educadas, mas de acordo com os novos lugares conquistados⁶⁰. Ressaltamos que o acesso à Educação Superior conquistado era destinado a algumas mulheres de elite, já que nem todas obtinham consentimento dos maridos para estudar ou condições para pagar.

Leonor Castellano, como outras, conviveu com algumas das oportunidades conquistadas na República, tais como: acesso ao ensino tanto primário, quanto secundário; uma sociedade mais intelectualizada. Quanto a sua educação escolar sabemos que no

⁵⁹June Hahner discute em seu livro “Emancipação do Sexo Feminino”, como desde o século XIX as mulheres já viam na Educação uma forma de diminuir as diferenças de gênero. Principalmente de classes mais abastadas. O feminismo de primeira onda caracterizou-se pela busca de direitos civis, isto é, o sufrágio, acesso ao ensino. Bertha Lutz, brasileira e que havia estudado na Europa, conseguiu reunir as ideias em uma “associação” chamada Federação Brasileira do Progresso Feminino”, a qual buscou formular projetos que resultassem na igualdade civil entre homens e mulheres. Ver: HAHNER, June. Op.cit., 2003.

⁶⁰Idem.

primário⁶¹ teve como professora Júlia Wanderley, no Grupo Escolar Tiradentes, uma escola pública tradicional naquele contexto, localizada no centro de Curitiba. As escolas primárias do início da República, embora fossem públicas, isto é, para atender qualquer um que almejasse estudar, beneficiavam apenas parte da sociedade. Isso ocorria devido às direções destas instituições, de um modo geral, serem de professores renomados e intelectuais, como Mariana Coelho, Júlia Wanderley, Dario Vellozo⁶², fazendo com que as filhas/os das famílias mais tradicionais, ricas ou intelectualizadas ocupassem os bancos escolares, em sua maioria. Ao mesmo tempo, famílias mais simples tinham que contar com a ajuda das filhas/os na renda do lar e por isso também não insistiam que frequentassem escolas. Este é um dos elementos que nos fazem sugerir que a vida financeira de Leonor Castellano, desde o início, foi senão rica, confortável.

A educação escolar fosse ela laica ou religiosa dava incentivo ao estudo da História, da língua e da Geografia brasileira, mantendo-se relacionada com a Educação Moral e Cívica. Ensinamentos que estavam vinculados a uma exaltação das belezas naturais, como se deste modo, o cidadão/cidadã estivesse colaborando para com a identidade nacional. Na escola primária de Castellano os trabalhos manuais de sábado eram bastante comuns às meninas e, segundo Etelvina Trindade, aqueles momentos tinham a intenção de oferecer um ensino prático às meninas, já que as consideravam futuras donas de casa; enquanto aos homens poderiam ser acrescidos ensinamentos de um ofício e enfatizadas aulas de ciências e de matemática⁶³. Porém, em nosso entendimento, as aulas citadas reforçavam a diferença no comportamento esperado de ambos os sexos, isto é, a proposta de

⁶¹NICOLAS, MARIA. *Pioneiras do Brasil*, estado do Paraná. Curitiba: [s.n.], 1977.

⁶²Dario Vellozo (1869-1937) nasceu no Rio de Janeiro e faleceu em Curitiba. Deu aulas de História no *Gymnasio Paranaense* e na Escola Normal. Fundou o Instituto Neopitagórico em 1914. Este simbolista também está entre os fundadores do Centro de Letras. Era amigo de Silveira Neto, autor da obra *Luar de Hinvverno*, de 1900, cuja importância está no reconhecimento que o simbolismo paranaense alcançou nos meios literários da capital do país, já que o autor, apesar de paranaense, residiu a maior do tempo no Rio de Janeiro. TRINDADE, Etelvina M. C.. Op.cit., 1996, p.44.

⁶³Ibidem, pp.53-62.

ensino dava continuidade ao papel da “mulher-mãe”, como podemos verificar na fala da professora e diretora Júlia Wanderley: *Aos sábados, sob direção competente, as internas consertam as próprias roupas e há horas reservadas ao ensino de bordado e outros trabalhos finos de agulha. As alunas têm uma aula de corte, onde aprendem a fazer vestidos e outras peças de vestuário e há tempo reservado às sextas-feiras para aprenderem a fazer doces.*⁶⁴

Júlia Wanderley acreditava que a escola era o espaço em que a moral da criança seria moldada, sendo a do menino como *um homem para família, o indivíduo para a sociedade e o cidadão para a pátria*⁶⁵, enquanto a menina era vista como responsável pela unidade familiar, e que fora do lar representaria os interesses da sociedade e da Nação. Na escola de Wanderley – e de outros grupos escolares de Curitiba – vemos o ensino como uma estratégia normatizadora, um instrumento de legitimação de regras. Desse modo constatamos que as mulheres passaram a aumentar o número de carteiras ocupadas nas escolas a fim de participar dos novos ares da Nação ao aprender e ter uma profissão. A própria Júlia Wanderley havia lutado para se tornar uma professora, pois foi pessoalmente pedir ao governador do Estado para adentrar a Escola Normal. Entrementes, a participação em novas profissões no Magistério, de algumas mulheres, como Júlia Wanderley, estava corroborada com outra ideia, a de que as mulheres como mães e donas de casa colaborariam ao educar os futuros “cidadãos da pátria”.

A portuguesa radicada no Brasil, Mariana Coelho⁶⁶, que foi feminista e literata, tinha a sua profissão de “professora”

⁶⁴WANDERLEY, Júlia. Relatórios, 1906, p.21. In: apud TRINDADE, Etelvina M. C.. Op.cit.1996, p.55.

⁶⁵Ibidem, p.31.

⁶⁶A escritora é autora do livro *A evolução do feminismo*: subsídios para sua história, sobre o qual falaremos mais no segundo capítulo. COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo*: subsídios para sua história 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná 2002. Mariana Coelho nasceu em 1857 em Saborosa – Vila Real, Portugal. Filha de Manoel Antonio Ribeiro Coelho e de Maria do Carmo Teixeira Coelho, irmã dos poetas Teixeira Coelho e Thomaz Coelho. Mudou-se para Curitiba no ano de 1892, onde trabalhou como educadora, escritora e jornalista. Participou na fundação e direção do Colégio Santos Dumont e da Escola Profissional Feminina República Argentina (hoje é o Centro Estadual de Capacitação em Artes Guido Viaro), ambas em Curitiba. Além de

reconhecida e respeitada em seu contexto, devido a sua experiência em papéis desempenhados na Escola Americana, na Escola Santos Dumont, entre outras. Vemos nessa professora os exemplos esperados das mulheres intelectualizadas do início do século XX, isto é, mulheres que mantinham seus papéis nos lares, mas insistiam em defender novos lugares de atuação delas, como ocorre na seguinte afirmação de Mariana Coelho: *o sexo feminino, da mesma forma que o masculino pode, socialmente falando, subir a escada do progresso até onde as próprias forças intelectuais lhe permitam, sem jamais abandonar o seu primordial e simpático papel, que sempre representará, vitorioso, no lar*⁶⁷. Desse modo, compreendemos que Mariana Coelho, tal como Júlia Wanderley, acreditava que com a educação intelectual e cívica direcionada às meninas e aos meninos de suas escolas, juntamente à “predisposição” das mulheres aos papéis de mãe/esposa, a Nação atingiria um progresso em relação à cidadania e à participação política de ambos os sexos.

A ideia de que as mulheres deveriam ser vistas como educadoras dos homens que fariam o país progredir era incentivada também pelo Positivismo. Segundo Trindade, este foi um ideal notório nos escritos literários, apesar de não ter um grande alcance⁶⁸. Auguste Comte julgava que as mulheres tinham dons em manter uma moral adequada para uma família. Exatamente esta qualidade que deveria ser uma das diretrizes para se estabelecer uma Pátria com “Ordem e Progresso”. Para isto ocorrer, a sociedade deveria esquivar-se de seus direitos individuais em prol do bem coletivo⁶⁹. Ademais, o Positivismo atribuía às mulheres a Economia Doméstica e Cívica e o magistério, pois neste trabalho,

colaboradora para diversos jornais sobre questões das mulheres e do livro *Emancipação do Sexo Feminino*, escreveu ainda o *Paraná Mental*, o qual foi premiado no ano de 1908, na cidade do Rio de Janeiro, na Exposição Nacional. Informações em NICOLAS, Maria. Op.cit., 1977, pp.66-69.

⁶⁷COELHO, Mariana. *Chronica da moda*. Curitiba: Diário da Tarde, 1901, p. 1 apud, TRINDADE, Etelvina M. C.. Op.cit.1996, p.88.

⁶⁸João Pernetá, em 1823 fundou em sua casa o Centro Positivista Paranaense. TRINDADE, Etelvina M. C. Op.cit., 1997, pp.70-76.

⁶⁹STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, v. 2, p. 166 – 178.

mesmo estando fora do lar, ainda estaria ao lado dos filhos⁷⁰. Mas não havia uma ênfase em outras profissões que as mulheres poderiam ter e, neste caso, Trindade aponta que a República precisava da mão de obra feminina e, além disso, o próprio feminismo defendia o sufrágio e a participação em diversos setores da sociedade. Mesmo assim, o Positivismo influenciou veladamente as relações de gênero vigentes⁷¹, pois notamos que na escola em que Castellano deu continuidade a seus estudos havia a disciplina de Economia Doméstica, o que nos sugere que ela tinha esse conhecimento e pode tê-lo propagado.

Castellano concluiu o Intermediário na Escola Americana de Curitiba, uma escola particular pertencente à rede *American Foreign Board*. Apesar de ser um reduto protestante, as fontes escritas por Castellano ao longo de sua vida fazem-nos acreditar que ela era católica⁷², porém isso não quer dizer que sempre tenha sido de tal religião e também não era um impedimento para estudar em uma escola evangélica.

Na Escola Americana, cada aluno possuía sua lousa e livros didáticos. O ensino de línguas era bastante variado, incluindo o alemão (especialmente para os imigrantes), o espanhol, o inglês e o francês, além de estudo da gramática, das ciências naturais, das línguas, aulas de música e a leitura de clássicos da literatura. A escola possuía uma vasta biblioteca, onde várias revistas e livros do país e do exterior poderiam ser encontrados. Uma escola que oferecia às mulheres um conhecimento intelectualizado, ao mesmo tempo em que mantinha um ensino voltado às características do lar, por meio da Economia Doméstica e de etiqueta⁷³. Tanto na concepção de ensino do Grupo Escolar Tiradentes, quanto na Escola Americana a *Ordem* e o *Progresso* do país seriam alcançados por meio da transmissão da moral altruísta da sociedade e do conhecimento das ciências naturais, físicas e sociais ensinadas nas escolas.

⁷⁰TRINDADE, Etelvina M. C.. Op.cit.1996, pp.43-59.

⁷¹Idem.

⁷²Em diversas fontes ao longo da trajetória de Castellano, a autora remete-se a Maria, como uma Santa que poderia interceder pelas mulheres e a humanidade. Entre elas: CASTELLANO, Leonor. *Figuras de ontem e hoje*. Curitiba: Centro de Letras, 1953.

⁷³ABREU, Geysa S. Alcoforado. Op.cit. Acesso em 09/12/2010.

As normativas do Estado⁷⁴ também se referiam aos nomes importantes para a História, gerando uma educação cívica, moral e patriótica, assim como, enfatizando a Geografia através de mapas. Nas escolas, o hasteamento das bandeiras, como também as declamações aos grandes escritores, os hinos cantados e as datas cívicas escolhidas demonstram que uma disciplina compunha o quadro idealizado pela República. Vemos estes momentos como ocasiões em que meninas e meninos eram unidos sem distinção de gênero, um ato que pretendia mostrar uma união cívica em torno da Pátria, ao mesmo tempo em que escondia as diferentes regras para que estivessem ambos os sexos naquela solenidade.

Mencionamos “diferentes regras” para a educação baseados em uma fala de Júlia Wanderley, pois não é somente no fato de ter aulas de bordado e pintura que notamos diferenciações. Segundo a professora, não havia distinções de ensino, com exceção das aulas de arte que apontamos, mas ao citar o cotidiano das escolas no ano de 1906, alegou que as aulas de ciências eram ensinadas às meninas quando sobrava tempo das outras aulas. Portanto, apesar desse ensino científico transparecer uma mudança no ensino escolar (quando ocorria), do mesmo modo revela que tais ensinamentos eram para que as meninas tivessem uma boa saúde, já que seriam mães/esposas dos cidadãos. Essa ênfase está relacionada, segundo Trindade, às práticas do Exército, no que se refere à educação física, à disciplina e aos tipos de exercícios direcionados para a saúde e submissão de seus componentes⁷⁵. Tal atitude tinha a intenção de que as meninas e os meninos tivessem boa saúde e coordenação, para que no caso delas, pudessem gerar bons filhos/as, ao mesmo tempo em que diminuiria os problemas de saúde do Estado.

A preocupação voltada ao corpo, como um elemento que demonstra uma disciplina para a efetivação da Ordem e do Progresso, é analisada pelo historiador Nicolau Sevcenko⁷⁶.

⁷⁴CÓDIGO DE ENSINO DO ESTADO DO PARANÁ. Decreto n.17. *Da organização geral do ensino primário*. Curitiba: Typ. d' A República, 1917, p.19. TRINDADE, Etelvina M. C. Op.cit, 1996, pp.95-96.

⁷⁵Ibidem, p.32.

⁷⁶SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 2009, pp.23-88.

Segundo este, novos ideais formadores da consciência coletiva paulistana nos anos de 1920 foram precisos, diante de uma proliferação de fábricas, operárias/os, etnias e urbanidades. Eram muitas as experiências no contexto cultural e social, sendo assim novos estilos e tradições coletivas deveriam ser definidos. Nesse sentido, o esporte, por sua vez, tornou-se um dos alvos, para que a cidade e o país demonstrassem uma união, a Ordem e o Progresso da Pátria. Competições no futebol e no atletismo eram orientadas por diversos clubes, e, além disso, demonstrações da união e da força do país poderiam ser demonstradas na disciplina e no exercício das potencialidades físicas. O adestramento físico, os hábitos de higiene no cotidiano, a regularização de normas a fim de que a sociedade se tornasse limpa e sadia estavam relacionadas à disciplina que um povo deveria demonstrar, numa época em que se buscava a “regeneração da raça”.

Percebemos que havia no Brasil, em geral, tendência em se formar um país, em “criar” cidadãos e cidadãs. Bourdieu defende que as escolas possuem uma cultura arbitrária (manipulada), em que o seu poder de dissimular os ideais é repassado como neutro em relação às diferenças sociais, através do discurso de que o acesso a uma escola (pública nesse caso) é para todas/os sem distinção de classe e cultura⁷⁷.

Ressaltamos que o processo educacional era em geral laico, mas a própria moral cristã era vista por muitos intelectuais, como Euclides Bandeira⁷⁸, como um bom agente regularizador,

⁷⁷O capital cultural trazido pelo aluno/a, ou seja, o modo como foi ensinado em casa e no espaço ocupado da escola, dentro da hierarquia escolar, desenvolve-se mediado pelo capital econômico e social (com que convive). Se os pais e alunos/as souberem esses aspectos do capital cultural podem se desenvolver melhor e ter um bom retorno quanto ao ensino. Observamos, além disso, que as famílias de uma ou de outra classe social não são homogêneas, dependendo das diferenças religiosas, das características rurais ou urbanas. BOURDIEU, Pierre. *Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁷⁸Euclides da Motta Bandeira e Silva, descendente dos fundadores de Curitiba, nasceu naquela cidade, em 22 de novembro de 1876. Fez os estudos preparatórios em Curitiba, os quais continuou na Escola Militar do Rio de Janeiro. Após alguns anos retornou à cidade natal, passando a trabalhar como redator e diretor. Passou por diversas revistas, principalmente as simbolistas. Era membro da maçonaria, além de ter feito muitas campanhas anticlericais. Sua maior influência obteve no *Diário da Tarde*, no começo do século XX, um reduto repleto de jovens escritores, poetas, jornalistas que juntos no salão

através do qual a sociedade poderia manter os lugares adequados a homens e mulheres. Para Bandeira: *a educação feminina deve convergir [...] Ela é a pedra angular sobre que [...] repousa a perfeição humana, e dela emanam a felicidade da família, o engrandecimento e a prosperidade dos Povos*⁷⁹. Nesse sentido, Bandeira defendeu que as mulheres seriam “domesticadas” e preparadas para o seu fim triunfal: a maternidade, sendo assim, o conhecimento nas escolas deveria ser ampliado por meio de estudos científicos, noções de higiene sanitária, cuidados alimentares e de ordem social.

Segundo Trindade, algumas escolas curitibanas acataram as mudanças quanto à formação patriótica e à participação das mulheres⁸⁰. Exemplos disso são: a ordem empregada às idas ao banheiro, aos horários de chegada e de saída da escola, e ao intervalo, que embora fosse um “recreio” em relação à presença dos professores, também era vigiado. As notas, os boletins, a frequência, as grades curriculares escolhidas não pelas escolas, mas por um padrão determinado pelos municípios, em conjunto ao Estado, demonstram uma disciplina e uma organização na Educação. Um exemplo é que o aluno para obter o certificado tinha suas notas finais avaliadas por uma banca, mesmo no primário, e se fizesse os exames finais também seria registrado em seu certificado, sendo esta uma regra do Estado⁸¹.

Sabemos que a sociedade e os pais tinham expectativas em relação ao aprendizado das filhas e filhos, mas nesse trabalho não queremos afirmar que todas e todos que frequentaram as escolas no contexto estudado tornaram-se exatamente o que era esperado. Nesse sentido, lembramos algumas asserções do historiador Michel

de honra do jornal inauguraram o Centro de Letras. MOREIRA, J. *Dicionário bibliográfico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1957, p.577.

⁷⁹TRINDADE, Etelvina M.C. Op.cit, p.34.

⁸⁰A historiadora aponta que até mesmo o método de ensino de caligrafia aos estudantes da Escola Americana (onde Castellano estudou no Secundário) deveria demonstrar atitudes e posturas de acordo com o intelecto disciplinado. *Ibidem*, p.96.

⁸¹LEIS DE 1912. Curitiba: Typ do Diário Oficial, 1913, p.145, apud Trindade, Etelvina M. C. Op.cit., 1996, p. 92.

de Certeau, o qual caracterizou o conceito de *habitus*⁸² de Bourdieu, como estático. Para Certeau, os sujeitos históricos têm a capacidade de resistir ao que não desejam e escolher mesmo dentro de fronteiras estabelecidas pela sociedade, isto é, ações ativas dentro da passividade esperada: [...] *a uma produção racionalizada [...] qualificada de 'consumo': esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante*⁸³. Compreendemos, na presente pesquisa, que a educação foi um meio utilizado pela sociedade para formar indivíduos de acordo com as intenções das camadas sociais, entretanto, o caminho encontrado ao longo da vida, as circunstâncias culturais, podem alterar os espaços dos sujeitos.

O que podemos perceber é que o patriotismo e o nacionalismo eram incentivados nas escolas, a fim de formar a ideia de Nação brasileira, apesar das barreiras encontradas na imposição da disciplina na educação em relação às comunidades de imigrantes, que em muitos casos insistiam em propagar suas línguas e tradições maternas, ao invés de apoiar os conceitos nacionalistas brasileiros⁸⁴. A escola estava *intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida*⁸⁵, em produzir cidadãos ou cidadãs. O que queremos dizer é que as preferências, as posturas, a entonação da voz etc., foram incentivadas a fim de cooperar com as normas determinantes da sociedade. No entanto, as normas não foram imutáveis, pois dependeram também da reação dos indivíduos⁸⁶.

⁸²*Habitus*: conjunto de categorias construídas no meio social, familiar e escolar, nas quais as experiências são percebidas e transformadas. BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, pp.57-68.

⁸³CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. I. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p.39.

⁸⁴TRINDADE, Etelvina M. C. Op.cit., 1996.

⁸⁵LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1999, p.85.

⁸⁶O capital cultural trazido pelo aluno/a, ou seja, o conteúdo, o que já sabe, o modo como foi ensinado em casa, o espaço ocupado da escola dentro da hierarquia escolar, desenvolve-se mediado pelo capital econômico e social (com que convive). Observamos, além disso, que as famílias de uma ou de outra classe social não são

No caso das relações de gênero vigentes, a partir do momento em que crianças de condições financeiras iguais, ou consideradas do “mesmo” bloco, recebiam ensinamentos e ênfases diferentes, podiam desempenhar capacidades diversas também, motivo pelo qual seriam destinados a elas e a eles lugares de atuação diferentes. Isto é, as profissões destinadas às mulheres não eram as mesmas dos homens. Além disso, havia discursos referentes às mulheres convencendo-as que os lugares ocupados nas escolas eram devidos ao tipo de participação que teriam na sociedade, como mulheres trabalhadoras em diferentes áreas, em um misto entre a modernização da Pátria e o local naturalizado delas no lar.

Nesse sentido, percebemos que a educação destinada às meninas perpetuava normas sociais, porém também permitira a ampliação de suas participações no processo de crescimento do mercado de trabalho. Não obstante, acreditamos que o conservadorismo mantido na educação das mulheres era uma pequena característica diante do fato de elas terem alcançado em maior número os bancos escolares e, principalmente, as novas profissões. No caso de Castellano, um ensino intelectualizado em que ela poderia futuramente ter uma profissão ou a emancipação intelectual. Motivo pelo qual defenderia o acesso à Educação e de todas as profissões às mulheres.

1.4 EDUCAÇÃO E PÁTRIA DEFENDIDAS POR CASTELLANO.

Trouxemos a formação de Castellano, no que se refere ao Ensino Intermediário, porque posteriormente encontraremos vestígios dela em uma discussão com Flávio Suplicy Lacerda⁸⁷. O

homogêneas, dependendo de características como religiosas ou não, rurais ou urbanas. BOURDIEU, Pierre. Op.cit., 2005.

⁸⁷Flávio Suplicy de Lacerda (1903-1983), natural de Lapa (PR), foi engenheiro, um dos responsáveis pela unificação da Universidade do Paraná em 1950 e também reitor dela. Foi responsável pelo decreto publicado em 1966 que tornou o Ensino no Brasil voltado a

antagonista, na época, tinha por volta de 21 anos e teria⁸⁸ publicado algumas colunas que condenavam ações feministas daquele contexto. Castellano, por sua vez, utilizou o jornal *Gazeta do Povo*⁸⁹ para contestar as afirmações de Lacerda, como verificamos a seguir:

Quem vos escreve, não tem título algum a recomendá-lo; não pertence a nenhum grêmio, grupo ou associação; não sabe senão rabiscar toscamente algumas linhas [...] Trabalho, caro Sr. e honradamente, mourejo em diversos misteres, sei somar, sei Economia Doméstica e... Sou feminista. Não desejo me masculinizar porque compreendo a mulher tão apta como o homem e só reclamo o que de justiça nos pertence⁹⁰.

A citação permite-nos compreender que Castellano ainda não fazia parte de clube algum, apenas almejou defender o lugar “público” que as mulheres vinham alcançando. Esta publicação de Castellano deu-se em relação ao fato de Flávio Suplicy Lacerda contestar a atuação de feministas. Na leitura da resposta de Castellano, podemos sugerir que para o autor, as mulheres não cumpriam com suas “obrigações” de mães e esposas porque desejavam conquistar os lugares que pertenciam aos homens. Esse tipo de concepção de feminismo⁹¹ é corrente ainda nos dias de hoje, em que feministas são

uma perspectiva tecnocrática, um projeto da Ditadura Militar que tinha por intenção desmobilizar os grêmios e revoltas estudantis. Ver: <http://www.confea.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=2786&pai=4&sid=204&sub=197> Acesso em 10/06/2011.

⁸⁸Realizamos uma pesquisa árdua no que se refere às edições anteriores da *Gazeta do Povo* (período de seis meses) e constatamos que naquele jornal não há publicação de Flávio Lacerda nem alguma outra publicação que se refira às acusações de Castellano. Entretanto, em vista do número de periódicos daquela época é possível que ela tenha lido em algum outro e respondido através da *Gazeta*.

⁸⁹Fundado em 1919, por Plácido e Silva. Fazia parte do leque de periódicos paranistas. CARNASCIALI, Juril De Plácido e Silva. *De Plácido e Silva, o Iluminado*. Curitiba: Editora Oficina de Letras, 2000.

⁹⁰CASTELLANO, Leonor. Página Literária. Curitiba: *Jornal Gazeta do Povo*, 1924, janeiro, n. 1472.

⁹¹O movimento feminista da segunda metade do século XIX teve início com León Richier em 1869 fundador da “Le droits de la femme”, e em 1882, da *Ligue française pour le droit des femmes*, que tinha a finalidade de obter a igualdade entre os dois sexos. O termo Feminismo teria surgido nas décadas de 1870-1890 na França e

apontadas como mulheres desejosas de espaços "considerados" dos homens, apesar do feminismo, em seu teor, defender espaços iguais para todos, isto é, a busca é pela igualdade entre homens e mulheres.

Entretanto, o contexto do início do século XX era outro. Uma época em que as mulheres estavam aumentando os seus lugares nos empregos públicos, e em outras profissões, após séculos em que muitas vezes foram proibidas de falar, de sentir, de querer. Nesse sentido, compreendemos que nem todas/os da sociedade concordavam com as ideias feministas, o que fica claro quando Castellano argumenta que mesmo mantendo um conhecimento relativo ao lar, desejava desempenhar outras atividades, paralelamente. Importante ressaltarmos que naquela época ser considerada uma feminista, especialmente para as camadas sociais mais conservadoras, era uma ideia que poderia estar vinculada a estereótipos, aos quais elas não almejavam estar associadas, como "machonas", "sufraggetes"⁹². Nesse viés, analisamos que Castellano apropriou-se de ideais feministas com os quais concordava, e a resposta concedida a Flávio Suplicy Lacerda foi uma tentativa de demonstrar que o "feminismo da autora" estava relacionado ao patriotismo, no qual verificava o meio preciso para as mulheres alcançarem a Educação. Uma opinião com a qual Flávio Lacerda provavelmente não concordava.

Aferimos que Castellano nos anos de 1920, ou seja, com cerca de 26 anos, defendeu a Educação das mulheres, como outras de camadas abastadas, intelectualizadas ou mesmo mais simples, isto é, inconscientemente ou não, elas estavam abrindo caminhos, os quais foram solidificados no decorrer das décadas posteriores; um dos primeiros passos para que elas fossem emancipadas. O início do século XX (1910-1920) foi o tempo em que o feminismo apareceu pela primeira vez como uma onda. Sobretudo ressaltamos, segundo June Hahner, que ainda no século XIX, especialmente nas décadas de 1860 e 1870 já havia publicação de diversos jornais com reivindicações e

Inglaterra, cujas efetivas participações nos movimentos só se deram na primeira metade do século XX. A partir de 1890 muitos países já conheciam os preceitos feministas, principalmente a partir do momento que foi constituído, em 1901, o *Conseil national des femmes françaises* (CNFF), precursor de vários movimentos no mundo todo. Ver: <http://www.univ-ab.pt/investigacao/ceaa/actas/cova.htm> Acesso em 20/04/2010.

⁹²Feministas consideradas arruaceiras, responsáveis pela desordem e caos causados nas ruas e lares por meio de seus protestos. ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo. A luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1980, p.100.

discussões acerca das mulheres⁹³. Mas nas primeiras décadas de século XX, as manifestações feministas publicadas em jornais exigiam o sufrágio e desejavam um aumento no número de profissões destinadas às mulheres, além disso reivindicavam trabalhos no comércio e nas repartições⁹⁴. Apesar de ser notório desse tempo um feminismo libertário que buscava os direitos trabalhistas, representado por Maria Lacerda de Moura⁹⁵, os objetivos de um feminismo sufragista, como os de Bertha Lutz⁹⁶ foram os mais divulgados⁹⁷ até meados do século XX.

Tal influência chegou e se alastrou no Brasil, inclusive em Curitiba, como podemos averiguar na seguinte citação de Trindade: *Já o movimento feminista, desembarcado no Brasil na bagagem de estudante da líder Bertha Lutz, aporta em Curitiba na virada do século e desperta uma acirrada polêmica entre grupos antagônicos claramente delineados. Homens e mulheres filiam-se, de forma apaixonada, a favor ou contra seu ideário, envolvendo nomes conhecidos na cidade...*⁹⁸. A citação de Trindade refere-se ao feminismo de “primeira onda”, sobre o qual a autora aponta que a casa

⁹³Como *O Sexo Feminino*, de Francisca Diniz e *O Domingo*, de Violante Velasco. Ver: HAHNER, June E. Op.cit., 2003, p.136.

⁹⁴DUARTE, Constância L. Feminismo e literatura no Brasil In: *Revista de Estudos Avançados* – São Paulo: vol.49, 2003, p.9

⁹⁵Maria Lacerda de Moura e Bertha Lutz, no início, reivindicavam juntas alguns direitos para as mulheres. Mas no decorrer da amizade Moura preocupou-se mais com a falta de direitos trabalhistas para as mulheres, enfim, aquelas que sentiam em seus salários, no abuso do patrão e na falta de creches para seus filhos a falta de igualdade. Em contraposição, Lutz, de classe abastada, exigia o sufrágio, e este não seria a solução para os problemas apontados por Moura. Ver: HAHNER, June E. Op.cit., 2003.

⁹⁶Educada no Brasil, porém em 1918 concluiu seus estudos em Licenciatura em Ciências na Sorbonne, e posteriormente formou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Publicou diversos trabalhos na área biológica. Sua carreira política e feminista nunca estiveram separadas da sua profissional. Ainda no ano de 1918 passou a redigir semanalmente uma revista, em que convocava as mulheres brasileiras a compor uma “Liga de Mulheres Brasileiras”. Ver: HAHNER, June E. Op.cit., 2003, pp.273-294.

⁹⁷Segundo Susan Besse neste contexto havia o *feminismo católico*, o qual entendemos, segundo a autora, com diferenças significativas em relação ao de Lutz. Havia no primeiro a *Liga Brasileira das Mulheres Católicas*, entre outras, cuja base estaria na teoria de Jackson Figueiredo (discutido no terceiro capítulo); defendia a educação confessional das mulheres e a permanência destas nos lares. Entretanto, o que separa nossa análise e Castellano deste feminismo é o fato da mesma teoria alegar que as mulheres não deveriam almejar o seu espaço ou igualdade com os homens, permanecendo somente nos lares. Ver: BESSE, Susan. Op.cit., pp.218-220.

⁹⁸TRINDADE, Etelvina M. C..Op.cit, 1996, p.110.

de Leonor Castellano, junto a Panfilo de Assunção, entre outros, era palco de discussões que defendiam as novidades destinadas às mulheres⁹⁹. E, de acordo com as homenagens *post mortem* destinadas a Castellano¹⁰⁰, com o teor dos artigos que analisamos neste tópico, e com a própria confirmação da autora quando afirmou que conhecia a “*Economia Doméstica*” e era *feminista*¹⁰¹, é que dizemos que ela conhecia as ideias feministas da primeira onda, relacionando-as em uma perspectiva que envolvia o lar e os filhos ao patriotismo e às novas oportunidades das mulheres:

A mulher é mui especialmente a mãe Brasileira, consciente dos elevados e sublimes encargos lhes outorgados, em qualquer período da vida, na paz ou na guerra, no lar e na sociedade, não deixará nunca de ser o anjo tutelar de seus filhos, a organizadora de seu caráter, ela formará corações grandiosos, puros e nobres, ela implantará nas almas jovens os deveres sagrados de patriotas e cristãos e a sua pena será como espada flamejante que pelejará tanto em defesa da causa ardorosamente combatida, como em favor da Pátria estremeçada e amada.¹⁰²

A ordem e o progresso tão almejados pelos literatos, pelas escolas e autoridades estão vinculados à fala de Castellano, a qual foi educada primeiramente por Júlia Wanderley, dentro dos “predicados” desejados às mulheres, e depois dentro de uma escola religiosa (evangélica), a qual também preparava as mulheres para um bom casamento e a formação da família. E ainda, verificamos na citação de Castellano, a união entre o patriotismo e o cristianismo, como se a moral de uma boa família estivesse condicionada dentro de preceitos cristãos e patrióticos, os quais eram direcionados pelas mulheres, isto é, a *pena*, vista como uma *espada*, é o poder mantido das mulheres no lar sobre as filhas/os, sobre os ideais que poderiam ser ensinados a elas/es. Uma ação, na

⁹⁹Idem.

¹⁰⁰FRANÇA, Marita. Op.cit., 1969, pp.3-8.

¹⁰¹CASTELLANO. Leonor. Op.cit., 1924, janeiro, n. 1472.

¹⁰²Idem.

qual vemos uma oportunidade das mulheres terem voz, autoridade, um modo de influenciarem a sociedade.

A historiadora Céli Pinto afirma que no ano de 1910 a participação cívica das mulheres estava relacionada com os primeiros ideais sufragistas, divulgados na fundação do Partido Republicano Feminino no Brasil, como podemos verificar na seguinte citação: *O estatuto do partido dá uma ideia muito clara do que pretendiam essas mulheres: não pretendiam apenas o direito ao voto, mas falavam de emancipação e independência. Atribuía-m à mulher qualidades para exercer a cidadania no mundo da política (o patriotismo) e no do trabalho*¹⁰³.

Um movimento que ganhou força efetiva com a chegada de Bertha Lutz em 1922, que havia morado em Paris e por isso sabia dos movimentos feministas na Europa e até mesmo nos Estados Unidos. A feminista fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – a qual nos portaremos como FBPF - e por meio de diversas reuniões e congressos nos anos de 1920 e 1930 conquistou o sufrágio, direitos civis e trabalhistas para as mulheres. Trata-se de um grupo que não tentou conquistar uma plena “liberdade”, relacionada à sexualidade e às funções naturalizadas das mulheres pela sociedade da época. Elas questionaram o acesso à Educação, o direito de falar o que “pensavam”, mas não indagaram, em geral, as relações de gênero vigentes, isto é, o modo como se encontrava a hierarquia entre os sexos. Sobretudo, vemos essas mulheres como vitoriosas, visto que Bertha Lutz junto aos seus *lobbies* políticos, ou seja, devido a sua condição financeira e social, tinha bons contatos políticos, os quais proporcionaram um amplo reconhecimento neste meio, que por sua vez foi utilizado por ela para apregoar e conquistar ideais¹⁰⁴.

Percebemos o quanto as ideias de Castellano estavam imbricadas de valores de seu contexto, assim como, deu continuidade a muitos deles ao publicar esses artigos. Mas Castellano não parecia satisfeita com a missão de mãe, esposa e formadora dos cidadãos da Pátria. Ela citou *no lar e na sociedade*,

¹⁰³PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p.18.

¹⁰⁴*Ibidem*, pp.18-30.

o que nos mostra a sua defesa em relação ao trabalho público que as mulheres poderiam ter. A noção de que Castellano defendia o lugar público das mulheres, como algo conquistado efetivamente a partir do século XX em Curitiba, pode ser confirmado ainda no mesmo artigo, de 1924, quando Castellano pronunciou:

Raríssimos, hoje em dia se contam os países nos quais a mulher ainda conserva a sua primitiva inferioridade. Ah! Os homens, os homens eles é que deveriam ser os anjos guiares do lar, eles os possuidores de vozes doces, meigas, macias ao invés das barulhentas, tagarelas e demais adjetivos nos mimoseado gratuitamente. Como estão trocados os papéis! No seu pessimismo negro e cego, ainda tem ideias de se transformar em chefe de polícia maluco para acabar com a afronta que o feminismo vem fazendo à moral da família Brasileira! Outra coisa que o seu **(Flávio Lacerda)** exaltado antagonismo não aprova. A intromissão da mulher em cursos superiores. Para que tanto saber? Pois a educação da mulher deve ser rudimentar, saber somar¹⁰⁵. (o grifo é meu)

A troca de papéis, com ressalvas, não era realmente o objetivo de Castellano. Sugerimos que ela atribuiu aos homens também a missão de cuidar das filhas/os, já que considerava o patriotismo uma missão de ambos os sexos e nesta perspectiva não seria essa uma função somente das mulheres. Doravante, tentou apenas argumentar que apesar de ser essa uma função das mulheres, elas também poderiam se profissionalizar. Em seu contexto, as mulheres estavam conquistando novos lugares. A afirmação quanto ao direito do Ensino Superior de Castellano pode ser compreendida diante do fato de que em Curitiba no ano de 1925, de acordo com a pesquisadora Ana Maria Ganz¹⁰⁶, mulheres formadas em Medicina, Direito, Engenharia e principalmente no Magistério já eram conhecidas. Entretanto, não eram profissões tão

¹⁰⁵ CASTELLANO, Leonor. Página Literária. Curitiba: *Gazeta do Povo* 1924, fevereiro, n. 1489.

¹⁰⁶ GANZ, Ana Maria. Vivências e falas: trabalho feminino em Curitiba, 1925-1945 In: TRINDADE, Etelvina M. de Castro, MARTINS, Ana Paula Vosne. *Mulheres na História: Paraná – Séculos 19 e 20* – Curitiba: UFPR, 1997, p.96.

comuns, em vista do dinheiro e do tempo que deveriam ser empregados no decorrer do curso, algo que, em geral, só famílias abastadas permitiriam. A historiadora Ganz, por meio de suas fontes provenientes de uma coluna do jornal *Gazeta do Povo*, aponta que existiam muitas vagas abertas para mulheres, entre elas: floristas, leiteiras, confeitarias, parteiras, garçonetes, manicures. Além disso, donas de bares e pensões também apareciam oferecendo vagas ou em meio às confusões das páginas policiais. A historiadora discute que já havia instâncias públicas responsáveis pelo cadastro das mulheres e dos lugares em que elas trabalhavam, principalmente no que se refere à higiene e ao alvará dos locais, portanto relacionadas às normatizações que incluíam o trabalho de mulheres.

A respeito do acesso ao Ensino Superior, June Hahner¹⁰⁷ afere que no Brasil já havia mulheres em várias profissões, entretanto ainda era grande o preconceito. O próprio Magistério era um curso procurado justamente por ser um que os homens deixaram de lado quando as primeiras mulheres tornaram-se professoras. Não obstante, na Medicina, no Direito era comum as mulheres serem taxadas de masculinizadas e fracassadas no que se refere ao casamento, pois o sucesso profissional só poderia ocorrer se ocupassem o lugar dos homens e consequentemente falhassem nos lares. Essa ideia também pode ser compreendida quando verificamos asserções da historiadora Rachel Soihet¹⁰⁸, em que a autora traz uma discussão recorrente ao início do século XX, em que higienistas do Rio de Janeiro, ou mesmo Cesare Lombroso, apontavam a maternidade como algo que tornava as mulheres mais pacientes e altruístas, considerando mulheres inteligentes e emancipadas como “perigosas” para com a moral vigente, isto é, para com a felicidade da família.

Portanto, empregos que exigiam menos estudos, como datilógrafas e telefonistas, eram mais aceitos. June Hahner¹⁰⁹

¹⁰⁷HAHNER, June E. Op.cit., 2003, pp.188-206.

¹⁰⁸Cesare Lombroso era um médico criminologista italiano, que buscava compreender as causas dos crimes cometidos por mulheres. SOIHET, Rachel. Mulheres em busca de novos espaços e relações de gênero. In: *Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, vol.9, número1/2, Jan/Dez 1996.

¹⁰⁹HAHNER, June E. Op.cit., 2003, p.206.

afirma que as mulheres que ousaram adentrar a Medicina, o Direito e a Engenharia, nesse contexto, foram as que futuramente representaram o movimento sufragista, justamente pelo seu maior acesso político e financeiro. Nesse caso podemos compreender o porquê da relação entre o feminismo burguês/sufragista às mulheres intelectualizadas e abastadas. Essas mulheres faziam parte de camadas da sociedade onde não havia problemas relativos à saúde e higiene precárias, à fome, não dependiam de empregos em grandes indústrias onde seriam exploradas por patrões e até mesmo colegas, embora em casa pudessem ser subjugadas pelos pais, maridos e filhos. Deste modo, o feminismo sufragista está relacionando ao contingente, no qual a educação e emancipação cívica eram as reivindicações com as quais se preocupavam¹¹⁰.

As notas e listas de alunos/as de nível Superior eram sempre divulgadas em jornais em Curitiba. As amizades e as leituras de Castellano permitiram que ela soubesse que já existiam mulheres ocupando novas profissões. Na última citação, ao mencionar: *a moral da família Brasileira*, Castellano afirmou que as acusações eram “negras e cegas” em relação ao seu feminismo e sugeriu exemplos em que as mulheres realmente estavam se afirmando acima da desigualdade, quando passaram a frequentar o Ensino Superior, apesar da não aceitação de alguns. A Pátria que aceitou as mulheres no Ensino Superior, que não as via como semianalfabetas, é a Nação e o feminismo defendidos por Castellano. Para ela:

A mulher, em qualquer fase da vida, deve se aprimorar em qualquer trabalho útil à sua subsistência, e assim, em ocasião oportuna demonstrar o seu alto descortino moral, e não será a crítica despeitada dos antifeministas que a fará retrogradar no grande caminho já percorrido. Felizmente a mulher vai compreendendo, com lentidão embora, o quanto ela tem sido espezinhada em seus justos direitos. Sim a mulher, num esforço grandioso e belo, procura a sua emancipação **intelectual e pecuniária**, aí vem a grita dos rubros antifeministas, a chamá-la de

¹¹⁰PINTO, Céli. Op.cit.2003, pp.33-38.

ousada. Por quê? Dizem duas palavras, escrevem e... **Se sustentam, eis o grande crime!** De qualquer forma, não seremos jamais isentos de chistes e zombarias. Permanecendo em disponibilidade, ah! Que ironia de sorte somos as bonequinhas de salão, as senhoras nulidade, feitas somente para causar gracinhas no espírito de doutor... Almofadinhas.¹¹¹ (o grifo é meu)

Castellano defendeu que as mulheres poderiam desempenhar qualquer função na sociedade e que poderiam obter dessa forma a sua independência intelectual e financeira! Castellano almejou e apregoou a conquista de espaços públicos, pois foi secretária, funcionária pública e, dentro destas colocações envolveu-se com arquivos e bibliotecas. E ainda, a autora demonstrou que a intelectualidade, em suas várias formas, fosse por meio do direito ao Ensino Regular ou Superior¹¹², na escrita de um livro, ou através da convivência em meios literários, poderia abrir caminhos e oferecer oportunidades às mulheres, mesmo que estas mantivessem seus velhos postos. A boa “moral” das mulheres estaria em qualquer função que desempenhassem, isto é, ser apenas os “enfeites” do baile com gestos e danças suaves não era a intenção das mulheres, não no entendimento de Castellano.

A ideia de que mulheres poderiam ter acesso ao ensino superior ou mesmo aos empregos “voltados ao sexo masculino”, parecia inaceitável para uma parte da sociedade. Na fala de Castellano podemos perceber que ela defendia as mulheres que estudavam ou trabalhavam “fora” por conquistarem novos lugares, isto é, como afirma Telles sobre esse contexto, algumas mulheres condenavam *o discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão e definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem, mas, quando “usurpadora” de atividades que não*

¹¹¹Idem.

¹¹²Acreditamos que Castellano não está subestimando o conceito de educação. A questão é que desde o século XIX muitas mulheres já haviam conseguido chegar ao magistério, para justamente requisitar em primeira instância o direito de estudar. Nesse sentido, Castellano defendeu que todas as profissões podiam ser também das mulheres. Tema amplamente trabalhado no livro HAHNER, June E. Op.cit., 2003.

*lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do mal*¹¹³. Analisamos que Castellano tentou desvencilhar a ideia de incapacidade das mulheres poderem desempenhar funções do lar, ao mesmo tempo em que eram boas profissionais, em outras palavras, para Castellano elas não estavam tomando lugares dos homens nos espaços públicos, mas sim colaborando para com a sociedade, dentro e fora do lar.

Sugerimos que Castellano soube ver no seu contexto formas de expressar suas opiniões. Foi uma mulher que não casou, apesar de defender o casamento, não teve filhos, mesmo defendendo a educação desses, e conquistou a sua independência financeira; era uma mulher “moderna”, dentro de novos preceitos e sem abandonar a defesa dos tradicionais papéis das mulheres. Papéis que foram reforçados pela República através de escolas e da literatura; mas foi por meio da mesma Educação e da nova política que as mulheres puderam alcançar a intelectualidade mais efetivamente. Tal fato ocorreu a partir do momento que tiveram acesso ao conhecimento, às novas línguas, aos livros e às poesias.

Ao longo da História muitas mulheres sugeriram que a Educação era o meio pelo qual as mulheres e homens teriam as mesmas oportunidades. Percebemos que Castellano defendeu uma ideia semelhante a essa, ao propor que via na educação e nas características da composição social, formas de equiparar as oportunidades destinadas tanto aos homens quanto às mulheres, isto é, estas ao terem consciência dos lugares que poderiam ocupar, não seriam mais subjugadas. A entrada das mulheres no Ensino Superior e o trabalho fora do lar não simbolizam todas as ideias que Castellano parecia ter quanto à participação efetiva das mulheres para com a Pátria. Castellano apropriou-se de alguns preceitos, talvez justamente por ter um emprego público, por ter tido a oportunidade de estudar, de escrever, e por isso concordava com o acesso ao Ensino Superior e o sufrágio, como podemos verificar na seguinte passagem:

¹¹³TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: Del Priore, M. (org.). *História das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 403.

Penso como nobre escritora francesa em dizer que "se a mulher pode ser julgada e subir num patíbulo, da mesma forma ela pode ser eleitora para votar e juiz para julgar e condenar". Suponhamos que o Feminismo é uma política e eu, é claro, ainda sou adepta mas... Quem sabe se conseguirei ser eleita juiz do Supremo Tribunal do Paraná.¹¹⁴ **O fim primordial do Feminismo não é apregoar a guerra, o ódio, a risania. É uma manifestação contra os desarranjos e as barafundas sociais; é pugnar contra os poderes da destruição e ruína; e lutar em favor da crença, da raça, da família.** Em Washington as mulheres, amparadas nos direitos públicos, demitiram o prefeito de Seattle, por tolerar abertas as casas de taboagem e de má fama. Em França formaram três instituições; as enfermeiras visitantes, as super intendentas das usinas, as secretarias dos lares operários.¹¹⁵ (o grifo é meu)

A nobre francesa seria Olympe de Gouges¹¹⁶, na qual Castellano viu um exemplo ideal de uma mulher, que devido ao seu conhecimento pôde verificar as diferenças sociais instituídas entre os homens e as mulheres. A discussão em torno da universalização do sufrágio foi recorrente nos meios jornalísticos e revistas no início do século XX. Como já dissemos, Bertha Lutz foi quem comandou esse movimento no Brasil, o que provavelmente fez com que muitas reportagens sobre acontecimentos similares da Europa e dos Estados Unidos fossem aqui divulgadas. Quanto ao dos EUA é importante frisarmos que lá o movimento já era mais antigo e devido às influências do movimento sufragista, atos das feministas semelhantes ao grupo de Lutz eram conhecidos no Brasil¹¹⁷.

¹¹⁴CASTELLANO, Leonor. Op.cit., 1924, janeiro, 1472.

¹¹⁵CASTELLANO, Leonor. Op.cit.1924, fevereiro, 1489.

¹¹⁶Olympe de Gouges (1748-1793) ao perceber que a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* promulgada durante a Revolução Francesa não incluía as mulheres, as crianças e os escravos como cidadãos, propôs uma *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, que seria um complemento às limitações da declaração anterior. Nessa época, Gouges tinha 32 anos e havia se alfabetizado sozinha e, por inferir que a conduta social de seu tempo julgava o voto um privilégio exclusivo dos homens, acabou guilhotinada. Ver: GOLDENBERG, Miriam; TOSCANO, M. *A revolução das mulheres*. Rio de Janeiro: Revan, 1992, p.18.

¹¹⁷PINTO, Céli Regim. Op.cit., 2003, p.23.

Já a democracia do “momento” de Gouges era vista como algo que igualava os termos masculinidade e indivíduo¹¹⁸. As categorias de diferenciação para com esse indivíduo idealizado praticamente inexistiam diante de uma bandeira de “igualdade” levantada pela própria Revolução Francesa. Por isso, a única maneira de segregar mulheres, entre outros, era tornar a diferenciação um sinônimo de masculinidade, além de instituir algumas características psicológicas e físicas (no caso da mulher), o que, segundo os pensadores da época, gerava a redução da sua capacidade em governar, votar.

Neste caso, a historiadora Joan Scott afirma¹¹⁹ que a própria feminilidade era algo que reforçava a masculinidade como um indivíduo abstrato, isto é, a ideia e a forma como as mulheres eram vistas não eram entendidas como um oposto dos homens, mas representadas por eles, geralmente através do marido, pai e filhos.

Ainda, segundo Scott¹²⁰ a própria exclusão das mulheres na declaração de 1789 estimulou a luta por direitos iguais. Gouges acreditava que as mulheres tinham o direito de votar e serem votadas, o que nos permite compreender, portanto, que quando Castellano citou os exemplos de Gouges estava defendendo os mesmos direitos às mulheres curitibanas. Não muito longe de Gouges, na Inglaterra, em 1792, Mary Wollstonecraft publicou *Vindications of the Rights of Women*, uma obra que reivindicava às mulheres a mesma educação dirigida aos homens, ou seja, outra feminista que via que a igualdade pretendida pelas mulheres prejudicada através da forma com que a educação era transmitida.

No Brasil antes do contexto de Castellano, algumas mulheres defenderam o acesso igualitário à Educação. Uma delas, Nísia Floresta¹²¹ traduziu a obra de Wollstonecraft lançando a ideia de

¹¹⁸SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem* – Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002, pp.23-49.

¹¹⁹Ibidem, p.26 e p.50.

¹²⁰Ibidem, pp.23-104.

¹²¹Nascida no Rio Grande do Norte, em 1810. Considerada a primeira feminista brasileira. Foi educadora, escritora e feminista republicana e abolicionista. Em sua estada na Europa teve contato com obras feministas, como a que traduziu. Por isso tem grande importância na disseminação de ideias feministas em meados do século XIX no Brasil. Nísia Floresta fez uma adaptação à realidade brasileira da obra, tanto que o título

que a educação era o modo de igualar os direitos entre os sexos, e ainda, de diminuir as diferenças estereotipadas das mulheres. A historiadora Constância Duarte levantou uma questão que tem acompanhado as abordagens do feminismo na história, a de que Nísia Floresta ao fazer sua tradução, com adaptações às características brasileiras, teria se contradito quando afirmou que se alegrava *em saber que seu sexo não era tão desprezível*, diante das novas conquistas. Para a historiadora, as afirmações de Nísia Floresta não representavam um retrocesso, mas sim uma clara consciência da autora, em relação ao Brasil ortodoxo em que ela estava apregoando suas palavras.

Segundo Scott¹²² o paradoxo feminista não está no fato de uma mulher como Castellano (no caso desta pesquisa) defender opiniões diferentes. Mas, desde que algumas mulheres começaram a questionar as diferenças sexuais como causadoras de exclusões culturais e políticas, outra ideia teria se tornado um divisor de águas entre as feministas até hoje: a da diferença e da igualdade¹²³. Do mesmo modo, em qualquer uma das definições a diferença sexual tem uma definição oficial e análoga quanto à identidade de ambos. Sendo assim, para alcançar mais representatividade, as mulheres passaram a se manifestar em grupo, um ato que com passar do tempo caracterizou-se em uma importante identidade feminista.

Castellano demonstrou em seus artigos que as diferenças biológicas encontradas nos homens e mulheres não diferenciavam a capacidade de aprendizagem ou de desenvoltura para qualquer ação, pois na verdade eram explicações que homens davam para

da tradução foi modificado para *Direitos das Mulheres e injustiça dos homens*. Para mais informações ver: DUARTE, Constância L. *Nísia Floresta: vida e obra* – Natal: Ed. UFRN, 1995.

¹²²SCOTT, Joan. Op. Cit, 2002, pp. 24-47.

¹²³Segundo Joana Maria Pedro, as “igualitaristas” almejavam mesma representatividade os mesmos direitos masculinos, e as “diferencialistas ou essencialistas” desejavam uma “feminização do mundo”. Além dessas diferenças, o feminismo de Betty Friedan, de segunda onda, considerava o trabalho fora do lar uma libertação para a “mulher”, mas este não era visto desta forma pelas mulheres operárias que já trabalhavam “fora” há muito tempo e não viam nisso uma liberdade, uma vez que eram mal pagas e continuavam responsáveis pelo lar e pelos filhos. PEDRO, Joana Maria. Op.Cit., 2005, p.81.

solapar lugares que poderiam ser de mulheres. É possível ver esta argumentação quando Castellano citou, nos mesmos artigos, os exemplos sanguinolentos causados por homens na Primeira Guerra Mundial¹²⁴ e, em contraposição, sugeriu que se os países fossem guiados também por mulheres, “carnificinas” daquele tipo não aconteceriam mais. Compreendemos que essa ideia de Castellano demonstra uma defesa de que as mulheres “tinham uma natureza” mais dócil, ou seja, a delicadeza, a sensibilidade e a paciência seriam boas virtudes para elas quando ocupassem os mesmo lugares dos homens.

A justificativa de Castellano confirma estereótipos criados às mulheres naquele período, isto é, as ideias da autora em relação às diferenças de gênero do contexto eram limitantes. Apesar deste aspecto, observamos nas afirmações de Castellano que para ela as mulheres poderiam continuar a serem mães, e é justamente essa característica que permitiu, segundo a autora, que as mulheres exigissem outros lugares, ao utilizarem o respaldo da maternidade. Sugerimos que Castellano defendeu a ideia de que a mulher moderna considerava a “maternidade” além dos lares, ou seja, era crucial que o país compreendesse aquela função como colaborativa para com o progresso e o bem estar da sociedade¹²⁵, ao mesmo tempo em que elas se emancipavam.

O fato de serem mulheres, biologicamente diferentes dos homens, não era motivo para serem subestimadas. Com a intenção de colaborar com esse pensamento, quanto às diferenças biológicas, a autora argumentou sua razão, utilizando estudos de um pesquisador, Dr. *Maneuvrier*, que em seu laboratório de Antropologia da Escola de Paris havia investigado as diferenças anatômicas do cérebro entre os sexos e teria chegado à seguinte conclusão: as qualidades intelectuais e ligadas ao volume do cérebro são o que se chama ordinariamente a extensão e a profundidade da inteligência. E ele mostrou sobre este ponto que *tudo concorre para a igualdade dos sexos.*¹²⁶

¹²⁴CASTELLANO, Leonor. Op.cit.1924, fevereiro, 1489.

¹²⁵FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos*. Discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 13.

¹²⁶CASTELLANO, Leonor. Op.cit., 1924, janeiro, 1472.

As feministas e mulheres que reivindicavam direitos nessa época justificavam que a diferença biológica não interferia na capacidade intelectual de ambos os sexos. Consideramos que Castellano estava atrelada ao que se refere às discussões sobre igualdade de homens e mulheres em seu contexto. Para Trindade, mulheres daquele contexto, como Júlia Wanderley e Mariana Coelho, reafirmaram o conservadorismo que ameaçavam destruir¹²⁷. Castellano não foi diferente. Ao final de seu último artigo alegou que:

A mulher feminista brasileira sustentará os meigos acentos poéticos de Gonçalves Dias. Nosso céu tem mais estrelas. Nossas várzeas têm mais flores. Nossos bosques têm mais vida. Nossa vida mais amores. Nas suas cataratas, nos seus rios, nas suas montanhas, na vastidão deste firmamento recamado de inúmeras estrelas, destacado pela refulgente constelação do cruzeiro, tudo, tudo, isto é imenso, é grandioso, é elevado neste país bendito que é o Brasil.¹²⁸

Vemos que Castellano correspondeu aos discursos que vivenciou. A autora mostrou-se como uma patriota ao exaltar as paisagens naturais brasileiras tão fomentadas nas escolas, os grandes escritores constantemente lembrados para que a noção do que era a Pátria brasileira fosse frisada na cabeça de muitas cidadãs e cidadãos. Mais, correlacionou essas características a sua concepção do que era “ser” mulher, ou melhor, da sua ideia de mulher brasileira. O que não permite considerarmos o comportamento de Castellano como uma reprodução automática. Não, ela defendeu sua opinião, em alguns aspectos diferentes do desejado por parte da sociedade às mulheres, mas não deixou de lado os papéis tradicionais vinculados à ideia de formação da identidade paranaense e brasileira. Castellano apropriou-se, ao seu modo, de temas e questões que circulavam em seu tempo.

O espaço conquistado por Castellano, tanto no Centro de Letras (terceiro capítulo), quanto na Procuradoria do Estado e na

¹²⁷TRINDADE, Etelvina M. C.. Op.cit, 1996, p.104.

¹²⁸Idem.

Secretaria da Fazenda, demonstram que acompanhou as novas conquistas desse contexto, porém o mesmo não ocorreu com toda a sociedade. A formação escolar de Castellano, embora fosse para “formar futuras esposas”, era bastante rica quanto às disciplinas linguísticas, com uma vasta biblioteca, fatores que proporcionaram conhecimento e capacidade para uma vida social independente e confortável. Queremos frisar, como afere Certeau¹²⁹, que [...] *a presença e a circulação de uma representação [...] (por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indica, de modo algum, o que ela é para seus usuários*. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricaram.

A historiadora Sueli Gomes¹³⁰ em relação ao livro lançado em 2006 *O feminismo tático de Bertha Lutz*, de Rachel Soihet, ressalta que os feminismos são plurais, cada um ao seu modo, nas suas limitações, e que a disputa com outros lados (às vezes mais fortes) faz com que conquistas vão paulatinamente se instalando e tornando-se práticas cotidianas. Consideramos que as “ondas” em que se ergueram ideais feministas ao longo dos últimos cem anos, foram os primeiros ideais que nas décadas seguintes tornaram-se cada vez mais comuns.

Não queremos simplesmente dar sentido aos atos de Castellano. A intelectualidade tão defendida por ela nos artigos da *Página Literária*, ou mesmo a missão de educar as filhas e os filhos como “anjos” para a Pátria, demonstra como foi, em parte de sua vida, algumas conquistas das mulheres vivenciadas por ela. O direito a frequentar as escolas e a educação direcionada às mulheres de camadas sociais abastadas foi um meio encontrado para que muitas tivessem sua emancipação intelectual e financeira.

Nessa perspectiva, pretendemos mostrar no próximo capítulo outros aspectos vinculados às características ideais e oportunidades das mulheres e homens, de acordo com Castellano, no contexto de Getúlio Vargas.

¹²⁹CERTEAU, Michel. Op.cit., 1994, p. 41.

¹³⁰COSTA, Sueli G. *Um estimulante encontro com Michel de Certeau: o feminismo tático de Bertha Lutz*. Campinas: Cadernos Pagu no.27/Julho/Dec.2006.

2. A ESCRITA CONTINUA: AS “BOAS MULHERES E OS BONS HOMENS” NACIONALISTAS DE MEADOS DO SÉCULO XX

Nos anos de 1930 Leonor Castellano passou a fazer parte da *Revista Correio dos Ferroviários*¹³¹, logo após a sua entrada no Centro de Letras do Paraná, em 1935, assunto sobre o qual discutiremos no terceiro capítulo. Na revista citada supomos que Leonor Castellano conheceu Rosy Pinheiro Lima¹³² e Ilnah Secundino¹³³, entre outras que já participavam do Centro Paranaense Feminino de Cultura, o qual Castellano adentrou no ano de 1940. As duas mulheres citadas faziam parte da *Revista Correio dos Ferroviários*, o que nos permite sugerir tal fato. Além disso, os membros do Centro de Letras também faziam parte de outros com o mesmo teor, como a Academia Paranaense de Letras¹³⁴ (este apenas para homens até a década de 1970) ou, nos casos das mulheres, o CPFC. Nesse sentido podemos observar que

¹³¹A revista *Correio dos Ferroviários* (RCF) era uma publicação interna da RVPSC, publicada desde 1933 e distribuída para todas as ferrovias do país sob administração da RFFSA. PETUBA, Rosângela Maria Silva. *NA TRAMA DOS TRILHOS: Cidade, Ferrovia e Trabalho Ponta Grossa - PR (1955 – 1997)*. Florianópolis, 2011. 283p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História, UFSC.

¹³²Teve sua origem em uma família tradicional de Curitiba, embora tenha nascido em Paris e sido educada em diferentes países. Formou-se em Direito pela Universidade do Paraná e foi a primeira mulher a conquistar o doutorado em Direito, pela UFRJ, além de ter sido eleita deputada em 1947. NICOLAS, Maria. *Cem anos de vida parlamentar*. Deputados provinciais e estaduais do Paraná. Curitiba, s/e, 1954.

¹³³As três mulheres eram colonistas da *Página Feminina e Infantil*, em especial o nome de Ilnah Secundino é o que mais aparece. Assinadas por Castellano temos apenas 10 edições, nas quais a ênfase estava em assuntos do dia a dia, embora tenham sido escritos por outras mulheres, isto é, Castellano apenas reunia e assinava a coluna, apesar de ter permanecido no Conselho da Revista por cerca de 20 anos. As fontes estão localizadas na Casa da Memória e no Círculo de Estudos Bandeirantes. *CORREIOS DOS FERROVIÁRIOS, 1936-1955*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes.

¹³⁴A Academia Paranaense de Letras foi fundada em Curitiba, em 26 de setembro de 1936, substituindo a Academia de Letras do Paraná do ano de 1922. Entre os fundadores, alguns também eram membros do Centro de Letras, sendo eles: Ulysses Vieira, Dario Velozzo, Santa Rita, Leônidas Loyola, Pamphilo d'Assupção, Silveira Neto, Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Leôncio Correia, Lacerda Pinto e Romário Martins. Informações retiradas do site: <http://www.academiapr.org.br/node/8>. Acesso em 20/06/2011.

os centristas e colonistas relacionavam-se em um ou outro centro, o que também nos permite sugerir que recebiam convites para adentrar a outros centros.

As fontes acerca da atuação de Castellano enquanto presidente do CPFC ou do Centro de Letras concentram-se mais nos anos de 1950-1960. Entretanto, as homenagens¹³⁵ escritas pela intelectual datam de 1927-1960, sendo a maioria entre 1930-1950. Devido a esse motivo, primeiramente nesse capítulo gostaríamos de discutir como foi o governo de Getúlio Vargas (1930-1945/1951-1954) no que se refere ao seu autoritarismo e à cooptação do trabalho de intelectuais e da Igreja Católica, articulando com algumas homenagens de Castellano e acontecimentos no Paraná. Ainda assim, não há uma ligação direta entre Castellano e o governo de Getúlio Vargas, mas o apoio deste aos intelectuais e à Igreja, naquele contexto, incentivou a escrita da identidade regional, fato que permitiu que Castellano exaltasse homens e mulheres que haviam participado da busca pela identidade literária e cultural do Paraná, no início e meados do século XX.

2.1 GETÚLIO VARGAS: E UMA POLÍTICA CONSERVADORA PARA AS RELAÇÕES ENTRE OS SEXOS.

No contexto nacional Getúlio Vargas estava apoiado por uma junção partidária, a Aliança Liberal, que era formada pelos “oligarcas dissidentes” (ex-presidentes: Epitácio Pessoa, Arthur Bernardes e ex-governadores), além de membros do movimento tenentista¹³⁶. Vargas iniciou seu governo em 1930 através de um

¹³⁵As homenagens escolhidas para esse trabalho não são *post-mortem*. Deste modo escolhemos não debater sobre a prática ou a maneira de homenagear pessoas *post-mortem*.

¹³⁶Movimento iniciado na década de 1920, pelo qual membros do Exército procuravam, através de lutas e manifestações, destituir o governo vigente. Exigiam reforma agrária, ensino público para todos, voto secreto e reconhecimento do Exército como uma Instituição que deveria ter presença na política. PANDOLFI, Dulce Chávez. Os anos de 1930: as incertezas do regime. pp.15-37 In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de

golpe, em protesto a uma eleição fraudulenta. O primeiro problema para a presidência se deu devido às discussões quanto à duração do governo provisório (1930-1932); alguns queriam que fossem realizadas, em primeira instância, reformas sociais, para que depois se desse uma nova troca de governo¹³⁷. Neste âmbito, intelectuais como Francisco José de Oliveira Vianna desejavam um governo centralizado, autoritário, de cunho nacionalista e reformista (incentivando a exploração de petróleo e de minas), ao passo que os oligarcas dissidentes do Centro Sul almejavam uma maior autonomia dos estados em relação à União.

É notória nessa época a presença dos militares que haviam participado da “Revolução de 1930”¹³⁸ nas interventorias, através das quais a União controlava os empréstimos e os atos políticos dos Estados. Ainda foram promulgadas as Leis Trabalhistas (formaram a CLT em 1943) e a criação dos ministérios do Trabalho, Indústria e Comércio e o da Educação e Saúde Pública. Segundo Susan Besse¹³⁹, classes operárias e urbanas foram estimuladas a respeitar o governo Vargas quando este promulgou leis trabalhistas e promoveu reformas sociais (como postos de puericultura) que beneficiaram essas camadas da população, às quais, por diversas décadas, haviam sido renegados os direitos de participação devido à predominância de interesses de uma oligarquia rural.

No início do Governo Vargas muitos políticos não eram adeptos das ideias feministas, ideias que, como vimos, tinham a simpatia de Leonor Castellano. Contudo, o grupo da *Federação Brasileira do Progresso Feminino*, liderado por Bertha Lutz, promoveu uma convenção no Rio de Janeiro, no ano de 1931, no qual algumas diretrizes decretadas na Constituição de 1934 foram sugeridas, tais como: salário mínimo, admissão de mulheres sem discriminação, padrões higiênicos no trabalho e licença maternidade¹⁴⁰. Portanto, embora Getúlio Vargas não apoiasse de

Almeida Neves. *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, pp. 15-37.

¹³⁷Idem.

¹³⁸Idem.

¹³⁹BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: EDUSP, 1999, pp.5-9 e 189.

¹⁴⁰Ibidem, pp.185-195.

uma forma ampla o movimento, através do seu incentivo às leis trabalhistas e sociais permitiu que as ideias de Lutz ganhassem espaço, como o sufrágio no ano posterior. Lutz continuou a exigir novos direitos, alegando que o reconhecimento do trabalho do lar, considerado por ela tão importante quanto o realizado fora de casa, e o sufrágio ainda não eram suficientes para tirar as mulheres da marginalização profissional. Nesse caso, era necessária uma união mais homogênea, no sentido de fazer com que as mulheres fossem elegíveis.

Com a intenção de conquistar o apoio do povo, em 1931 Vargas criou os sindicatos corporativistas, que mais tarde tornaram-se únicos por categoria profissional, ou seja, para cada profissão havia um sindicato geral, o que facilitava a fiscalização por parte do Estado. Apesar de a filiação nos sindicatos não ser obrigatória, apenas os registrados recebiam os novos direitos trabalhistas, ato que pressionava muitos a se filiarem. Como nos lembra Besse, a diminuição no número de sindicatos promoveu uma moderação nas manifestações¹⁴¹. Com as mesmas leis que Vargas dizia serem resultados de uma preocupação com o bem estar da população, ele passou a controlar o povo, utilizando-se inclusive das relações de gênero vigentes, como veremos adiante.

Já a constituição de 1934 representou alguns avanços no que se refere aos direitos das mulheres. Foram incluídas algumas reivindicações feministas da época, tais como: a conquista do sufrágio feminino e igualdade diante da lei; salário mínimo, oito horas diárias de trabalho, férias anuais renumeradas, licença-maternidade e seguro contra doença; aposentadoria, direito de ocupar função pública sem considerar o estado civil; *exigência de participação preferencial de mulheres qualificadas nos programas públicos de assistência social relativos à maternidade, bem estar infantil, trabalho feminino e organização do lar*¹⁴². Dez anos antes Castellano havia reivindicado o direito de votar e ser votada. Apesar de não mais falar sobre esse assunto, acreditamos que o fato das mulheres terem conquistado tal direito, entre outros, pode ser o

¹⁴¹Ibidem, p.6.

¹⁴²Ibidem, p. 187.

motivo pelo qual Castellano não o tenha mencionado mais, afinal as mulheres haviam alcançado os seus objetivos.

Pouco antes, em 1932, foi criado o Código eleitoral (justiça eleitoral) e o sufrágio universal, porém com o “golpe de 1937” e as constantes políticas de repreensão de qualquer “força” contrária a Vargas, leis como a do sufrágio e toda a Constituição de 1934 foram rearticuladas de acordo com um Estado corporativista até o ano de 1945. A prática de nomear interventores sem consultar as lideranças locais, além da própria divulgação do novo Código eleitoral, acarretou no episódio, em 1932, conhecido como “MMDC”¹⁴³.

O Brasil vivia nessa época um contexto de revoltas em que a política de Vargas procurava se afirmar. Mas, não eram todos os Estados que ofereciam resistência ao governo vigente. O Paraná¹⁴⁴, por sua vez, teve Manoel Ribas, nomeado por Vargas, como interventor por duas vezes, sendo este também governador entre os anos de 1930-1945. Curitiba já era uma cidade com mais de 100 mil habitantes, com cerca de 10 jornais e revistas, nos quais havia intenções de fortalecer um sentimento “paranista”, a fim de que o Paraná se mostrasse como um Estado forte para participar da modernização nacional. Como observamos no primeiro capítulo, a escolarização foi incentivada, bem como a presença de imigrantes era grande, além de indústrias, comércios, espaços de lazer e transportes que cresciam no cotidiano da população atraindo mais imigrantes e migrantes para uma cidade “moderna”. Dos atos de

¹⁴³Em referência aos nomes dos quatro estudantes que foram mortos. Logo depois, a população paulista revoltada com o episódio, iniciou a Revolução Constitucionalista de São Paulo, a qual perdeu, mas ganhou o direito de eleger seu interventor. No Rio de Janeiro e em São Paulo havia instabilidades políticas. Getúlio Vargas instituiu várias mudanças no código eleitoral, entre elas o fato de ser classicista, ou seja, para a Assembleia Nacional Constituinte, além de participar os políticos eleitos pelo povo, também estariam na bancada para votação representantes de setores de empregadores, empregados, funcionários liberais e públicos. Os quatro jovens mortos (Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo) envolveram-se em um conflito de rua quando estudantes depredaram dois jornais favoráveis a Vargas, *A razão e Correio da tarde*, e a Legião Revolucionária. Tal fato ocorreu devido a uma onda de conflitos que se ergueram contra o a favor do novo Código eleitoral. PANDOLFI, Dulce Chávez. Op. Cit. 2008, p. 24.

¹⁴⁴IPARDES. *O Paraná reinventado: política e governo*. Curitiba: IPARDES, 2006, pp. 60-74.

Manoel Ribas, além da construção de rodovias, da modernização do Porto de Paranaguá, em Curitiba seu maior destaque foi nas medidas sanitárias para a Saúde Pública, incentivadas nas escolas e em postos de assistências. Estes dois últimos redutos também tiveram seus números de entidades multiplicadas, como foi o caso do Colégio Estadual do Paraná. Neste viés foram criados postos de puericultura, como o do CPFC, em 1940, o qual tinha como função colaborar para com o bem estar da sociedade e informar a população sobre a importância da medicina e das medidas sanitárias.

Sobre essas mudanças, como vimos no primeiro capítulo, Curitiba já vinha investindo desde o início do século, por meio da urbanização do centro e de medidas sanitárias e fiscais tomadas em diversos setores da sociedade, como escolas, bares e ruas¹⁴⁵. A modernidade advinda na época de Ribas foi muito mais evidenciada no governo de Lupion (governador de 1947-1951 e 1956-1961, pelo PSD). Neste, o Paraná já não era mais reconhecido por sua produção de mate, mas sim como um grande produtor de café. Um estado empregador de muita mão de obra, principalmente de imigrantes, como os japoneses, e de migrantes, como os gaúchos. Nesta época o Paraná tinha pouco mais de 50 cidades e um milhão de habitantes. A política de Lupion foi colonizar o interior do Estado por meio de um projeto de “parcelamento de terras”¹⁴⁶. Entretanto, mesmo vivendo um tempo de desenvolvimento econômico junto ao plano nacional, no primeiro governo de Lupion houve uma diminuição no incentivo à saúde da população, já que a estrutura não pôde acompanhar o crescimento populacional. Um fato que foi remediado mediante apoio aos programas de educação sanitária e de higiene¹⁴⁷.

A política no Paraná parecia “estar” de acordo com a vontade de Vargas, diferente do que ocorria no Rio de Janeiro. Muitos oligarcas dissidentes e tenentistas formavam um grupo que estava descontente com o governo centralizado e apatidário

¹⁴⁵DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de Prazer: a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Ed. Unicamp, p.45.

¹⁴⁶IPARDES. Op.cit. 2006, pp. 54-70.

¹⁴⁷Idem.

vigente, por isso criaram o Clube 3 de Outubro¹⁴⁸, o qual foi fechado mais tarde por Vargas. O grupo era chamado de Aliança Nacional Libertadora (ANL), comandado a partir de 1935, por Luiz Carlos Prestes¹⁴⁹.

A não consolidação de vários governos que haviam sido eleitos indiretamente permitiu que organizações não partidárias como ANL e AIB aumentassem a popularidade. Esta última, de caráter fascista, teve grande apoio entre setores da Igreja Católica e das Forças Armadas; defendia o moralismo, o nacionalismo e era contra o comunismo¹⁵⁰. A AIB foi fundada no ano de 1932, contendo um misto de partidos de extrema direita, como o Partido Nacional Fascista, que também, como a ANL, discordava com algumas decisões de Vargas. Tendo como lema “Deus, Pátria e Família”, a AIB reunia vários intelectuais, e um deles foi o líder, chamado Plínio Salgado. Para Marcos Maio e Roney Cytrynowicz, a AIB foi o maior partido de caráter fascista no Brasil, visto o número de candidatos eleitos em vários cargos políticos do Legislativo e do Executivo¹⁵¹. Colaborou com Vargas para combater o comunismo e após o golpe de 1937 continuou a existir, sob o nome de “Associação Brasileira da Cultura”.

Susan Besse, a respeito da AIB, infere¹⁵² que o partido, sob a liderança de Plínio Salgado, foi uma vertente que se opôs ao

¹⁴⁸GOMES, Angela Maria de C, et all (orgs.). *O Brasil Republicano: Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991, pp.25-27.

¹⁴⁹O grupo requisitava a reforma agrária, a educação pública obrigatória, justiça social, diversificação da economia e direitos trabalhistas. Para Marly Vianna a trajetória de Luiz Carlos Prestes se iniciou com a “Coluna Prestes”, um ato que promoveu uma caminhada de tenentes pelo território brasileiro, questionando a República oligárquica. Apesar de não permanecer no Governo Vargas em 1930 (tornou-se socialista), passou a frequentar na Rússia a IC (Internacional Comunista), e em 1934 tornou-se membro do PCB (Partido Comunista Brasileiro). Já a ANL foi um resultado de encontros promovidos por tenentes que permaneceram no Governo Vargas após 1930, mas se decepcionaram com as novas decisões políticas. VIANNA, Marly de Almeida. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op.cit., 2008, pp. 67-89.

¹⁵⁰Idem.

¹⁵¹CYTRYNOWICZ, Roney; MAIO, Marcos Chor. *Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938)*. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op.cit., 2008, pp. 39-61.

¹⁵²BESSE, Susan. Op.cit, 1999, pp. 215-217.

feminismo, principalmente aquele que procurou dismantelar as relações tidas como “naturais” entre homens e mulheres da época. Besse afirma que a Igreja Católica, através de unidades como *A Liga Brasileira das Mulheres Católicas*, a *Juventude Operária Católica*, entre outras, procurou manter a moral cristã vigente, principalmente a fim de reconquistar “parte” do poder perdido desde o início da República. Um dos centrais preceitos de Jackson Figueiredo, o principal intelectual católico da década de 1920 e da “reação católica” consistia em: uma educação religiosa formal às mulheres, para que o cristianismo e a moral fossem a base de todas as suas ações. Essa ideia foi absorvida por Plínio Salgado após a morte de Jackson Figueiredo. Nesse sentido, e utilizando temas como *Pátria, Família e Ordem*, Plínio Salgado propagou parte do ideário católico¹⁵³. No ano de 1933 verificamos essa união da Igreja Católica com Vargas, quando esta, por meio de sua *Liga Eleitoral Católica*, pediu votos aos candidatos que fossem de sua doutrina social, promoveu a mobilização de mulheres e passou a ter o direito do ensino confessional nas escolas e nas faculdades, aumentando seu poder na população¹⁵⁴. Nesse sentido vemos que a Igreja Católica começou a ganhar o espaço perdido com a Proclamação da República.

A puericultura também foi uma influência do período Vargas, inclusive apoiada por Bertha Lutz que, em convenções realizadas entre os anos de 1933-1936, sugeria que o papel de ser mãe deixasse de ser considerado uma fonte de privilégios para se tornar um sinônimo de direitos, como o trabalho público não vigiado ou não proibido após as 22 horas e até mesmo o reconhecimento de profissões como a de Assistente Social, diminuindo as discriminações e alargando as oportunidades de emancipação econômica¹⁵⁵. Entrementes, nessa época a família - e as mulheres, as quais são consideradas o cerne da primeira - tornou-se alvo de discussões, visto que a urbanidade, o consumismo, a necessidade da mão de obra das mulheres estavam alterando as relações tidas como “normais” entre homens e

¹⁵³Ibidem, p. 218.

¹⁵⁴Ibidem, pp.28 e 29.

¹⁵⁵Ibidem, pp.185-195.

mulheres, fornecendo a elas oportunidades até então desconhecidas.

Nesse sentido, o Governo e intelectuais deveriam intervir instituindo as “divisões trabalhistas” a partir das funções desempenhadas por cada pessoa na sociedade, ou seja, apontar a quais profissões as mulheres poderiam adentrar, o horário de trabalho, entre outros. É preciso pontuar que apesar da reivindicação de Bertha Lutz e “sua” *Federação* por empregos em vários setores da sociedade, a preferência por algumas profissões consideradas mais “maternais” era comum e destinadas às mulheres de camadas sociais mais abastadas. A própria puericultura analisada era um saber profilático e pedagógico destinado às mulheres com maior poder aquisitivo, o qual era visto como um meio de “colaborar” com a Pátria, ao ajudar as mais desfavorecidas, mas as mudanças nas relações sociais e entre os sexos, tanto nas classes mais intelectualizadas quanto nas que não eram assim vistas, foram lentamente alteradas.

Bertha Lutz, junto aos *lobbies* políticos, devido à posição financeira de sua família, contestou, mas não emancipou as mulheres de todas as relações de hierarquias às quais estavam submetidas, especialmente diante do golpe de 1937, o qual freou as ações feministas, inclusive as novas leis promulgadas em 1934, por meio de uma nova constituição, a qual era contra um sistema representativo. Analisamos que as mulheres tornaram-se alvos de projetos políticos na época de Getúlio Vargas, muitas vezes relacionados à moral da Igreja Católica ou aos preceitos feministas de Bertha Lutz. Ambos os lados eram conservadores no que se referem às funções naturalizadas das mulheres, o que provavelmente pode ter diminuído as chances de uma alteração maior da hierarquia entre os sexos. Nessa época houve a valorização do intelectual, principalmente aqueles cooptados pelo Governo, um modo também de repressão e autoritarismo.

2.2 ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE INTELLECTUAIS, “NACIONALISMO” E A IGREJA CATÓLICA – EM CURITIBA E NO BRASIL

Em repressão às contestações políticas sofridas por Vargas, ainda em 1934, o governo Vargas criou o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, dirigido por Lourival Fontes, (antigo Departamento Oficial de Propaganda). O mesmo órgão passou a se chamar Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em 1939 e, por este meio, todas as áreas ligadas ao cinema, ao rádio, aos jornais e à literatura eram censuradas pela central do DIP, no Rio de Janeiro, e pelas suas filiais, as DEIPs, espalhadas pelos estados. Por meio de concursos promovidos nas rádios com grandes nomes e assuntos típicos de brasilidade¹⁵⁶, o governo intentou controlar a nação. Histórias e comportamentos de heróis considerados ideais eram repassados através de símbolos, marchinhas de carnaval e teatros, ou seja, houve uma reelaboração do conceito de “Nação-povo-cultura” por intelectuais como Lourival Fontes, Carlos Drummond de Andrade, Plínio Salgado, Mário de Andrade, Cândido Portinari e Menotti Del Picchia, cooptados pelo regime político vigente¹⁵⁷.

O apoio aos trabalhos literários de algumas vertentes intelectuais foi característico do Governo Vargas. No estudo de Mônica Velloso sobre os intelectuais e o Estado Novo, os primeiros eram considerados agentes da consciência e do discurso da população.¹⁵⁸ O que a autora ressalta é que escritores sempre escreveram novos anseios dos diferentes momentos já vividos na sociedade, como os românticos após a Independência, que teriam

¹⁵⁶VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op.Cit., 2008, pp. 157-170.

¹⁵⁷Idem.

¹⁵⁸Para Velloso havia duas correntes que disputavam o poder político, sendo elas: uma de intelectuais e educadores que vinculados ao poder público empregavam reformas educacionais e a corrente católica apoiadora do ensino confessional. Neste contexto o Estado mostrava-se como uma representação superior da Nação, o meio pelo qual a ordem seria alcançada no país, mesmo que sob o autoritarismo e a (des)mobilização social. Estes conceitos foram organizados pelo Ministério da Educação, liderado por Gustavo Capanema (ministro de 1934-1945), que tinha por colega em seu Ministério, Carlos Drummond de Andrade. Este grupo entendia a “cultura” como uma ferramenta de intervenção estatal e teorizava as questões relativas ao nacional junto a Vargas, utilizando argumentos retirados da História e da Filosofia. VELLOSO, Mônica. Op.cit., 2007, pp.145 e 175.

iniciado o processo baseado no nacionalismo, a fim de construir uma identidade brasileira. Um dos momentos históricos responsável pelo “retorno” mais forte do nacionalismo foi a Semana da Arte Moderna¹⁵⁹, sustentada pelo movimento modernista, no ano de 1922. Entretanto, a “semana” citada foi apenas o resultado de um processo bem maior, que se alastrou até mesmo no governo de Vargas.

A decisão em associar o apoio de alguns intelectuais foi uma ideia que reforçou a representação do Estado como algo centralizador. Uma noção evidenciada a partir de 1930, quando alguns intelectuais como Alberto de Oliveira e Plínio Salgado passaram a trabalhar juntos ao Estado para a construção de um projeto político pedagógico¹⁶⁰. No ano de 1943 Vargas tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, cujo papel era coordenar valores para a vida intelectual¹⁶¹. A entrada na ABL demonstra como Vargas apropriou-se do mundo intelectual em função da política. O entendimento do Governo Federal era de que os intelectuais captavam as mudanças sociais necessárias para “consertar” os equívocos políticos anteriores e, uma vez que trouxessem estas questões ao conhecimento do Estado, este, por sua vez, poderia coordenar as mudanças.

Em 1935, Castellano ao adentrar o Centro de Letras, inspirada em uma frase de Antônio de Oliveira Salazar¹⁶², afirmou: *[...] para elevar, robustecer, engrandecer as nações é preciso alimentar na alma coletiva as grandes certezas e contrapor às tendências de dissolução propósitos fortes, nobres exemplos, costumes morigerados, escreveu recentemente notável estadista europeu...*¹⁶³. Nesse sentido vemos que Castellano estava atrelada

¹⁵⁹Evento artístico que pretendeu demonstrar a “brasilidade” por intermédio de pinturas, artes e esculturas que representavam a identidade brasileira. Ver: SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

¹⁶⁰VELLOSO, Mônica. Op.cit., 2007, pp. 148-150.

¹⁶¹Ibidem, pp. 151-154.

¹⁶²Presidente português, o qual instituiu o Estado Novo, um tipo de governo centralizador, autoritário e corporativista. Ver: PINTO, Jaime Nogueira. *Antônio de Oliveira Salazar: o outro retrato*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007

¹⁶³CASTELLANO, Leonor. *Discursos*. Curitiba: Centro de Letras, 1935, p.17.

aos acontecimentos políticos e concordava que uma Nação deveria registrar em sua história os exemplos considerados “ideais” para que houvesse um progresso, uma estratégia certamente utilizada pelo Governo Vargas. Em relação à literatura, Castellano apontou: [...] *Vemos, pois, a literatura regulando a harmonia e a civilização de um país. A literatura é sempre reflexo de uma época, e hoje mais do que nunca, devemos intensificá-la na base ideológica. Nela plasmaremos a verdade, transmitiremos as formas das ciências, textualizaremos a expressão da justiça*¹⁶⁴.

A intelectualidade foi valorizada no governo Vargas, principalmente aqueles que apoiaram ou foram contratados para cargos políticos. Como dissemos, não há uma relação direta entre Castellano e o Governo Vargas, entretanto essas citações não deixam dúvida que ela compreendia que a posição ocupada pelo Centro de Letras e por ela poderia influenciar a História, o civismo e a identidade de uma sociedade, conforme podemos inferir no mesmo discurso da autora: *...e eu creio (Castellano), a educação espiritual, a hegemonia das elites intelectuais pela arte superior do ideal, é o que realiza a majestade cívica de um povo*¹⁶⁵.

Nessa época, Getúlio Vargas, juntamente à influência de um grupo de intelectuais da direita nacionalista, governou sob a égide de três polos. Essa estratégia de Vargas deu-se para que o seu governo fosse visto como “forte” e centralizado em sua pessoa, o “presidente da Nação”. Nesse sentido, os três polos foram: o cientificista (positivista)¹⁶⁶; o polo fascista e o polo católico, formado pelos participantes da revista *A Ordem*. Quanto ao último, era um reduto de ideias divulgadas pela Igreja e pelo Governo Vargas; a revista era regida pelo *Centro Dom Vital* (Rio de Janeiro). Segundo Cândido Rodrigues, tanto a revista quanto o

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ Idem.

¹⁶⁶ Este via a sociedade como um fenômeno de evolução, regulado pelas leis naturais. Caberia aos intelectuais, como Francisco José de Oliveira Vianna e Antônio José do Azevedo Amaral, encontrar os níveis e as etapas de formação dos fenômenos para poder alterá-las de acordo com as necessidades da sociedade brasileira. Já o polo fascista era representado pelos integralistas de direita antiliberal, como AIB. RODRIGUES, Cândido Moreira. *A ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, pp. 112-115.

Centro Dom Vital foram fundados pelo intelectual católico Jackson Figueiredo, o qual foi substituído em 1928 por Alceu Amoroso Lima¹⁶⁷. A revista e o Centro eram meios pelos quais a Igreja Católica pretendeu demonstrar sua reação laica às ideias socialistas e liberais. Importante frisar que o Governo não se preocupou com as questões espirituais que permeavam as discussões da Igreja Católica, tais como divórcio, aborto ou mesmo a instalação de escolas confessionais. O que ocorreu foi uma confluência de interesses, ou seja, a Igreja se aproveitou dos espaços que o Estado ofereceu para conquistar poder e, em troca, decretou seu apoio a Vargas¹⁶⁸, ao mesmo tempo em que o conservadorismo tornava-se mais eminente.

Segundo Besse, eram muitas as autoridades políticas, intelectuais ou profissionais que permeavam discussões acerca da “mulher” e da crise da família¹⁶⁹. Esta, portanto, seria a fonte da regeneração social, por meio da interferência do Governo Vargas e de outras instituições, como a Igreja Católica. Incentivada pelo trabalho de alguns intelectuais, a sociedade poderia ter seus princípios revistos em prol da ordem social. A interferência em controlar a família, os empregos destinados às mulheres e aos homens, assim como o altruísmo incentivado nas mulheres, junto à necessidade que o mercado de trabalho tinha de sua mão de obra, eram estratégias que associavam-se ao crescimento no número de vagas nas empresas, à inflação latente e às boas qualidades das mulheres (delicadeza, criatividade e paciência). As mulheres formaram nessa época uma mão de obra útil à Pátria, sem deixar suas funções biológicas de lado. Nesse sentido, as mulheres foram meios através dos quais Vargas utilizou-se para controlar as relações de gênero vigentes.

Castellano, em 1939, fez uma crítica à obra “A mulher estudiosa”, em que o autor defende que o catolicismo permitia um lugar entre a fé e as letras, isto é, mulheres católicas poderiam ler e ter conhecimento na história, na ciência, ou seja, *facilitar à mulher o gosto e os meios de cultivar o seu espírito com leituras que lhe*

¹⁶⁷Ibidem, p.15.

¹⁶⁸RODRIGUES, Cândido. Op.cit. 2005, p.127.

¹⁶⁹BESSE, Susan. Op.cit, 1999, pp.2-9.

*propiciarão os meios para bem desempenhar os planos de uma existência útil, ativa e cristã*¹⁷⁰. Quando Castellano afirmou que as mulheres poderiam ter conhecimento, mas parafraseou o autor, dizendo que as mulheres deveriam ser estudiosas e não sabichonas¹⁷¹, ela estava impondo um limite ao conhecimento. Mas o cerne dos comentários de Castellano é que a leitura desse livro e de muitos outros, como os de Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) e de Jackson de Figueiredo deveriam ser feitas para que a doutrina católica fosse reconhecida em meio às novidades “errôneas” da modernidade. Há certo moralismo, e ao mesmo tempo modernismo, na fala de Castellano, como percebemos na seguinte afirmação: *Um livro para ser lido pela mulher que vive a família e o trabalho profissional*¹⁷².

Os exemplos de patriotismo e nacionalismo de Castellano não estão diretamente vinculados a Vargas, mas ao seu contexto, ou mesmo, as ideias sobre homens e mulheres perpetuadas a partir de 1930. Ideias moralistas, vinculadas ao catolicismo e ao altruísmo, são encontradas em seus escritos.

Nessa época no Brasil, segundo Miceli, intelectuais católicos acreditavam numa reelaboração da cultura brasileira junto ao contingente popular e numa nova organização política¹⁷³. De acordo com a historiadora Ângela Maria de Castro Gomes, a nação teria seu apoio nas tradições culturais e cristãs, isto é, se o país iniciou sua história sob o símbolo da cruz em 1500, e esta era também uma “guia” do povo no contexto de 1930, era deste modo que o humanismo cristão tomaria conta do Estado a partir de sua base: a família¹⁷⁴.

¹⁷⁰A homenagem foi escrita em 1939 e publicada no livro *Figuras de ontem e hoje*, em 1953. CASTELLANO, Leonor. *Figuras...*, 1953, pp. 45-49.

¹⁷¹Idem.

¹⁷²Ibidem, p.49.

¹⁷³PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990, p.125.

¹⁷⁴GOMES, Ângela M. de Castro. O redescobrimento do Brasil. In.: GOMES, Ângela M. de Castro. *et al. Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 117.

Quanto ao pensamento católico¹⁷⁵, este tinha por fundamento: *a estabilidade da família, a repulsa ao divórcio, o planejamento familiar, o reconhecimento de efeitos civis do casamento religioso...*¹⁷⁶, ou seja, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima citavam estes fundamentos porque os associavam à ideia de que os males da sociedade ocorriam devido aos problemas familiares. Nesse sentido, a Igreja Católica colaborava para com o Estado ao conscientizar a população do “verdadeiro” papel do Estado e de como as famílias deveriam “viver” e ao mesmo tempo tinham o seu lugar assegurado e reconhecido em meio às instituições brasileiras.

Se estas eram propostas da Igreja Católica, através da revista *A Ordem* e do *Centro Dom Vital*, e a Instituição tinha o apoio do Estado de Vargas, é passível de compreendermos que esses discursos ganhariam força a partir de 1930, isto é, Vargas acreditava que se reforçasse os vínculos entre família, Estado e religião teria mais apoio do povo brasileiro.

Como vimos no primeiro capítulo, a noção de que a família, Estado e religião eram componentes interligados fazia parte das convicções expressas por Leonor Castellano desde seus primeiros textos. Sua própria definição do “feminismo”, em 1924, trazia essa concepção. De acordo com ela: *O fim primordial do Feminismo não é apregoar a guerra, o ódio, a tirania. É uma manifestação contra os desarranjos e as barafundas sociais; é pugnar contra os poderes da destruição e ruína; e lutar em favor da crença, da raça, da família*¹⁷⁷. Importante lembrar que o feminismo de Bertha Lutz, provavelmente a influência daquele momento para Castellano, não defendia a moral cristã, mas também não defendeu ideais que se chocassem com esse paradigma religioso, como o divórcio e o aborto.

¹⁷⁵Neste trabalho, quando nos referimos ao pensamento Católico estamos utilizando como referência bibliográfica o livro de Cândido Moreira Rodrigues, o qual analisa a vertente mais tradicional Católica que, para reafirmar-se no poder, lança vários meios de cooptação para com o Estado e a própria população.

¹⁷⁶BORIS, Fausto. *O pensamento nacionalista autoritário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, pp.18-19.

¹⁷⁷CASTELLANO, Leonor. *Página Literária*. Curitiba: Jornal Gazeta do Povo, 1924, mês 1 número 1489, volume 1.

Como discutimos, Castellano vinculava as ideias relativas à família e ao Estado a uma moral cristã, inclusive o seu ideal de feminismo apropriado de Bertha Lutz. Conforme Céli Pinto¹⁷⁸, esse tipo de apropriação formava nessa época o que ela chama de o “bom feminismo”, o qual é exemplificado na fala de Castellano: *a mulher [...] implantará nas almas jovens os deveres sagrados de patriotas e cristãos e a sua pena será como espada flamejante que pelejará tanto em defesa da causa ardorosamente combatida, como em favor da Pátria estremecida e amada.*¹⁷⁹ Compreendemos em relação às afirmações de Castellano, que havia uma ideia nessa época de que as mulheres eram as educadoras, portanto, o seu conhecimento era de grande valor. É devido a esses motivos que as elas tornaram-se alvo da política de Vargas, o qual almejava prolongar a sua “personificação” no poder. Mas também compreendemos que o termo “pena”, equivalente à espada na frase, pode ser visto como uma forma de atuação, um modo das mulheres saírem à tangente.

A ideia de que as mulheres são exemplos para os demais pode ser percebida em Castellano, quando fez a homenagem a Santa Clara de Assis, no ano de 1953, no Centro de Letras¹⁸⁰. Castellano apontou que a “fé enfraquecida e a desesperança” presente em todas as camadas sociais abalavam a sociedade, alegando que o exemplo de Santa Clara, cuja pureza dos costumes era corriqueira, poderia servir para um novo tempo de paz. Santa Clara por duas vezes teria sido a responsável pela expulsão de bárbaros da cidade de Assis, devido as suas orações, sendo considerada, por Castellano, como uma “salvadora”¹⁸¹. Os gestos citados por Castellano, consequências da fé de Santa Clara, colaborariam, segundo ela, para a *reabilitação social do mundo*

¹⁷⁸PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003, p.38.

¹⁷⁹CASTELLANO, Leonor. Op.cit, 1924, mês 1 número 1489, volume 1.

¹⁸⁰Leonor Castellano fez essa homenagem a Santa Clara a pedido do Instituto Santa Maria para a Segunda Semana Franciscana do Paraná. CASTELLANO, Leonor. *Mensagem de Santa Clara às mulheres*. Curitiba: Escola Técnica, 1953, pp. 22-23.

¹⁸¹Idem.

*contemporâneo*¹⁸², se resgatados em Curitiba, tornando a “reestrutura social” e a ação católica vitoriosas.

Características católicas são encontradas também em algumas homenagens no ano de 1947, como a de Guilhermina Rodrigues Gomes¹⁸³. Essa mulher participou da campanha brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, Getúlio Vargas e o General Eurico Gaspar Dutra assinaram o decreto que permitia a participação em um curso de três meses, no ano de 1942¹⁸⁴. A professora curitibana já pertencia à Cruz Vermelha - na seção do Paraná - quando realizou o curso. Dois anos depois viajou em campanha ao Monte Castelo, na Itália. Dois aspectos são importantes nessa análise quanto às relações de gênero vigentes; primeiro: as mulheres ainda não tinham o direito de ir para o *front*, mas poderiam estar no campo de guerra, ajudando os soldados nos hospitais de campanha. Nesse sentido, vemos um avanço no que se refere aos lugares conquistados pelas mulheres, mas em um segundo ponto, o que Castellano ressaltou da participação de Guilhermina Gomes foi o seu caráter cristão e altruísta em meio à Guerra, ao atender os soldados, *contar histórias da Pátria e da tradição*¹⁸⁵ no hospital para os seus conterrâneos. Isto é, nessa homenagem escrita em 1947, o que é trazido à tona da “heroína” de Castellano, é a sua bondade, atribuída ao seu cristianismo e o amor à Pátria. Além disso, a mulher é vista como cuidadora, protetora, isto é, Castellano demonstrou na vida dessa mulher aspectos relativos à maternidade, relacionados aos cuidados, mesmo estando em um lugar reconhecido como “masculino”.

Para Castellano, Guilhermina Gomes merecia o prêmio A *filha de Maria*, das irmãs da Divina Providência de Curitiba, por ser um exemplo ideal em relação ao patriotismo, pois serviu à Pátria, mesmo tendo ficado tetraplégica devido à explosão de uma mina. Sobretudo, vemos que há uma ênfase no fato dela ter sido uma das

¹⁸²Ibidem, p.28.

¹⁸³CASTELLANO, Leonor. *Figuras...* 1953, pp.8-13.

¹⁸⁴Ver: GONÇALVES, José; MAXIMIANO, César Campiani. *Irmãos de armas: um pelotão da FEB na II Guerra Mundial*. São Paulo: Códex, 2005.

¹⁸⁵CASTELLANO, Leonor. *Figuras...* 1953, pp.8-13.

poucas mulheres no Paraná que colaborou com uma guerra, ocupando um lugar que antes havia sido somente dos homens. Esse pioneirismo fica bastante claro quando Castellano atribui o exemplo de G. Gomes a Ana Neri. Esta é vista como um ideal de heroísmo por ter colaborado na Guerra do Paraguai.

Ainda, em referência ao marianismo, um dos aspectos homenageados por Castellano, Zaíra Ary o define como um modelo simbólico que colabora com a construção de identidades femininas, ao propor imagens em que as mulheres são vistas como superiores e espiritualmente mais preparadas em comparação aos homens. Entrementes, para que elas “vivam” essa superioridade, necessitam abnegar suas próprias vontades e vaidades como um ato de humildade¹⁸⁶.

A mulher vista como *herdeira* (de Maria), *semidivinizada*, *tomada como modelo de submissão, de pureza, de sofrimento, são aparentemente revalorizadas, e tidas simbolicamente como “salvadoras” da sociedade...*¹⁸⁷. Essa citação permite-nos compreender aspectos ressaltados por Castellano em Guilhermina Gomes, pois esta foi vista como sofredora, pura e submissa em relação à Pátria, aos soldados que estava atendendo, mesmo quando tornou-se uma salvadora ao pisar em uma mina que, segundo Castellano, poderia ter sido acionada pelos homens da guerra. Não somente para Guilhermina, mas para muitas outras, Castellano dirigiu palavras semelhantes, como: *resultado de uma boa mãe; uma esposa dedicada; um casamento abençoado por Deus*¹⁸⁸. Observamos em Castellano uma predominância em destinar essas expressões, em geral, às mulheres, isto é, aos homens eram destinados os papéis de patriotas, literatos e desbravadores. Porém, antes de sugerirmos que havia uma “tendência” da autora em enaltecer as imagens das mulheres de tal modo, vemos que Guilhermina Gomes foi uma mulher que desempenhou uma atividade em que predominavam os homens.

¹⁸⁶ARI, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico*: da Ação Católica à Teologia de Libertação. São Paulo: Annablume; Fortaleza; Secult, 2000, pp.70-74.

¹⁸⁷Ibidem, p.78.

¹⁸⁸CASTELLANO, Leonor. *Figuras...* 1953, pp.8-13.

Enfim, observamos que Castellano, ao escrever, propôs modelos de comportamento para uma “elevação” da sociedade, da dita “moral social”, através do que escrevia influenciada pela política, sociedade e cultura daquele momento, muitas vezes colaborando para manter as relações entre homens e mulheres inalteradas, permitindo, por isso, uma análise que demonstra como avanços são acompanhados de permanências no que se referem às relações de gênero. Se por um lado percebemos as mulheres tomando a pena para si como instrumento de transformação, também notamos essas mulheres louvando modelos fixos que colocam elas próprias em um lugar considerado “ideal”. Se evidenciamos as mulheres atuando na guerra, percebemos que mesmo desempenhando um lugar importante nesse cenário elas mantêm sua função de cuidadoras, função esta que não é tão valorizada quanto a desempenhada pelos homens. Nesse sentido, constatam-se mudanças e permanências que chegam até os dias de hoje.

É importante ressaltar que no Brasil, e também em Curitiba, a influência católica e patriótica estava incorporada nos diversos campos sociais e culturais. A Igreja Católica insistiu na institucionalização do ensino religioso nas escolas públicas e na criação de centros de atividades culturais, para que estes servissem de apoio à instituição. Esses grupos, além de discutirem cursos sobre teóricos da Igreja, como Jacques Maritain¹⁸⁹, afirmavam que as calamidades em que o mundo dito “moderno e laico” encontrava-se eram consequências da “desobediência aos preceitos da moral cristã”, a qual era representada, segundo eles, pelo catolicismo.

A *União dos Moços de Curitiba*, a *Imprensa Católica*, a *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras* e o *Círculo de Estudos Bandeirantes* (CEB)¹⁹⁰ eram *locus* das reações da Igreja Católica em Curitiba, em relação à laicização do Estado. Mas não foram os únicos que a República trouxe consigo; havia os clubes maçônicos,

¹⁸⁹RODRIGUES, Cândido M. Op.cit., 2005, p.115.

¹⁹⁰CAMPOS, Névio de. *Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade: 1892-1938*. Curitiba: 2006, Tese (Doutorado em Educação). Setor de Educação, UFPR, pp. 122-137.

neo-pitagóricos, positivistas, entre outros. No entanto, apesar destes últimos serem todos “anticlericais”, isto é, posicionavam-se contra a infiltração da Igreja Católica na política, compactuavam a ideia de que a moral da sociedade deveria ser determinada pelos preceitos nacionais.

Apesar do descontentamento da Igreja em relação ao espaço perdido desde 1890, havia ainda um diálogo com o Estado, o qual financiou a construção e a reforma de igrejas, escolas e de obras de caridade ainda na década de 1920, em Curitiba, ocasionando uma intensa cooperação e subvenção desses setores. No Rio de Janeiro, em 1934, os católicos organizaram o Primeiro Congresso Católico de Educação. Neste, Alceu Amoroso Lima requisitava os direitos da Igreja de fundar universidades, já que a lei que assim permitia foi promulgada por Vargas em 1933. Como aponta o educador Névio de Campos, até mesmo a constituição de faculdades católicas (1950) e da Universidade do Paraná (1951) era orientada pelos documentos da Igreja¹⁹¹.

Este ganho de espaço da Igreja Católica se deu paulatinamente em Curitiba, como observamos na criação das universidades (Universidade do Paraná e PUC-PR). Foi no ano de 1929 que surgiu o *Círculo de Estudos Bandeirantes*. Mantendo seu funcionamento até hoje, o centro tinha o objetivo de *formar uma elite intelectual que fosse capaz de dar sustentação teórica ao projeto romanizador no Paraná*¹⁹². Isso se daria de duas formas, segundo Névio Campos: *uma parcela do grupo agia na imprensa, cujo objetivo era divulgar a doutrina da Igreja Católica, e outra se dedicava ao estudo no interior do Círculo, no qual a preocupação essencial era dedicar-se ao estudo das questões políticas, filosóficas, teológicas, científicas e literárias*¹⁹³.

Não podemos esquecer-nos da criação e manutenção das instituições de Ensino, em que vários membros do *Círculo de Estudos Bandeirantes* estavam envolvidos. Neste podemos

¹⁹¹ CAMPOS, Névio de. Op.cit., 2005, pp. 1-49.

¹⁹² _____. *Laicato Católico: O papel dos intelectuais no processo de organização do projeto formativo da Igreja Católica no Paraná*. Curitiba, 2002, Dissertação (Mestrado em Educação). Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, p. 71.

¹⁹³ Idem.

encontrar nomes próximos a Castellano, no que refere a serem membros do Centro de Letras ao mesmo tempo em que eram fundadores do Círculo, sendo eles: Bento Munhoz da Rocha Netto¹⁹⁴, Benedicto Nicolau dos Santos (musicista) e José Loureiro Ascensão Fernandes¹⁹⁵. Este último era engenheiro agrônomo e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e afirmava que o seu grupo fundador da UP, em 1946, tinha a missão de salvar a pátria por meio de uma educação bem definida pela elite cultural católica¹⁹⁶, concebendo o CEB como um centro de produção de ciência e cultura do Estado.

Castellano já conhecia Benedito Nicolau dos S. Neto antes de adentrar o Centro de Letras, pois ele teria ajudado um grupo de senhoras a montar uma peça teatral no ano de 1919¹⁹⁷, baseada na revista *A União*, dirigida por Jackson Figueiredo. A revista almejava propagar uma campanha chamada “Boa Imprensa”, isto é, publicações de acordo com os preceitos cristãos. Castellano afirmou que o objetivo da peça, da qual ela participou, era colaborar com o ideal da revista. Nesse sentido Benedito Nicolau dos Santos Neto teria dado as diretrizes da peça teatral, encenada no Teatro Teuto-Brasileiro, na Rua Dr. Murici. Não há muitas informações acerca da apresentação, ou mesmo sobre a sua divulgação, o que nos importa dessa homenagem publicada no ano de 1949 é que ela demonstra que Castellano convivia com meios artísticos, os quais estavam imbricados de valores cristãos, desde a sua mocidade.

O grupo do CEB discutia doutrina e a teologia católicas e o modo como promoveria laicização da teoria católica, a fim que esta fosse difundida na sociedade. No estudo de Névio de Campos, o

¹⁹⁴Engenheiro civil, governador do Estado (1951-1954) e professor da UP.

¹⁹⁵Loureiro Fernandes era médico. Foi fundador do departamento de antropologia da UFPR, do museu de Arqueologia, Etnologia e Artes Populares de Paranaguá e secretário de Estado da Educação e Cultura do Paraná. Esteve presente à maioria das iniciativas culturais e sociais de Curitiba; também participou da Comissão dos Festejos do Centenário do Paraná, em 1953, durante o governo de Bento Munhoz da Rocha Netto. Ver: <http://www.icnews.com.br/2008.09.17/colonistas/dom-moacyr-jose-vitti-css/jose-loureiro-de-ascencao-fernandes>. Acesso em: 20/05/2011.

¹⁹⁶Idem.

¹⁹⁷CASTELLANO, Leonor. *Figuras...* 1953, pp.15-18.

autor afirma que os membros desse clube estavam envolvidos em vários setores do comércio, da indústria, da política e da literatura, além de serem professores do Ginásio Paranaense, da Escola Normal e da Universidade do Paraná¹⁹⁸.

Sugerimos que a modernização de Curitiba (1900-1950) foi marcada por traços católicos e nacionalistas, pois, conforme Nívio de Campos, as universidades no século XIX eram os lugares ideais para a formação da elite intelectual, a qual tinha por finalidade tomar decisões quanto ao rumo da nação. No que tange à criação da Universidade do Paraná, já no início do século XX, podemos verificar que o ideal de modernização, da missão de “dirigir” a nação e de que deveria haver um centro preparado para a formação da elite intelectual fez parte da proposta da UP¹⁹⁹.

Em relação à Universidade do Paraná, Castellano enfatizou a atuação de uma aluna. Ressaltamos que a homenagem data de 1961, entretanto o contexto em que Maria Falce de Macedo²⁰⁰ estudou remete-se ao início do século. No ano de 1913 tornou-se a primeira aluna de medicina do Paraná e a primeira catedrática da UFPR, pela qual defendeu a permanência como Universidade, em 1920²⁰¹. A atuação de Maria Falce é vista por Castellano como um exemplo para as mulheres, sendo assim pontuamos algumas possibilidades. Falce, sem dúvida foi uma pioneira ao se tornar a primeira aluna entre tantos homens, a fim de estudar um curso, que sabemos, poucas mulheres tiveram a oportunidade de frequentar naquele período. Mas existem algumas idealizações no que se refere aos apontamentos de Castellano. Para Castellano, apesar de ser um tempo que *no Brasil, como em diversos países civilizados, a fatalidade da lei biológica, que fazia a divisão de trabalho, estabelecia a diferença de deveres entre os sexos*²⁰², Macedo é descrita por Castellano como uma mulher que se mostrou capaz de

¹⁹⁸CAMPOS, Nívio de. Op.Cit, 2006, pp.122-137

¹⁹⁹Ibidem, p. 54.

²⁰⁰A homenagem analisada foi publicada para o primeiro “Curso de Extensão da História do Paraná” (1964), promovido pelo CPFC, no qual a biografia de Falce foi estudada sob o título “A mulher na profissão liberal”. CASTELLANO, Leonor. *Revista do Centro Feminino de Cultura*. Curitiba: CPFC, 1964, pp.3-13.

²⁰¹CASTELLANO, Leonor. Op.c.it, 1968, p. 10.

²⁰²Ibidem, p.15.

romper barreiras ao entrar em um curso em que os homens eram a maioria, senão únicos; onde também conheceu um colega que se tornou seu marido e junto a ele e de outra faculdade, a de Farmácia e Bioquímica, ela pôde ajudar a pessoas mais carentes, fazendo exames gratuitos no laboratório de análises clínicas da Santa Casa de Misericórdia, na década de 1930.

Portanto vemos muitos pontos que diferenciam Maria Falce de outras mulheres, nas décadas de 1920 e 1930. Entretanto a época em que Castellano escreveu – já com sessenta anos e com outras prioridades – não deu a ela uma conotação realmente importante pelos 50 anos completados na UFPR, ou como médica.

Para Branca Moreira Alves, os anos de 1920 foram marcados por *um feminismo que se colocava com cautela, mostrando os tributos femininos de altruísmo e caridade*²⁰³. O contexto sobre o qual a historiadora discute é exatamente a luta pela conquista do sufrágio na década de 1920. A autora afirma que nessa época o comportamento da mulher deveria ser o “melhor” possível, para que pudesse acompanhar os avanços do capitalismo. Apesar de Castellano escrever essa homenagem na década de 1960, ela estava falando sobre o comportamento de uma mulher nos anos de 1910, 1920, e naquela época as mulheres até poderiam conquistar novos lugares, desde que fossem elogiadas pela sua vida familiar. Era preciso que fossem bem vistas no mundo privado para que o seu trabalho “público” fosse reconhecido.

No caso de Castellano, apesar dos aspectos idealizados de “mãe e esposa”, suas homenageadas foram lembradas como pioneiras. Como mostramos no primeiro capítulo, Castellano tinha conhecimento dos acontecimentos mundiais, inclusive acompanhava os movimentos feministas. Ainda, para Céli Pinto²⁰⁴, mulheres como Bertha Lutz eram vistas devido a sua intelectualidade e justamente por isso, no que tange ao feminismo de Lutz²⁰⁵, foi comum não haver uma maior preocupação em

²⁰³ ALVES, Branca M. *Ideologia e Feminismo*. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 101.

²⁰⁴ *Ibidem*, pp. 17-18.

²⁰⁵ Discutido no primeiro capítulo, principalmente em relação ao contexto curitibano. Já eram muitas nos recintos públicos, trabalhando em escritórios, como telefonistas, balconistas, professoras e nas fábricas. Esta última era uma realidade no mundo há mais de dois séculos. Importante frisarmos que neste trabalho damos ênfase especificamente

inovar os limites das relações de gênero da época. Essas características estavam relacionadas a uma conduta cívica e patriótica exercidas em seus lares e algumas profissões.

Enfatizamos a maneira como a Universidade do Paraná foi unificada, principalmente porque as mulheres homenageadas por Castellano, entre 1930-1960, eram professoras e muitas formadas na UP. Deste modo acreditamos que, se a UP fortalecia as noções de nacionalismo imbricadas com outros valores civis e cristãos, seria recorrente que muitas das mulheres que estudassem naquele reduto, apesar de estarem num recinto que ainda não era comum a elas, continuassem a ver o papel de mães e educadoras como algo característico de uma “boa” mulher, já que esta era uma das propostas do “nacionalismo de Vargas” e da moral cristã.

Verificamos que os responsáveis pela criação da UP²⁰⁶ viam o nacionalismo vinculado aos valores repassados na Universidade. O trabalho de repassar cabia aos “guias”, aos professores, aos alunos e às alunas que circulavam pela Academia. Um trabalho concretizado pela união entre os grupos políticos, intelectuais e a Igreja Católica. Com esta ênfase, à elite intelectual era destinado o papel de conduzir a cultura brasileira, pois esta *é um elemento vivo que cresce e se adapta... Daí a necessidade de recriá-la continuamente, em contínuo ajustamento de seus elementos às épocas... e sua tradição*²⁰⁷. Curitiba já havia presenciado muito de uma busca²⁰⁸ por uma identidade na fase em

sobre mulheres que circulavam nos meios intelectuais de Castellano, portanto pertencentes a classes mais “intelectualizadas” ou abastadas. Havia ainda a presença de mulheres em meios anarquistas, em greves, nos interiores de fábricas e, de acordo com essas características, lutando por outros direitos, como creches, melhores salários, leis trabalhistas. *Ibidem*, pp. 26-38.

²⁰⁶*Ibidem*, p. 106.

²⁰⁷ ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná. Curitiba, 1940-1943, *apud* CAMPOS, Névio de. *Op.cit*, 2006, p.41.

²⁰⁸ A continuidade ou inovação da identidade paranaense também é analisada na tese *Guido Viaro: modernidade na arte e na educação*, onde a autora Dulce Regina Baggio Osinski discute a trajetória intelectual de Guido Viaro, um artista plástico que durante a década de 1940 defendeu os novos padrões estéticos para a arte, em meio a uma disputa com grupos que preferiam tais padrões por formas tradicionais de arte. No que tange às décadas de 1930 e 1940, em Curitiba é vista uma proliferação dos meios artísticos e literários, ou seja, as atividades culturais eram bastante incentivadas e disputadas. Entrementes, é necessário frisar, segundo Osinski, em Curitiba não havia somente

que houve predomínio do *Paranismo*²⁰⁹, um movimento engajado por intelectuais e artistas na década de 1920, cujo objetivo era construir uma identidade regional para o Paraná. Nesse sentido, Castellano escreveu sobre diversos homens que haviam participado desse processo. Sobre eles e as mulheres que também foram lembradas (com outras características) discutiremos no próximo tópico.

2.3 O TEMPO DE CASTELLANO NOS ANOS DE 1930-1950 – CÓDIGOS DE COMPORTAMENTO PARA “TODAS E TODOS”.

“Todas e todos”, é deste modo que Castellano reporta-se na maioria de seus discursos, como inaugurações de salões, de festas, entre outros, demonstrando que ao dizer somente “todos” não estava se referindo às mulheres, e sim, incluindo-as em uma ideia de sujeito universal, representado pelos homens. Neste contexto, as homenagens de Castellano reportam-se a homens e mulheres que participaram de processos formadores do Paraná, mas que devido ao nacionalismo e ao próprio *Paranismo* foram retomadas pela autora para elucidar o seu trabalho intelectual e os centros que representava. Leonor Castellano foi “considerada” por seus contemporâneos como atuante no quadro da memória intelectual curitibana. Segundo Michael Pollak²¹⁰, registros guardados representam uma memória construída de acordo com o caráter pessoal e político do indivíduo. Podemos dizer que essas

intelectuais influenciados pelo Estado, ou simbolistas de Emiliano Pernet e paranistas, mas também foi criada uma editora, em 1939 (Guairá), que divulgava livros relacionados ao pensamento social, como os dos autores Bukharin e Marx, ou mesmo, as ações integralistas que eram temas de conversas no Café Pátria. Ver: OSINSKI, Dulce Regina Baggio. *Guido Viaro: modernidade na arte e na educação*. Curitiba: Tese (Doutorado em Educação) Setor de Educação, UFPR, 2006, pp. 1-100.

²⁰⁹Vários foram os motivos que alimentaram o *Paranismo*, desde a perda dos territórios da região do Contestado (para Santa Catarina), como também uma busca de uma separação definitiva do Estado de São Paulo, de quem se emancipou em 1853.

²¹⁰POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Edições vértice. vol. 5. n.10, 1992, p. 4.

observações valem também para Leonor Castellano, visto que a construção da memória de personagens importantes para a autora foi uma forma estratégica de, ao seu modo, construir para as gerações posteriores os discursos que defendia.

Com o intuito de homenagear, Castellano reuniu em duas obras (1953-1956) e uma revista em especial²¹¹ (1953) diversas homenagens, uma espécie de “enquadramento de momentos importantes” inseridos em sua memória²¹², ou como ela mesma afirmou ser seu costume: *admirar os rasgos pessoais e as culminâncias humanas de bondade que nos impressionam e comovem*²¹³. Leonor Castellano, por meio das homenagens, buscou ressaltar a continuidade institucional do Centro de Letras à memória coletiva²¹⁴, uma noção compreendida desta forma ao percebermos que Castellano, em geral, proferia suas palavras falando no plural, “nós”. Os escritos mencionam não só os escritores contemporâneos, mas também Emiliano Perneta²¹⁵ e Euclides Bandeira, fundadores do Centro de Letras que, segundo ela, batalharam pelo renome literário do Paraná e *pelos valores mentais dessa Terra*²¹⁶.

Importante frisarmos o contexto em que Castellano escreveu a maioria das homenagens, pois desde 1942 já ocupava cargos no Centro de Letras, passando por diversos setores e, portanto, estava representando o grupo, ora falando sobre

²¹¹Utilizamos as datas das homenagens publicadas nos livros e na revista, mas em outras revistas posteriores houve novas “reedições” de algumas homenagens, assim como outras foram divulgadas antes das datas das edições utilizadas neste trabalho.

²¹²HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, cap. III, pp. 95-136.

²¹³CASTELLANO, Leonor. *Alcina, o anjo bom*. Curitiba: CPFC, 1963, p.5.

²¹⁴POLLAK, Michael. *Op.Cit*, 1989, p. 03.

²¹⁵Perneta nasceu na cidade de Curitiba no dia 3 de Janeiro de 1866, onde faleceu em 21 de Janeiro de 1921. Foi considerado o maior poeta simbolista paranaense. Além da publicação de artigos e panfletos sobre a República e a campanha abolicionista, colaborou em diversos jornais como o Diário Popular e a Gazeta de São Paulo, bem como trabalhou com grandes nomes da literatura como Olavo Bilac e Cruz e Souza. No entanto, deve ser lembrado que apesar de sua grande contribuição ao Simbolismo paranaense foi João Itiberê da Cunha que, em 1892, introduziu as primeiras ideias. BALHANA, A.P., PINHEIRO MACHADO, Brasil P.; WESTPHALEN, C.M. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969, pp.251-252.

²¹⁶CASTELLANO, Leonor. *Op.Cit*, 1956, p.5.

“desconhecidos”, ora sobre amigos e amigas. Além disso, já circulava pelo CPFC. Boa parte das homenagens dirigidas aos seus contemporâneos não era *post mortem*. Segundo Pollak, a memória coletiva pode ser marcada por heranças, ou seja, *acontecimentos vividos por tabela*²¹⁷. Em Castellano, podemos verificar que alguns homenageados não eram contemporâneos a ela, mas as ações e os nomes foram lembrados para Castellano afirmar a memória do Centro de Letras.

Luiz Daniel Cleve, José Niepce da Silva, Andrade Muricy, Romário Martins, Zenon Leite e Emiliano Pernetta são os homens que escolhemos para debater. Zenon Leite, Andrade Muricy e Romário Martins eram conhecidos de Castellano. Já Pernetta (1942), foi um dos expoentes simbolistas do passado histórico da Curitiba literária, pois, de acordo com Castellano: os *poetas, disse Vitor Hugo, possuem em si um refletor, a observação; um condensador, a emoção*.²¹⁸ Se o objetivo de Castellano era elevar o nome do Centro de Letras, parece-nos que nome algum seria melhor para tal fim como o de Pernetta, já que esse foi considerado o maior propagador simbolista no Paraná, além de ter fundado o Centro de Letras que ela dirigiu.

Um colega de Pernetta foi lembrado por Castellano no livro *Figuras de ontem e de hoje*, no ano de 1942, e também no prefácio, em 1953. Romário Martins (1942) foi um poeta simbolista, um dos responsáveis pela organização republicana no Paraná, da UP²¹⁹ e historiador que em 1911 dirigiu uma revista simbolista, a *Fanal*, a qual influenciou a formação do *gênio literário*²²⁰ do Paraná. Tanto ele quanto o dinamarquês Luiz Daniel Cleve, radicado e responsável pela escrita do início da história de Guarapuava (PR), foram apontados pela autora como pessoas importantes na briga pelo território do Contestado²²¹, além da Revolução Federalista, a

²¹⁷POLLAK, Michel. Op.cit., 1989, pp.2-3.

²¹⁸CASTELLANO, Leonor. Op.Cit, 1956, p.5.

²¹⁹A União desaprovava que unidades de Educação Superior independentes de seu governo existissem. No entanto, a UFPR desmembrou-se em blocos e continuou a existir, tornando-se novamente uma universidade somente na década de 1950.

²²⁰CASTELLANO, Leonor. Op.Cit., 1953, p.6.

²²¹Disputa por um território da região limítrofe entre Santa Catarina e Paraná. Um processo pelo qual muitos intelectuais e ideólogos buscaram formar argumentos que

qual teve a participação do pai de Luiz Daniel Cleve (1939) e também de José Niepce da Silva (1945)²²². Os episódios de ambas as guerras e da luta pela Universidade Paranaense foram fundamentais para a história do Estado em questão. É importante lembrar que a perda dos territórios relativos ao conflito do Contestado fez com que alguns políticos e intelectuais lutassem pela sobrevivência da Universidade, a fim de ser um modo de representar o Paraná como um Estado forte.

Luiz Cleve desempenhou o papel de deputado estadual e, investido neste cargo, pôde desenvolver trabalhos de proteção ao Índio, um projeto iniciado ainda na época do Império, como tenente coronel do exército. De acordo com Castellano, a convivência com os indígenas pelo interior do Paraná o transformou em uma “ponte” entre o governo paranaense e as lideranças dos índios.

Já Romário Martins, estudado pelo historiador Geraldo Leão Veiga de Camargo, em uma afirmação proveniente de uma fala de Silveira Neto, de 1896, intitula o indígena de *baluarte em prol do amor ao torrão natal, fortificando a integridade moral da Pátria e sustendo o predomínio heterogêneo de imigrações européias*.²²³ O Brasil nesta época vivia um “branqueamento” da população o que não foi aprovado por todos na cidade de Curitiba, visto que os imigrantes poloneses, italianos, entre outros, ocupavam lugares que “pertenceriam” aos curitibanos. Importante ressaltar que no caso paranaense, não era exatamente o índio o

defendessem a causa, em ambos os lados reivindicantes. Ver: MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado*. Campinas: Unicamp, 2004.

²²²Curitibano, nascido em 1872, desempenhou várias funções, como de supervisor da Companhia Ferroviária São Paulo - Rio Grande do Sul. Era engenheiro civil e foi atuante na fundação e origem de várias cidades paranaenses. Informações disponíveis em:

http://www.museumaconicoparanaense.com/mmpraiz/autoridades_pr/deleg_909_jose_n_da_silva.htm. Acesso em 20/05/2011.

²²³NETO, Silveira. Pelos Índios. (datado de 28-02-96) Revista do Clube Curitibano, 15 de março de 1896, ano VII, nº. 3, pp. 1-2 *apud*, CAMARGO, Geraldo Leão Veiga. *Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná: 1853-1953*. Curitiba: 2007, Tese (Doutorado em História) Setor de História, UFPR p. 77.

representante, segundo eles, mas sim o caboclo, um resultado da mistura do português com o índio²²⁴.

Na homenagem de 1942, Martins é lembrado pela obra *Paiquerê*, a qual por meio de lendas e mitos conta a história do Paraná. Castellano considerou que as lendas paranistas serviam para narrar de *uma maneira viva e pitoresca os costumes, crenças e civilização de qualquer povo [...] uma realidade através de uma ficção*²²⁵. Analisamos que o “tom” utilizado por Castellano para falar da obra de Romário Martins é ufanista, remete-se a um dever histórico. Esse dever histórico, ou a busca pelo “elemento” que forma a identidade de um povo, é uma parte que constitui os estudos do historiador Nicolau Sevcenko²²⁶. Este analisa que os termos relativos às fábulas, aos mitos, ao bandeirante foram revisitados para explicar o passado em São Paulo nos anos de 1920. Como ocorreu com um *mito*, o da Torre de Babel, utilizado em uma reportagem nos anos de 1920 por Alberto Torres, a fim de explicar a quantidade de povos que estavam chegando a São Paulo e, portanto, formando uma nova identidade. Para Sevcenko o conceito da Torre de Babel era visto como uma fusão entre o índio, o branco e os descendentes que vinham chegando. O resultado era uma união fecunda, diferente da Torre de Babel bíblica. Em São Paulo o mito explicava a imigração “vista com bons olhos”. Vemos que Castellano explica a obra de Romário Martins do mesmo modo, como histórias ideais da formação de um povo, isto é, histórias que estavam sendo profícuas, desenvolvendo o Paraná.

Estas homenagens deram à história do Centro de Letras um enredo imbricado de ufanismo paranaense, pois a brasilidade, a miscigenação étnica e o regionalismo defendidos por Romário Martins através de seus relatórios sobre os indígenas e os “caboclos”, são os pontos mais explorados por Castellano, a qual ainda reforçou tais afirmações com uma frase de David Carneiro, cujo conteúdo significa exatamente a importância, neste caso, de Cleve: *a tradição, diz ele, é para os povos com experiência da vida para os indivíduos. Se estes esquecem o seu passado, se*

²²⁴ NETO, Silveira. Op.cit.1992, pp.30-32.

²²⁵ CASTELLANO, Leonor. *Figuras...* Op.Cit., 1953, p.51.

²²⁶ SEVCENKO, Nicolau. Op.cit.1992, pp.30-32.

*perdem consciência de sua existência, tendem a anular-se, ou, quando menos, a repetir os mesmos erros já cometidos, porque o farol com que os indivíduos se conduzem é a experiência da vida armazenada pela memória*²²⁷. Com esta citação é possível sugerirmos a tendência de Castellano em incentivar a tradição e os atos heróicos de personagens, como se esta memória lembrada preservasse ou legitimasse o ideal para um povo. Ao mesmo tempo, nas homenagens sobre mulheres analisamos exemplos em que as mulheres eram encontradas nos escritos literários, como médicas, professoras catedráticas e enfermeiras em meio às guerras, colaborando também para com a Nação. Portanto, se Castellano utilizou a frase de David Carneiro para elucidar um exemplo “masculino”, podemos compreender que essa era também a sua intenção quando escrevia sobre as mulheres.

Entretanto, não são apenas as ideias de território e miscigenação que verificamos nos escritos de Castellano, há o próprio simbolismo que foi lembrado no ano de 1953. Para a autora, outro fundador do Centro de Letras, Andrade Murici, através de sua obra *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, de 1952, representou a preservação que o simbolismo necessitava, já que, segundo Castellano, os autores que lhe eram contemporâneos não o estavam fazendo. A importância dessa homenagem não estava apenas no fato de Murici ter organizado um livro que envolveu nomes como Baudelaire, Oscar Wilde, Gilka Machado, mas, principalmente, na sua ênfase nos escritores paranaenses: Emiliano Perneta, Euclides Bandeira e Dario Vellozo.

Tanto o autor do livro quanto os escritores paranaenses citados estiveram envolvidos com o Centro de Letras; vemos que a escolha de Castellano era pensada. Castellano fazia uso das ideias de outros autores a fim de corroborar com o que afirmava e isto ocorreu com a obra de Murici. A autora citou o francês Roger Bastide, o qual era professor de Sociologia na Universidade de São Paulo (1938-1954), e para quem Andrade Murici era *o brasileiro*

²²⁷CASTELLANO, Leonor. Op.Cit., 1956, p.38.

*que melhor conhece (conhecia) tudo que se refere ao simbolismo*²²⁸.

Neste viés, vemos que os homens lembrados por Castellano pertenciam ao Centro de Letras e acreditamos ser este o motivo que levou a autora a trazer as ações daqueles homens como cruciais para a formação do Paraná, o que era uma tentativa de elevar o próprio Centro de Letras. Neste sentido, é aceitável que em Curitiba, como capital paranaense, houvesse uma “corrida” para se formar uma identidade. Nas datas em que Castellano escreveu a história do Paraná, este Estado – como entidade política e administrativa autônoma - ainda não tinha 100 anos. Sendo assim, reafirmar fatos e heroísmos era parte de um processo de se construir uma história até então juvenil. Castellano parecia saber o papel que ocupava à frente do Centro de Letras em fins de 1940 e início de 1950, como demonstra ao descrever uma visita de um sócio benemérito de Porto Alegre, Zenon Leite (1952). Este, durante a visita teria dito, segundo Castellano: *só posso desejar, e o faço com alegria e sinceridade, que não se interrompam as diretrizes traçadas por esse pugilo de idealistas à frente dos quais, há a destacar, sem dúvida David Carneiro e Leonor Castellano*²²⁹.

Entretanto, o que intriga a este trabalho é o modo como Castellano lembrava as mulheres e homens, aliás, as diferenças que existiam ao falar sobre ambos. Apontamos em Maria Falce e em Guilhermina Gomes um altruísmo, uma benevolência, aspectos que não são exaltados nos homens. Neles há um brio, uma coragem, como se os “verdadeiros” heróis pudessem ser apenas os homens. Não estamos afirmando que Castellano “menosprezava” as mulheres, pois vemos essa ação como um reflexo do seu tempo, das subjetividades que formavam suas ideias.

Para Castellano, o homem paranaense era aquele que lutou na Revolução Federalista, na Guerra do Contestado, que escreveu no Centro de Letras, que fundou a Universidade do Paraná; essas são as características utilizadas pela autora, as quais formam o comportamento ideal dos homens para ela. Nesse sentido é que vemos que Castellano, quando escrevia sobre tais aspectos, e não

²²⁸ CASTELLANO, Leonor. Op.Cit., 1956, p. 9.

²²⁹ CASTELLANO, Leonor. Op.Cit., 1956, p. 20.

sobre o altruísmo e a maternidade destinada às mulheres, estava perpetuando as relações de gênero vigentes. O caráter privado das mulheres era o que as destacava no mundo público junto às inovações, enquanto o dos homens era o mesmo legitimado fora e dentro do lar. Contudo, é preciso perceber que Castellano queria justificar o lugar que ela estava ocupando, portanto lembrar homens poderia ser mais convincente.

Duas mulheres, consideradas expoentes na luta pelos direitos ou por seus exemplos são Rachel Prado (1942) e Mariana Coelho (1947). Ambas foram homenageadas por Castellano. Rachel Prado, cujo nome verdadeiro era Virgília Stella da Silva Cruz, iniciou sua carreira jornalística no jornal fundado por seu pai *A República*. Em Curitiba pôde conhecer diversos outros escritores, como Rocha Pombo. Ainda escreveu para vários periódicos dos Estados Unidos e Itália, para revistas como *O Cruzeiro*, *Fon-fon*, *O Globo* e os jornais *Diário da Tarde*, *Gazeta do Povo*, entre outros. Sua fama permitiu que fundasse em Curitiba a primeira Editora dirigida por uma mulher na cidade chamada *Ravaro*, em 1931, além disso fundou o Clube das Mulheres Jornalistas e preocupou-se com as condições de maternidades e com a reintegração de menores abandonados²³⁰.

Na concepção de Castellano, Rachel Prado construiu novos caminhos para as mulheres *combatendo sempre, livre, só, dependência de ninguém, e com a franca lealdade ingênua dos verdadeiros predestinados, que ela aprendeu ser, o que muita gente não saberia ser, nos maiores transes da vida, uma Heroína*²³¹. Este último trecho diferencia-se da maioria das homenagens que Castellano escreveu, pois percebemos que a autora a elogiou por ser só e livre, *dependência de ninguém*. Sendo assim, a impressão obtida é que ela admirou as conquistas, a primeira gráfica, a liberdade de escrever, mesmo com a presença de um casamento, de filhos, ou seja, o caráter pioneiro de Rachel Prado marcou mais a memória de Castellano, a ponto de compará-

²³⁰MUZART, Zahidé L. *Escritoras Brasileiras do Século XIX: antologia* (v.3). Florianópolis: Ed. Mulheres: CNPq, 2009, p.1041-1055.

²³¹CASTELLANO. Op.Cit. 1956, p.19.

la com Julia da Costa²³² e Júlya Wanderley, a primeira mulher que conquistou o diploma do Normal.

Ao verificarmos a biografia dessas mulheres, vemos que Júlia Wanderley pediu ao próprio governador o direito de estudar o “Normal” no final do século XIX, e apesar de ter mantido uma educação tradicional às meninas ao lecionar aulas de bordado e etiqueta, ou seja, uma espécie de doutrinação para futuras donas de casa, Júlia Wanderley já estava ocupando um novo lugar e isso também era um exemplo para aquelas alunas. Já Julia da Costa não teve filhos, mas casou-se “obrigada”. O seu pioneirismo está em ter sido a primeira poetisa paranaense cujos conteúdos eram sobre o amor não correspondido, um fato que compreendemos como ousado, já que ela escrevia sobre seus sentimentos.

As homenagens que mais parecem diferenciar-se do modelo de “feminilidade” proposto na maioria dos escritos são as destinadas à feminista Mariana Coelho, que além de amiga foi colega de Leonor Castellano no Centro de Letras. Castellano fez uma homenagem, de 1941, em meio a análises da obra de Mariana Coelho. Para Castellano, Mariana Coelho era *educadora, defensora intrépida dos direitos da mulher, cultora elegantíssima dos torneios florais da linguagem...e propagadora dos ideais pacifistas*²³³. Como foi citado também no primeiro capítulo, os escritos e a vida de Mariana Coelho já foram amplamente pesquisados, como o trabalho de Zahidé Muzart, a qual intitulou a feminista de a *Beauvior tupiniquim*²³⁴. A obra considerada mais importante foi *A Evolução do Feminismo: subsídios para a sua história*, publicada em 1933, a qual foi considerada por Castellano como uma:

²³²Júlia Mara da Costa nasceu em Paranaguá (01/07/1844 - 02/07/1911). De família abastada, a jovem apaixonada foi obrigada a casar com outro, um casamento arranjado. Dessa forma, passou a escrever cartas falando do amor não correspondido. As publicações destas tornaram Julia da Costa a primeira poetisa paranaense, apesar de ter vivido praticamente toda sua vida em São Francisco do Sul (SC). Informações disponíveis em http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/juliadaCosta_vida.html. Acesso em 01/08/2010.

²³³CASTELLANO. Op.Cit. 1956, p. 53.

²³⁴MUZART, Zahide. “Resgates e ressonâncias: uma *Beauvior* tupiniquim”. In Home page do *GT A mulher na literatura/ANPOLL*, 2000. Acesso em 15/05/2010.

Concretização, mais alentada e formosa, da literatura histórica, científica e humana sobre a mulher que trabalha, luta, sofre, sobre a mulher que pensa e valoriza o seu destino na comunhão universal dos seres. “A Evolução do Feminismo” retraza a História do movimento feminino através das épocas e dos povos e foi elaborado por Mariana Coelho para ir em auxílio das suas companheiras de todo o mundo, para que a mulher se coloque no lugar que lhe compete entre a comunidade²³⁵.

Para Castellano, o livro representava um manual de feminismo pacifista, para que as mulheres o tomassem como verdade e ocupassem novos lugares na sociedade, como poderemos perceber quando Castellano afirma *para que a mulher se coloque no lugar que lhe compete*. Portanto, compreendemos que Castellano afirmou que a leitura do livro era para as mulheres ocuparem os seus lugares públicos (literatura, ciência, história), sem citar a maternidade ou o lar diretamente. Rosana Kamita²³⁶ demonstra Mariana Coelho e este livro como uma resposta também ao “falso” feminismo de que era acusada, isto é, Mariana Coelho não desejava ser apontada como uma *sufragette* ou como uma feminista sem valores familiares, característica apontada pelos “antifeministas”. O que Mariana Coelho almejava era que o seu feminismo, cuja luta era por direitos de trabalho sem deixar o “lar” fora de seus planos, ganhasse espaço em Curitiba. Inferimos de Rosana Kamita, que a ligação de Mariana Coelho com Dario Velloso e Rocha Pombo intentava o mesmo objetivo de Lutz em relação a políticos conhecidos, que a sua ideia fosse difundida a apoiada por setores influentes da sociedade. Importante ressaltar que Mariana Coelho era uma das representantes de Lutz, no caso era “delegada” da FBPF, e por isso suas ideias eram constantemente trazidas para Curitiba²³⁷.

²³⁵ CASTELLANO. Op.Cit. 1956, pp. 53 e 54.

²³⁶ KAMITA, Rosana. *Resgates e ressonâncias*: Mariana Coelho. Florianópolis: UFSC, 2004. Tese de doutorado, pp. 45-54.

²³⁷ Idem.

Através do livro *A evolução do feminismo...*, de Mariana Coelho, é possível verificarmos muitos pontos importantes quanto ao feminismo e o contexto da autora e de Castellano. Neste livro, Mariana Coelho procurou por meio da presença das mulheres em vários trabalhos públicos, na literatura, nas guerras, em estudos científicos, em opiniões de pessoas contrárias às realizações feministas, instrumentalizar a sua militância feminista.

Mariana Coelho, no contexto de 1940, muitas vezes mostrou-se como “essencialista”²³⁸, pois defendia a supremacia das mulheres em relação aos homens. Em outros momentos demonstrou um desejo de uma pretensa igualdade entre homens e mulheres. A autora afirmava que a intelectualidade feminina só era considerada inferior à masculina devido às diferenças culturais e não biológicas²³⁹ e, portanto, se tivessem o acesso permitido à educação e ao trabalho público obteriam a igualdade entre os sexos.

Essa ideia é reforçada por ambas as escritoras. No primeiro capítulo mencionamos que Castellano citou estudos científicos para argumentar em relação à igualdade intelectual de homens e mulheres, uma prática também realizada por Coelho, como percebemos a seguir: *conclui-se da convicção de Lamark que, desde que a verdadeira educação não impulsionava o cérebro feminino, não podia ser criado o órgão funcional da hereditariedade intelectual da mulher – dando o fato, como resultante, a sua inferioridade secular na ciência e na arte*²⁴⁰. Mariana Coelho atribui à cultura o significados dos sexos, dos órgãos, entendendo que o seu significante não poderia naturalizado.

Castellano frisou o fato de Mariana Coelho ter sido uma grande educadora para Curitiba. Enfim uma mulher que por 62 anos demonstrou *ser uma intrépida sentinela dos direitos e deveres da mulher, cultora elegante e castiça em torneios linguísticos*²⁴¹. Os tons altruístas quanto às qualidades de Mariana Coelho são apontados como vindos do feminismo peculiar e do tempo da

²³⁸Segundo Joana Maria Pedro as “essencialistas” almejavam uma “feminização do mundo”. Ver PEDRO, Joana Maria. Op.Cit., 2005, p.81.

²³⁹KAMITA, Rosana. Op.cit., 2004, p.50

²⁴⁰Idem.

²⁴¹CASTELLANO. Op.Cit. 1956, p. 65.

feminista portuguesa, pois: *preocupada com o futuro dos povos...preconiza antes de mais nada a paz. Daí que seu feminismo estar profundamente entranhado com esta causa, ao lê-la, conclui-se que a paz não pode vir senão pela procura da felicidade de todos...*²⁴². Castellano parece concordar com o feminismo pacífico de Mariana Coelho, pois as conquistas atribuídas à feminista foram lembradas como algo que todas as mulheres deveriam carregar consigo.

Mariana Coelho defendeu a Primeira Guerra como uma causa que serviu para que várias mulheres conquistassem novos espaços. Tal fato também foi lembrado por Castellano nos artigos da *Página Literária* em 1924, em que ressaltou os exemplos ruins vindos de homens no poder, os quais, segundo ela, não seriam comuns se as mulheres tivessem a mesma representação política que os homens, enfatizando o estereótipo de “mais delicada, mais paciente”, das mulheres. Doravante, a Grande Guerra forneceu às mulheres oportunidades até então escassas, pois os homens ao saírem para os campos de guerra deixaram seus lugares vagos, espaços que o capitalismo emergente ocupou com mulheres abastadas e pouco instruídas.

O que percebemos é que já nas primeiras décadas de 1920,²⁴³ as manifestações feministas desejavam um aumento do campo de trabalho, no comércio, na indústria e nas repartições. Podemos compreender que tanto a Primeira quanto a Segunda Guerra, pensando também no contexto de Guilhermina Gomes, deixaram marcas profundas nos hábitos familiares, alterando a divisão das tarefas por sexo, na sociedade e em vários aspectos da vida das mulheres.

Tanto Castellano quanto Mariana Coelho discutiram sobre feminismo, em especial a última. Através da *Página literária*, de homenagens e por meio de livros ambas defenderam algumas conquistas e continuidades. Mas também as duas escritoras, cada

²⁴²MUZART, Zahidé. A cidade das mulheres – Mariana Coelho uma feminista brasileira. In: COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo*. Subsídios para a sua história, 2002, pp.11-18.

²⁴³DUARTE, Constância L. Feminismo e literatura no Brasil In: *Revista de Estudos Avançados* – São Paulo:, v.49, p.9

uma ao seu modo, viviam em uma realidade em que as mulheres poderiam conquistar novas profissões, porém junto ao “lar”. Como aponta Danda Prado²⁴⁴, as duas guerras abriram um leque de opções, apesar de que em seus fins, a muitas mulheres foi destinado o “reinado do lar” novamente e em muitas das profissões que puderam seguir não deveriam abandonar a ocupação de “donas de casa”. Nossa intenção não é dar a Castellano uma continuidade de seus pensamentos de 1924, no contexto de 1940, de 1950, mas sim demonstrar que apesar da ênfase no papel mulher/esposa escritos pela autora, os quais perpetuavam as relações entre os sexos, Castellano continuou a defender profissões e trabalhos fora dos lares às próprias mulheres, unindo as novas conquistas das mulheres a um conservadorismo.

Mariana Coelho e todas as outras representaram mulheres que obtiveram conquistas em meados do século XX, mas que não deixaram de reproduzir os mesmos ideais que as suas sociedades determinavam; um “feminismo pacífico”. O modo como construíram os papéis dos homens/mulheres, mesmo com alguns limites diferenciados, continuou a manter a hierarquia entre os sexos. O contexto de conquistas não afastava as mulheres da moral vigente, isto é, a elas era permitido o Ensino Superior com vários cursos, preferencialmente os que estavam ligados ao magistério. Poderiam também ter um emprego público, desde que a função de mãe e de esposa permanecesse. Dessa forma, além de conquistarem novos espaços estariam colaborando para com o futuro da Pátria.

Percebemos que as datas das homenagens variam, mas foram reunidas, inclusive as das mulheres em sua maioria (com exceção a de Maria Falce), em um só livro, no ano de 1953, data em que o Paraná completava 100 anos e na qual Castellano ambicionava ser reconhecida como a intelectual do Centro de Letras que vinha cooperando com a formação do Estado. Talvez em seu entendimento devesse haver limites no modo como descrevia as mulheres, por mais que lembrasse nelas aspectos pioneiros e diferentes, como a primeira aluna de Medicina e catedrática; uma das “primeiras enfermeiras”, tal como Ana Neri.

²⁴⁴PRADO, Danda. *Ser esposa: a mais antiga profissão*. São Paulo: Brasiliense, 1979, pp.95-100.

De qualquer modo, acreditamos que as características descritas devem ter a intenção de mostrar os centros como lugares ideais para tornar-se membro. Novamente, a respeito da memória, inferimos em Pollak²⁴⁵ que os acontecimentos registrados, tanto do Centro de Letras, como do CPFC tinham uma função pré-estabelecida e, portanto uma intenção em justificar as ideias que os centros defendiam, isto é, um enquadramento da memória num misto entre a consciência de Castellano e dos interesses dos Centros. Enfim, observamos que Castellano tinha o objetivo de demonstrar na memória daquelas mulheres e homens que ambos colaboravam com a nação e o Paraná, assim como, a própria autora.

As homenagens utilizadas nesse capítulo foram escritas, em sua maioria, no Centro de Letras. Tanto este quanto o CPFC foram *locus* de atuação de Castellano. Sobretudo lugares onde ela pôde vivenciar conquistas das mulheres no século XX, isto é, assegurar o que muitas vezes defendeu. As diretrizes desses centros e a atuação de Castellano serão os temas do terceiro capítulo.

²⁴⁵POLLAK, Michael. Op.Cit. 1989, p.9.

3. EFERVESCÊNCIA LITERÁRIA EM CONSOANTE A UMA BUSCA DE IDENTIDADE REGIONAL DURANTE A REPÚBLICA: UM CONTEXTO, UM NOME E ALGUMAS RELAÇÕES.

Neste capítulo propomos fazer uma análise sobre o contexto intelectual, tanto o que deu origem ao Centro de Letras, quanto o que foi vivenciado por Castellano. Nesse bojo, pretendemos compreender a atuação de Castellano por meio de sua intelectualidade. Em seguida, reportamo-nos ao CPFC, onde Castellano foi convivente com o assistencialismo e a intelectualidade.

3.1 CAMINHOS LITERÁRIOS

*Estamos de parabéns, os intelectuais, mais uma vez, os nossos elevados dotes de compreensão, cultura e generosidade à causa das letras estadinas*²⁴⁶.

A afirmação é de Leonor Castellano, a qual se referia ao seu trabalho em prol do tradicional Centro de Letras do Paraná. A autora se tornou reconhecida no meio literário quando se envolveu nas reuniões e encontros do Centro de Letras após a década de 1930, afirmando principalmente concepções direcionadas à formação identitária paranaense. Acreditamos, segundo a pesquisa bibliográfica do contexto e das fontes, que a autora esteve próxima de ideais difundidos durante a Primeira República (1889-1930), por meio do Centro de Letras do Paraná, o qual foi fundado por Euclides Bandeira e Emiliano Perneta, em 1912, e foi um reduto de

²⁴⁶Leonor Castellano, em uma entrevista concedida no ano de 1956 sobre a gráfica que o Centro de Letras adquiriu e pela publicação de novas obras. CASTELLANO, Leonor. *Relatório do Centro de Letras: biênio 1954-1956*. Curitiba: Centro de Letras, 1957, p.45.

grande influência literária do início do século XX até meados do mesmo.

A pergunta feita quando o nome de Leonor Castellano foi visto no rodapé de um livro voltou a inquietar essa pesquisa, assim como o porquê da presença de seu rosto no hall de entrada do Centro de Letras. Quem teria sido e o que Castellano fez para que seu rosto fosse lembrado como a primeira presidente mulher do Centro de Letras? Quem foi essa intelectual que nomeia uma escola da rede municipal e o nome de uma rua atualmente em Curitiba²⁴⁷? Entre dezenas de homenagens *post mortem* direcionadas a ela escolhemos uma, que simboliza especificamente, para Mary Camargo, a autora, o que representou Castellano para o Centro de Letras:

Tem o Centro de Letras afamado
O teu nobre concurso intelectual,
No empenho de levar o nosso Estado
Ao mais alto conceito cultural
Entre nós, o teu vulto consagrado
Impõe-se pelo encanto natural
Do íntegro caráter, bem formado
Nos festins e torneios do Ideal
Que importa a inveja contra ti se afoite,
Qual serpe que se oculta em treva noite
Se habita a tua mente altas esferas?
Pois, como Grã-Sacerdotisa darte,
Teu nome ficará: hão de lembrar-te,
Recordando-te os triunfos de outras eras!²⁴⁸

É possível notar que Castellano – logo após a sua morte em 1969 – era considerada, por aquela centrista, como uma mulher que defendeu o nome do Centro de Letras por intermédio dos eventos e exposições, a fim de, principalmente, constituir ou afirmar uma tradição literária para o Estado do Paraná. Isto é, publicar ou evocar a memória de Castellano era dar continuidade e enfatizar o trabalho direcionado da autora ao Centro. Marita

²⁴⁷ A Escola situa-se à Rua Maestro Carlos Franck, Boqueirão; a Rua Leonor Castellano encontra-se no Bairro Pilarzinho.

²⁴⁸ CAMARGO, Mary. À Leonor Castellano. In: FRANÇA, Marita. *Revista do Centro Feminino de Cultura*. Curitiba: 1969, p.7.

França, organizadora da revista, era membro do Centro e também do CPFC, no qual foi a substituinte de Castellano na presidência. Portanto, tanto Mary Camargo quanto Marita França escreviam com a intenção de promover de uma forma gloriosa, para esta última especialmente, o trabalho que ela conduziria a partir daquele momento. Era nesse sentido que o trabalho e a memória pelos quais lutou Castellano, a permitiam ser lembrada como uma *grã-sacerdotisa*.

Muitos foram os caminhos e clubes que Castellano percorreu. Da maioria dos centros que ela participou, como o Clube Soroptimista e a revista *Correio dos Ferroviários*, lugares em que mantinha duas colunas “Páginas Feminina e Infantil”, temos poucos registros. Além desses, foi fundadora e presidente da “Arregimentação Cívico Eleitoral Feminina (ARCEF – 1962); presidente da Associação de Proteção à jovem, filiada à Obra Internacional de Proteção à Jovem (1963 a 1966); presidente da União Cívica Feminina Paranaense (1963); presidente e fundadora do Círculo de Estudos Santo Agostinho; membro da Academia José de Alencar (1939); vinculada à Liga Feminina de Combate ao Câncer; participante da Associação das Senhoras de Caridade e da Sociedade de Socorro aos Necessitados.

Leonor Castellano frequentou ou foi membro correspondente de outros centros literários não situados em Curitiba, tais como: Ala Feminina da Casa de “Juvenal Galeno”²⁴⁹ (Fortaleza-CE); Centro Cultural “Euclides da Cunha”²⁵⁰ em Ponta

²⁴⁹O clube era de Juvenal Galeno (1836-1931), um dos fundadores do Instituto do Ceará e Patrono da cadeira de número 23 da Academia Cearense de Letras. As reuniões em sua casa eram dedicadas a assuntos literários e culturais. A casa foi transformada em clube em 1919 e recebeu nomes ilustres da literatura brasileira, como Rachel de Queiroz e Euclides da Cunha. Informações retiradas do site <http://www.secult.ce.gov.br/equipamentos-culturais/casa-juvenal-galeno/casa-de-juvenal-galeno>. Acesso em 05/05/2010.

²⁵⁰O Centro foi criado pelo professor, escritor e poliglota Faris Antônio Salomão Michaele (1911/1977), junto a outros intelectuais e professores. O Centro Cultural Euclides da Cunha tinha como um de seus objetivos "reunir bens culturais do patrimônio histórico da região dos Campos Gerais". O Centro hoje é mantido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Informações retiradas do site http://alcg.org.br/cadeiras.php?CADEIRA_ID=16&ACADEMICO_ID=16. Acesso em 10/05/2010.

Grossa (PR); Sub-comitê de Intercâmbio Cultural na América; Associação Internacional de Imprensa (como secretária honorária); membro honorário da União das Organizações Científicas Latino Indianas, com sede em Nápoles, na Itália; a Confraternité Universeille Balzacienne, de Montevideú, no Uruguai; Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul²⁵¹.

Como lembra Bourdieu²⁵², a trajetória, a biografia nunca será completa ou linear, nem ao menos podemos “provar” que o teor das fontes reúne realmente um pensamento seu. Não há, ainda, como saber seu perfume favorito, os seus sonhos ou mesmo se ela tinha livros na cabeceira de sua cama. Nesse sentido, não pretendemos uma trajetória da vida pessoal de Castellano, nem ao menos anular as demais funções que desempenhou. A proposta aqui é compreender as ações de Castellano quanto a sua vida literária e nos centros em que atuou. Bourdieu²⁵³ aponta que o “nome” de uma pessoa, ao traçarmos uma história de vida ou mesmo uma trajetória, significa apenas uma representação social, algo imutável dentro de todo o contexto e épocas que conseguimos encontrar em um “objeto” de pesquisa. Entretanto, não demonstra todas as particularidades da personalidade de Castellano, no caso dessa pesquisa que foi construída em uma pluralidade de espaços.

Para compreender todos os caminhos e centros literários onde essa mulher participou e “empreendeu” é necessário buscar as ideias, estratégias e acontecimentos que cercavam esses clubes, resquícios que nos ajudam não a preencher algumas lacunas, mas a compreender a contingência de acontecimentos que compunham os diversos cenários curitibanos que permeavam a vida de Castellano.

²⁵¹Segundo informações cedidas pelo centro, a escolha de 40 patronas (modelo francês) para representar a Academia foi baseada em nomes de mulheres que tinham se sobressaído no campo literário nas comunidades em que se ambientavam. Pode ser que Castellano nunca tenha estado na Academia - pelo menos não há registro - apesar de receber, em vida, um diploma da Academia Literária do Rio Grande do Sul e de ser hoje a Patrona da cadeira de número 39. Além disso, é patrona da cadeira de número 16 da Academia Feminina de Letras do Paraná, a qual atualmente é ocupada por Liamir dos Santos Hauer (filha de Pompília Lopes, amiga de Castellano).

²⁵²BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, pp.183-191.

²⁵³Ibidem.

Escritores famosos, simbolistas, os quais em sua maioria eram influenciados pelo positivismo, participavam do cenário curitibano desde o fim do século XIX e até meados do XX, o que ocasionou a formação de diversos centros e clubes pelos quais circulavam a literatura, a poesia, como o Centro de Letras do Paraná (1912), o *Club Coritibano* (1890), a Revista *O Cenáculo* (1890), *Fanal*²⁵⁴ (1911-1913), *O Sapo* (1892), Academia de Letras do Paraná²⁵⁵ (1922), Academia de Letras José de Alencar (1939)²⁵⁶, entre muitos/as outros/as. Segundo Claudio DeNipoti²⁵⁷ as revistas e periódicos que se publicavam nessa época eram meios de comunicação para uma geração de escritores paranaenses.

O modo como esses Centros e revistas propagavam seus ideais e a autoafirmação buscada pelos mesmos são aspectos que buscamos compreender, principalmente quanto ao Centro de Letras. Pierre Bourdieu²⁵⁸ infere que um campo intelectual - e neste caso compreendemos a noção de campo relacionada à cidade de Curitiba, a qual viveu na virada do século XIX um aumento significativo do número de centros intelectuais - é um conjunto de centros literários que emana diretrizes literárias, estimula trocas linguísticas que colaboraram na definição da hierarquia e da organização literária existentes na sociedade. Nesse sentido, muitas das ideias, das falas que os centros irradiaram demonstravam que havia disputas entre os próprios centros. Essa disputa, por sua vez, era evidenciada pelo número de revistas e publicações patrocinadas

²⁵⁴*Fanal* era composta por uma nova geração de simbolistas, em relação à *Cenáculo*, tais como: Manoel Lacerda Pinto, Tasso da Silveira, Andrade Murici, Frederico Faria de Oliveira, entre outros. CASTELLANO, Leonor. *Figuras de ontem e hoje*. Curitiba: Escola Técnica, 1953, p.5.

²⁵⁵Fundada em 1922, passou a chamar-se Academia Paranaense de Letras em 1936. Almejava representar a cultura do Estado, inspirada pela Academia Carioca de Letras e pela Federação das Academias de Letras do Brasil. Entre os fundadores, alguns também eram membros do Centro de Letras, estão: Ulysses Vieira, Dario Velozzo, Santa Rita, Leônidas Loyola, Pamphilo d'Assupção, Silveira Neto, Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Leôncio Correia, Lacerda Pinto e Romario Martins. Informações retiradas do site: [HTTP://www.academiapr.org.br/node/8](http://www.academiapr.org.br/node/8). Acesso em 20/06/2011.

²⁵⁶Fundada em 1939. Mantém seu funcionamento até hoje, anexo ao Centro de Letras.

²⁵⁷DENIPOTI, Cláudio. A gloriosa asneira de casar-se: amor e casamento no início do século. In: *Revista de História Regional*. Ponta Grossa: UEPG, inverno, 1996.

²⁵⁸BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, pp.68-69.

pelos grupos, como veremos na próxima sessão. Os conteúdos, as formas e as estratégias utilizadas pelos centros e seus escritores é que determinavam a importância e a memória do reduto representado.

Nesse viés, a *autoafirmação* buscada pelo Centro de Letras, analisada em consoante à efervescência literária das primeiras décadas do século XX, e os recursos utilizados para realizar essa ação, assim como a maneira como Leonor Castellano colaborou com a *missão*, é o que pretendemos compreender. A ênfase que daremos ao contexto literário e ao Centro de Letras no próximo tópico se dá devido à importância do Centro no tempo em que foi fundado, também para a época em que Castellano foi presidente.

3.2 PÁGINAS ESCRITAS SÃO COMO O BRONZE, ESCULPIDAS E ETERNAS

Na época em que o Centro de Letras do Paraná foi fundado tinha a intenção de representar a literatura do Paraná. Mas, para quem visita hoje o Centro talvez não perceba a importância e o número de personalidades que o fundaram. As paredes manchadas, os grandes porta-retratos espalhados pelo ambiente, a escada “arredondada” que acompanha o estilo oval do hall de entrada compõe a primeira lembrança em relação ao Centro de Letras. Um *locus* que demonstra um tempo em que a história literária paranaense estava se formando, um lugar que almejou representar essa história por meio da literatura, das discussões, da oratória. E mais, apesar das condições “abandonadas” em que se encontra hoje, o Centro de Letras continua a presenciar reuniões literárias em todas as tardes de terças-feiras.

Talvez seja difícil para alguém que passa ou adentra o recinto, compreender os princípios de seu criador, Emiliano Perneta, representado por meio de seu busto no salão de entrada, ou ainda, o “aroma” dos velhos livros, da biblioteca, do auditório e aqueles rostos que parecem te observar. Um destes chamou a atenção. Era o mesmo em destaque no “Salão Nobre” do Centro Paranaense Feminino de Cultura. Leonor Castellano é também o primeiro rosto

feminino em meio a tantos masculinos no Centro de Letras, no cargo de presidente.

Reforçamos que há uma distância temporal da data de fundação do Centro em relação à entrada de Castellano como membro, e da época em que ela mais representou o Centro de Letras. Apesar do intervalo, as ideias publicadas ou homenagens escritas por Leonor Castellano demonstram que as concepções dos fundadores de 1912 foram defendidas por ela, ainda que esse processo tenha se iniciado cerca de duas décadas depois, ou seja, a busca pela afirmação da literatura do Estado do Paraná formou as bases da escrita de Castellano.

A fomentação de clubes literários, de revistas e de jornais dirigidos por intelectuais que estavam preocupados com a formação da identidade paranaense teve seu início em fins do século XIX. Nessa época havia a intenção de construir essa identidade devido à jovialidade do Estado, o qual havia conquistado sua emancipação no ano de 1853, além da própria influência da Proclamação da República, em 1889. O objetivo era de “encontrar” elementos que diferenciassem o povo paranaense, que demonstrassem que o Paraná era um Estado com uma história própria, independente de São Paulo. Por meio da literatura, do jornalismo, alguns *moços*²⁵⁹ acreditavam que poderiam permear as condições ideais para o crescimento e o progresso da província. A cidade de Curitiba no início de 1900, enquanto capital, sofreu modificações urbanísticas, como o alargamento de ruas e calçadas, a construção de bondinhos, os quais tornaram a cidade muito diferente dos ares provinciais que existiam até cerca de 1870. Uma *modernidade* alcançou os ares curitibanos e, neste contexto, clubes e periódicos foram utilizados como ferramentas da propagação de ideias políticas, literárias e sociais.

²⁵⁹O termo é de Sílvia de Mello, que buscou em sua tese de doutorado, bastante utilizada na presente pesquisa, demonstrar como jovens utilizaram as “letras” para expor seus ideais relativos à modernidade e à formação da identidade regional paranaense, por meio de clubes e revistas. MELLO, Sílvia Gomes Bento de. *Esses moços do Paraná...* A livre circulação de palavras nos albos da República. Florianópolis, 2008. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, pp.1-13.

Para analisarmos um pouco do contexto literário curitibano retomamos um conceito de Pierre Bourdieu. Para este sociólogo²⁶⁰ não é possível compreender as origens do nascimento de um campo intelectual²⁶¹, como entendemos nesse trabalho no que se refere ao modo como o Centro se insere em um campo intelectual dentro do contexto curitibano, sem considerar ou refutar a *gênese social*, a época, os motivos que o tornaram um centro literário. Ainda para o mesmo autor, quando se quer realmente analisar as origens que encabeçaram um movimento é preciso verificar o que está nas entrelinhas, visto que a essência de uma arte é compreendida quando analisamos as representações exteriores às quais elas se opõem.

A efervescência literária era sentida no Brasil, pois em fins do século XIX foi criada a Academia Brasileira de Letras (ABL). Segundo o historiador João Paulo Coelho de Souza Rodrigues²⁶², a ABL foi criada justamente para não discutir sobre os temas políticos da época, visto que a década de 1890 apresentou muitos problemas decorrentes da República, isto é, havia uma decepção com o governo por parte dos literatos. Mas a partir de 1912, já depois da morte de Machado de Assis (1908), com a saída de Érico Veríssimo, as primeiras diretrizes da ABL foram modificadas com a entrada de políticos como Lauro Muller. O autor aponta que os debates nesse contexto concentravam-se em assuntos como a nacionalidade, a literatura brasileira, o alcance da civilização, mistura de etnias.

Para a historiadora Silvia de Mello²⁶³, no Paraná não foi diferente. De acordo com a autora, intelectuais desse momento perceberam que as ideias relacionadas ao progresso de um Estado estavam vinculadas diretamente à formação cultural da sociedade.

²⁶⁰BOURDIEU, Pierre. Op.cit., 2010, p.69.

²⁶¹Inferimos de Bourdieu que a noção de campo está relacionada a um espaço social de dominação, o qual tem suas próprias regras, organização e hierarquia, a fim de que seja reconhecido e legitimado. Ver: BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

²⁶²RODRIGUES, João Paulo C. S.. *A dança das cadeiras*: Literatura e Política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). Campinas: Ed. Unicamp, ceclut, 2001, pp.15-30.

²⁶³MELLO, Silvia Gomes Bento de. Op.cit., 2008, p. 13.

Nesse contexto, a feminista e educadora portuguesa Mariana Coelho, amiga de Castellano, a partir de 1930 escreveu a obra *O Paraná Mental* em 1908, na qual organizou uma lista de escritores e obras que ilustravam a riqueza literária que se vivia no Paraná. A intenção em publicar a obra demonstra como Curitiba estava vivendo uma época em que a literatura era valorizada. Entendemos dessa forma, pois entre vários nomes citados por Mariana Coelho, alguns são referentes a grandes historiadores e escritores daquele contexto, sendo que todos faziam parte de um ou outro centro: Emiliano Pernetá, José Henrique Santa Rita, Romário Martins e Rocha Pombo²⁶⁴. O primeiro, influenciado pelas ideias simbolistas, obtidas com as leituras de livros do poeta Charles Baudelaire, foi o maior propagador do simbolismo no Paraná; já Santa Rita foi organizador dos estatutos do Centro de Letras e amigo de Pernetá; Romário Martins, por sua vez, foi responsável por boa parte da escrita da História do Paraná em seu contexto, assim como Rocha Pombo. São homens que a partir de 1890 envolveram a sua escrita com o contexto que vivido em Curitiba. Deste modo, Rocha Pombo, na época em que o livro de Mariana Coelho foi lançado, publicou em um jornal a importância que aquele livro representava no contexto literário vivido por ele e os demais:

Mas assim mesmo como (o livro) está [...] é uma lição que nos deixa; é uma cópia exata da abundância e da espontaneidade com que temos por ali a nossa visão dirigida para um vasto horizonte de larga vida moderna; e com segurança pode julgar-se, pelo que nos dá a autora, da originalidade, do que tem de incisivo, no seu modo de ser, na sua natureza moral, na sua índole e na sua capacidade de cultura, o povo paranaense.²⁶⁵

O livro e o conteúdo nele contido, para Rocha Pombo, é a realidade que a modernidade advinda da República pôde demonstrar por meio dos trabalhos dos escritores paranaenses,

²⁶⁴José Francisco da Rocha Pombo era nascido no Paraná, mas viveu mais de uma década no Rio de Janeiro. Apesar disso, nunca deixou de manter laços com a intelectualidade paranaense, sempre escrevendo ou comentando crônicas publicadas nos periódicos locais. Leonor Castellano escreveu sobre este historiador na década de 1940.

²⁶⁵POMBO, José F. Rocha. *apud* MELLO, Silvia G. B. Op.Cit., 2009, p. 13.

demonstrados na obra de Mariana Coelho. O nacionalismo buscado dentro dos preceitos do tempo da Primeira República estava, de alguma forma, vinculado ao regionalismo paranaense. No que tange a esse assunto, o contexto curitibano não está isolado do âmbito nacional. Como analisado, muitos intelectuais curitibanos mantinham contato com obras como as de Charles Baudelaire e de outros escritores brasileiros que viviam na capital da República ou em São Paulo. No Paraná, este contato se deu principalmente por meio de Emiliano Perneta.

Intelectuais, não só paranaenses, viam esse contexto brasileiro como uma época em que os ideais de progresso²⁶⁶ e os caminhos possíveis deveriam ser investigados e traçados. Para o autor João Paulo Rodrigues²⁶⁷, apesar da ABL – seu objetivo de pesquisa – afirmar que naquele contexto não tinha nenhuma tendência política, havia dois aspectos que norteavam as discussões: um interno (dentro do campo intelectual), no qual os literatos consideravam a ciência (relacionada aos termos etnia e evolução) indiscutível, portanto universal; já o outro seria relativo à ordem social e os problemas ocasionados que atravancavam o progresso.

Os conceitos de nação e de nacionalismo estavam se formando no Brasil, devido à recente Proclamação da República, à Abolição da Escravatura, entre outros. Momentos importantes que mudaram os rumos da história brasileira e que serão discutidos desde o fim da década de 1890 até a consolidação do nacionalismo no Governo Vargas. A modernidade trouxe novidades políticas e culturais que colaboraram na redefinição da sociedade e por isso tornaram-se alvo de disputa entre literatos.

A historiadora Andrea Schactae²⁶⁸ reforça que nos anos de 1920 não havia no Brasil e em Curitiba, um conceito pronto e determinado sobre o que seria o patriotismo, o nacionalismo. Não

²⁶⁶Ibidem, p.12.

²⁶⁷RODRIGUES, João Paulo C. S. Op.Cit, 2001, pp.23-24.

²⁶⁸O trabalho da historiadora busca compreender como se deu a formação da polícia militar no Paraná, especificamente a ala “feminina” dentro do âmbito de formação nacionalista. SCHACTAE, Andrea Mazurock. *Farda e batom, arma e saia: a construção da polícia militar feminina no Paraná (1977-200)*. Curitiba: Tese (doutorado), 2011, pp. 17-31.

obstante, a autora ao estudar as comemorações de Tiradentes em Curitiba, no início do século XX, aponta que a identidade paranaense estava sendo vinculada a uma identidade nacional em construção. Portanto, a definição de uma identidade paranaense nos anos de 1920 e 1930, estava afirmando uma identidade nacional, bem como a identidade nacional legitimou a regional, nas cerimônias ao herói nacional.

Sobre essa época a historiadora Etelvina M. C. Trindade²⁶⁹ aponta que juntamente às mudanças do republicanismo, símbolos, mitos e origens foram manipulados pelo conceito nacionalista empregado na cidade, em busca de uma construção do nacionalismo brasileiro e da identidade paranaense. Ainda, as escolas, principalmente as primárias, eram vistas como meios de propagação da mensagem patriótica, e as mulheres como elementos formadores das gerações posteriores. Nesse sentido, crianças e jovens, desde o início “amariam” a Pátria, ou em outras palavras, a República. Em conjunto a essa formação “nacional identitária” novidades também marcaram essa fase na capital paranaense. Com a abertura de casas bancárias, indústrias e a chegada de imigrantes e migrantes, a cidade viveu um processo de urbanização em que regras fiscais e de higienização começaram a ser implementadas.

As inovações alteraram o panorama social e o olhar de muitos curitibanos. E é nessas circunstâncias que intelectuais vão se atrelar às formas de escrita para recompor quais seriam os ideais republicanos para colaborar na formação de um “novo Brasil e de uma nova Curitiba”. Portanto, quanto ao Centro de Letras, se buscássemos exatamente só o que foi declarado em sua ata de fundação, em seus registros, sem considerar o seu contexto, deixaríamos para trás o que Bourdieu intitula de *gênese social*²⁷⁰. Deste modo encontraríamos o que o Centro de Letras desejava transparecer à crítica e aos jornais, sem denunciar os motivos particulares, “interiores” ao clube. Juntamente à ideia de mudanças e inovações desse contexto, o que concerne ao início desta pesquisa

²⁶⁹TRINDADE, Etelvina M. C. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996, p.87.

²⁷⁰BOURDIEU, Pierre. Op.cit., 2010, pp.281-298.

é: que elementos, além da modernidade já citada, favoreceram a criação de tantos redutos literários, principalmente o Centro de Letras? Como este se formou um *locus* tão defendido por Castellano, pelo qual ela lutou e escreveu?

Leonor Castellano, apesar de ter participado do Centro somente nas décadas posteriores a sua fundação, já tinha mais de vinte anos na década de 1920, trabalhava em órgãos públicos, escrevia artigos e, portanto, conviveu com parte da época de efervescência literária em Curitiba. A literatura era importante para a autora, como podemos perceber quando retomamos uma fala sua, na qual ela definiu a palavra falada como algo que pode ser esquecido, mas a que é registrada em um livro pode permanecer para sempre: *não há outro meio de o poder perpetuar, a não ser gravando-o no bronze, esculpindo-o na pedra, burilando-o nas páginas de um livro*²⁷¹. Esta concepção, em que a escrita é analisada como detentora das ideias *reais e mais evidentes* de um tempo, foi uma característica perpetuada por Castellano e iniciada pelos *moços* de gerações anteriores. Mais que isso, os registros literários representavam um poder simbólico, uma disputa dentro de um campo intelectual, em que os grupos reafirmavam suas ideias a fim de conquistar um público e para que suas noções fossem vistas como formadoras da identidade.

Até a época próxima da Proclamação da República, o ato de escrever no âmbito político era direcionado a uma elite econômica e política em geral²⁷². Deste modo, não eram muitos que participavam efetivamente da arte de escrever. Entrementes, com a divulgação jornalística e literária de fins do século XIX, a palavra passou a ser vista como algo que deveria ser discutido. Os tons literários e patrióticos ganharam a oportunidade de serem divulgados, de circular nas rodas e revistas de parte da comunidade curitibana. Dar acesso, tornar conhecido esse campo intelectual e as diversas ideias que circulavam nele, foram os ideais de muitos escritores daquele tempo, tanto que muitos apenas ocuparam-se disso ao fundar clubes e escrever colunas destinadas aos jornais e às revistas difundidas naquela sociedade. A esse respeito Mello

²⁷¹CASTELLANO, Leonor. *Discursos*. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1935, p. 5.

²⁷²MELLO, Sílvia Gomes Bento de. *Op.cit*, 2009, pp.14-16.

aponta: *a palavra deixava de estar fechada, restrita a poucos, para tornar-se aberta, conhecida, ter multiplicado o seu uso e sendo usada em suas várias potencialidades. Para tanto, como meio de fortalecer a palavra, agruparam-se em clubes e associações*²⁷³.

A arte e a literatura não foram incentivadas apenas pela vontade dos literatos. Os ares modernos não aumentaram somente os empréstimos de livros nas bibliotecas fundadas, mas até mesmo a troca de obras entre pessoas da sociedade. DeNipoti afirma que o número de bibliotecas e livros obteve um aumento significativo, além de que havia a ideia de que a população deveria ser “civilizada” para ocasionar o progresso, influenciada pelo ideal positivista. Um dos modos para que isso acontecesse era investir em bibliotecas públicas e particulares, como era o caso do *Club Coritibano*²⁷⁴.

Em suma, o melhoramento da tipografia, a aceleração na produção e o aumento no número de publicações e exemplares foram fundamentais para a difusão das novas teorias literárias, obras e romances que também alcançaram um público mais amplo²⁷⁵. Os clubes e centros, ao utilizarem esses mecanismos, puderam construir um saber autorizado, legitimado e principalmente envolveram-se num jogo de poder simbólico.

Os conteúdos e a maneira como falavam os indivíduos que pertenciam aos clubes representavam os ideais em que acreditavam. As concepções de escrita, os suportes de divulgação, de recepção e os temas eram as causas que motivavam a disputa entre os grupos. Bourdieu afirma²⁷⁶ que a palavra escrita não está

²⁷³MELLO, Sílvia Gomes Bento de. Op.cit, 2009, pp.14-16.

²⁷⁴O historiador DeNipoti, em seu estudo sobre a História da Leitura sobre a BPPR no início do século XX, em Curitiba, procurou fazer um mapeamento do número de bibliotecas e de livros. Preocupou-se também com as estruturas e organizações. Percebemos que apesar dos apontamentos das precárias condições, muitas vezes houve um significativo aumento no número de empréstimos e de frequentadores desses ambientes na virada do século XIX. Fatos políticos, sociais e culturais acarretaram as mudanças. DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer: a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Ed. Unicamp, 1999, pp. 23-45.

²⁷⁵Muitas outras novidades colaboraram para isso, como a criação da Escola de Belas Artes e Indústria (1886-1906) que promovia várias aptidões artísticas e industriais, como cursos de pintura, escultura, tipografia e fotografia. MELLO. Op.cit. 2009, p.19.

²⁷⁶BOURDIEU. Op.cit, 2010, p.286.

inconsciente do seu espaço, do seu tempo histórico. O ato de produção, de apropriação de escritos não está alheio ao que um campo ambiciona. As obras e os escritos que saem de um campo artístico emanam as suas ideias, reforçam os laços entre o “Centro” e os que o dirigem, que escrevem sobre ele e portanto dão continuidade ao processo literário almejado. Ou mesmo, como afere João Paulo²⁷⁷, a ABL obteve uma posição política por si só, a partir do momento em que estipulou suas regras, estatutos e limites (nem sempre respeitados). O Centro de Letras, mesmo não tendo um ideal político, nem religioso, quando escolheu o seu objetivo de afirmar, ao seu modo, a identidade paranaense, assumiu suas intenções.

No início do século XX estavam ocorrendo alguns movimentos literários em Curitiba. Um deles, o movimento paranista²⁷⁸, obteve destaque e era comandado por intelectuais, políticos e artistas. O *Paranismo* nada mais era que uma tentativa de resgatar a História do Paraná, ou se necessário fosse, inventá-la. Este movimento iniciou-se em fins do século XIX, porém ganhou força em primórdios do século XX. Essa estratégia em criar significados para a identidade regional, tendo a linguagem como ferramenta, seria uma característica que grupos de uma sociedade podem aderir a fim de programarem uma história literária paranaense. Quanto às ações do *paranismo* podemos compreendê-las como estratégias que queriam legitimar uma verdade, uma história, “uma tradição inventada”. Segundo Bourdieu,²⁷⁹ o uso da própria história pode ser um meio para se criar uma representação mental, como um poder simbólico sobre uma sociedade. Em Curitiba isso ocorreu através do reconhecimento de emblemas, de

²⁷⁷RODRIGUES, João Paulo C. S. Op.cit, 2001, pp.23-24.

²⁷⁸Movimento ocorrido maciçamente no começo do século XX. Seus intelectuais e artistas plásticos, provenientes de diversas camadas sociais, tinham por intenção estabelecer uma cultura paranaense, objetivo almejado desde a Emancipação do Paraná em 1853. Suas elites buscaram definir as características simbólicas da nova Província. PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: o Paraná inventado; cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

²⁷⁹BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Ed. USP, 1998, pp.107-108.

bandeiras e da literatura, quando artistas, pintores e intelectuais “resgataram” a história do Paraná.

Tal processo, por meio de uma ação intelectual, aumentou já a partir do fim do século XIX, quando o Paraná passou a presenciar também a disputa pela demarcação dos limites com o Estado de Santa Catarina e com a proposta de criação da Universidade do Paraná, em 1891, promovida por Rocha Pombo²⁸⁰. Analisamos que a formação da Universidade evidenciada no segundo capítulo, dentro da ação católica, reforçou a identidade e a intelectualidade paranaense, principalmente como um espaço de disputa para a afirmação da identidade do Estado. Compreendemos que as elites intelectuais no Paraná forjaram, em diferentes formas entre as décadas de 1890-1930, projetos de identidade, inclusive utilizando as belezas naturais como argumentos.

Ainda, o que tange também as principais discussões desse contexto é o embate que havia entre clericais e anticlericais²⁸¹. Isso era decorrente da ruptura da Igreja e do Estado, após o fim do Império. A Igreja, por sua vez, instituiu uma diocese efetivada no ano de 1894 em Curitiba, com a intenção de reconquistar o espaço que havia mantido até o ano de 1889 no Estado do Paraná, sendo esta uma estratégia utilizada em todo o Brasil.

Por meio de escolas confessionais dirigidas por congregações e ordens católicas de imigrantes, a Igreja lutou para dismantelar grupos anticlericais, como os das revistas simbolistas *O Cenáculo* e o da *Club Coritibano*. As duas décadas seguintes foram marcadas por essa disputa e lideradas ora por Dario Vellozo, ora pelo Padre Desidério Deschand²⁸², este por meio das revistas *Veritas* e *Estrela*. Para Dario Vellozo, líder da revista *O Cenáculo*, o Paraná precisava desenvolver sua própria literatura e manter um intercâmbio com outros centros culturais do país. Tais ações

²⁸⁰Ver: CAMPOS, Névio de. *Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade: 1892-1938*. Curitiba: 2006, Tese (Doutorado em Educação). Setor de Educação, UFPR, pp. 122-137.

²⁸¹Ver: MARCHETTE, T. D. *Corvos nos galhos das acácias: o movimento anticlerical em Curitiba, 1896-1912*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999, p.1.

²⁸²NEUNDORF, Alexandro. *Intelectualidade, fronteiras e identidade: O Paraná no início do século XX*. Curitiba: 2009, Dissertação (Mestrado em História). Setor de História, pp. 35-40.

colaborariam para desenvolver, em Curitiba, um público intelectualizado que teria suas atenções voltadas a uma nova formação de identidade literária, desligadas de noções religiosas. As atas e boletins do Centro de Letras, estes em geral publicados em triênios até a década de 1930 e posteriormente de dois em dois anos, publicavam também as cartas e telegramas recebidos de outras entidades culturais, além de exemplares de livros²⁸³. Isto se dava a fim de tornar a literatura circulante, ao mesmo tempo em que buscavam ser reconhecidos.

Já o Positivismo, uma corrente filosófica que surgiu no século XIX, foi uma importante influência nos meios literários em Curitiba. Para Auguste Comte²⁸⁴, filósofo francês fundador do Positivismo, a filosofia científica, a política e a cultura, dentro de uma nova reorganização, deveriam caminhar juntas, comandadas por uma elite científico-industrial, o que promoveria a fraternidade de todo um país. O novo sistema tinha como princípio um regime de governo republicano em que o Executivo seria forte e separado da Igreja.

O bem da humanidade estaria ao alcance do país, resultado de um trabalho em que banqueiros, industriais e cientistas trariam o progresso. O contexto dessa teoria é um tempo que se mostra numa renovação industrial e de políticas de governo regidas pelo capitalismo, principalmente na virada do século XIX, tanto na Europa quanto na América Latina. O Brasil, por sua vez, vivia um processo de renovação desde as primeiras ideias republicanas, na década de 1870, com um dos expoentes, o militar Benjamin Constant, que também era leitor de Auguste Comte.²⁸⁵ Tanto o

²⁸³Até a década de 1930 encontramos cinco boletins, entre atas e livros de contabilidade. Já a partir de 1930, a época de Castellano, os boletins passaram a ser bienais, além dos eventos e apresentações de livros terem aumentado. As fontes encontram-se no Centro de Letras do Paraná e na Casa da Memória.

²⁸⁴Isidore Auguste Marie François Xavier Comte nasceu na cidade de Montpellier em 1798 e faleceu em Paris em 1857. Estudou na Escola politécnica de Paris em 1814 e foi estudioso das teorias de Henri de Saint-Simon (1760-1825) sobre o socialismo utópico. Interessava-se pelas ciências naturais e questões históricas e sociais, que o ajudaram futuramente em suas reflexões. TRINDADE, Etelvina. Auguste Comte e a mulher: o feminismo na Primeira República. In: TRINDADE, Etelvina M. C.; MARTINS, Ana Paula Vosne. *Mulheres na história: Séculos 19 e 20*. Curitiba: UFPR, 1997, pp.44-62.

²⁸⁵Ibidem, p.48.

Positivismo, quanto o *paranismo* foram movimentos que formaram clubes, o que nos permite compreender que Curitiba vivia um novo tempo no que se refere à política e à literatura.

Muitos foram os clubes que promoveram a efervescência cultural e literária de Curitiba, ideias que em muitas oportunidades serão próximas aos fundadores homenageados por Castellano. Uma das vertentes literárias foi a constituição do movimento simbolista, o qual era representado por nomes como o de João Itiberê, de Silveira Neto e de Nestor Victor, que eram vistos em destaque. As ramificações e discussões provenientes desse grupo deram notoriedade a Emilio de Menezes, Santa Rita, Dario Vellozo, Emiliano Pernetta, Euclides Bandeira²⁸⁶ e Rocha Pombo. Sem querer fazer uma lista exaustiva de nomes, o nosso objetivo em apontar tais “senhores” é o fato de estes homens serem representantes da busca pela formação da identidade cultural e política paranaenses, além de alguns serem também positivistas e paranistas.

Foram agentes que reforçavam uma tradição coletiva. Os temas relativos ao patriotismo e às tradições paranaenses das palestras e das poesias comentadas em encontros, nos jantares e nas visitas a outros centros são entendidos utilizando um conceito de Eric Hobsbawn²⁸⁷, como tradições inventadas, isto é, formas de se construir a identidade paranaense, através de símbolos, esculturas e até mesmo histórias, cujos objetivos são normatizar valores e comportamentos que reforçavam a identidade paranaense.

²⁸⁶Euclides da Motta Bandeira e Silva, descendente dos fundadores de Curitiba, nasceu naquela cidade, em 22 de novembro de 1876. Fez os estudos preparatórios em Curitiba, os quais continuou na Escola Militar do Rio de Janeiro. Após alguns anos retornou à cidade natal, passando a trabalhar como redator e diretor. Passou por diversas revistas, principalmente as simbolistas; era membro da maçonaria, além de ter feitos muitas campanhas anticlericais. Sua maior influência obteve no Diário da Tarde no começo do século XX, um reduto repleto de jovens escritores, poetas jornalistas que juntos, no salão de honra do jornal, inauguraram o Centro de Letras. MOREIRA, J. *Dicionário bibliográfico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1957, p.577.

²⁸⁷Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. HOBBSBAWN, Eric. A invenção das tradições In: HOBBSBAWN, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p.9.

Emiliano Pernetá estava entre os principais autores dos artigos simbolistas, sendo considerado, por Andrade Muricy, *o príncipe dos poetas paranaenses e o centro de toda a vida intelectual de sua terra*²⁸⁸. Pernetá viveu até os 18 anos em Curitiba, época em que já colaborava com a revista *A Vida Literária*, para onde retornou em 1896, já com 30 anos. O afastamento do ambiente curitibano era recorrente para aqueles que tinham a intenção de estudar ou conhecer mais sobre outras ideias literárias. No caso de Pernetá, o que o moveu foi um desejo correlacionado ao objetivo de estudar Direito em São Paulo e de conviver com o meio jornalístico e literário do Rio de Janeiro. Nesse contexto, em uma visita a Curitiba trouxe livros de Charles Baudelaire, o que difundiu amplamente nesta capital os ideais simbolistas. Foi em uma dessas visitas que seu amigo, Henrique Santa Rita também conheceu livros de Baudelaire e foi, posteriormente, um companheiro de conversas e discussões literárias com Pernetá, inclusive no Centro de Letras.

As rodas de amizades mantidas por Pernetá eram apontadas por Muricy²⁸⁹ como as responsáveis pela “rica” relação entre a simbolista Curitiba e os demais estados. Uma visibilidade que acrescentou reconhecimento ao Estado do Paraná, em nível nacional, que passou a ser visto como um *lócus* de produção literária e cultural, ao mesmo tempo em que estimulou a escrita paranaense. Sobre isso, falaremos especificamente no próximo tópico, dando ênfase ao Centro de Letras.

3.2.1 CENTRO DE LETRAS: UM ESPAÇO DE DEFINIÇÕES HISTÓRICO-LITERÁRIAS PARANAENSES

Segundo o historiador Alexandro Neundorf²⁹⁰, um dos nomes que mais se destacou da geração simbolista, entre “os

²⁸⁸MURICY, José Cândido de Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Brasília: CFC/INL, 1973, p. 287. apud: MELLO, Sílvia G. B. Op.cit., p. 26.

²⁸⁹Ibidem, p. 27-28.

²⁹⁰NEUNDORF, Alexandro. Op.Cit, 2009, p.41.

novos”²⁹¹, foi o de Euclides Bandeira. Este era republicano, anticlerical e como resultado das indagações do grupo de Dario Vellozo e em contraste com outros de sua geração, fundaria o Centro de Letras do Paraná, alegando que: *de há muito vinha trabalhando o espírito de nossos homens de letras a organização de um Centro, embora de fato os nossos escritores vivam na mais bela solidariedade espiritual, formando um verdadeiro bloco. Era preciso, porém, um ponto de reunião e essa necessidade está preenchida com o Centro de Letras do Paraná*²⁹².

Na citação percebemos que Euclides Bandeira falou sobre o grupo que fundou o Centro de Letras como um “bloco” que agia com os seus interesses, agrupados na formação do clube literário citado. Notamos ainda a palavra “necessidade”. Acreditamos que se Euclides Bandeira declarou que os intelectuais fundadores tinham a necessidade de reunir-se em um clube, em construir algo que representasse a “fala” e a posição intelectual deles²⁹³, o cerne da fundação esteve na formação da identidade regional paranaense.

Neste sentido, o Centro de Letras foi criado com o intuito de colaborar para com o progresso literário do Estado, através da editoração de revistas, livros e conferências. A data escolhida para a fundação do Centro foi a mesma de comemoração do aniversário de 59 anos de emancipação do Estado do Paraná; portanto o “intelectualismo patricio” promovido pelo Centro seria um presente à data festiva e uma estratégia para entrar na história do Paraná, já que estava colaborando para com aquela comemoração. Relembrando então o que o historiador Neundorf demonstra em seu trabalho a respeito da disputa de ideais e de “grupos” intelectuais, afirmamos, neste trabalho, que a criação do Centro de Letras não foi ingênua, que sua promoção não está separada de uma gênese

²⁹¹Grupo liderado por Euclides Bandeira. Referem-se deste modo devido a uma diferença no movimento simbolista em relação aos novíssimos, cujo grupo teria um cunho mais espiritualista. Idem.

²⁹²*Centro de Letras do Paraná*. In: Diário da Tarde, 4 de janeiro de 1912, p. 01. *apud*. NEUNDORF, Alexandre. Op.cit, 2009, p. 41.

²⁹³Nesse caso, especialmente os estatutos determinados em 1912 demonstram que a principal intenção do Centro de Letras era construir uma identidade literária para o Paraná. BANDEIRA, Gláucio et all. *Centro de Letras do Paraná*. Curitiba: Centro de Letras, 1958, volume LXV, p. 15.

social, pois como Bandeira afirmava *era preciso, porém, um ponto de reunião e essa necessidade está preenchida*²⁹⁴.

Inferimos de Bourdieu²⁹⁵ que a palavra escrita pode ser um capital simbólico que reproduz o que o seu escritor ou o seu grupo representa. Entrementes, mais que isso, é a voz do escritor que não está apenas repetindo, mas sim frisando e de certa forma até impondo. Os vários clubes curitibanos e o Centro de Letras surgiram num contexto em que eram muitas as ideias que circulavam e, por isso, precisavam se impor para conquistar o reconhecimento como centros literários paranaenses. Essa era a motivação. Compreendemos, no que tange a esta pesquisa, que os textos e os poemas são as “coisas simbólicas e materiais” que compõem o cenário de disputa entre os grupos.

A preocupação dos fundadores daquele contexto era que todos os membros deveriam estar sempre preocupados em contribuir, através de seus esforços, para a formação da identidade paranaense. O que nos chama a atenção é o fato de que o Centro de Letras, na época de Castellano, aclamava que o clube tinha uma intenção cívica, como observamos a seguir:

O Centro de Letras do Paraná, fundado nesta cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná aos 19 dias do mês de dezembro de 1912 e considerado de “Utilidade Pública” pela Lei nº 2.231 de 9 de abril de 1923, tem por fim concorrer para o progresso cultural do Estado, desenvolvendo, na forma dos presentes estatutos, um programa de aspectos diversos – literário, científico, artístico e cívico.²⁹⁶

Conquistar um crescimento, ou até mesmo colaborar para com a construção de um ambiente literário característico paranaense, era a intenção do Centro de Letras. As reuniões e encontros não tinham por objetivo discutir leituras e poemas, a não ser que fossem de novos escritores paranaenses; o alvo era

²⁹⁴NEUNDORF, Alexandro. Op.cit, p. 41.

²⁹⁵BOURDIEU, Pierre. Op.cit., 2010.

²⁹⁶Ressaltamos que Leonor Castellano estava na composição da comissão que elaborou esse documento. BANDEIRA, Gláucio et al. Op.cit., 1958, p. 10.

encontrar meios pelos quais a sua literatura ganharia reconhecimento, fosse de forma artística, literária, científica ou cívica. Quanto a esta última característica, o calor da República e da laicização estimularam o nacionalismo, o civismo, e no caso mais específico do Centro de Letras, o *Paranismo*. Esta era a roupagem, o interesse da escrita, os assuntos dos contos e das crônicas. Santa Rita, um dos organizadores dos estatutos em 1912, compreendia que o *domínio da palavra manifesta um poder, não é apenas organização [...], mas também de dominar e significar o mundo*²⁹⁷. Essa palavra, sem dúvida eram estratégias para convencer a realidade curitibana da importância da história literária paranaense que eles formavam.

A conotação cívica pode ser notada também na própria organização da biblioteca do Centro de Letras, como percebemos ao verificar que os livros escolhidos obedeciam a critérios estabelecidos no estatuto, como vemos a seguir²⁹⁸:

- as estantes de maior realce serão as de autores paranaenses, as quais poderão trazer nomes de escritores paranaenses já falecidos;
- a biblioteca deverá ter orientação eminentemente paranista com o fim de ser especializada e completa em obras e publicações paranaenses;
- por aquisição só poderão ser adquiridas obras paranaenses ou de escritores aqui radicados.

O Centro publicava reedições, mas para um membro tornar-se efetivo deveria apresentar uma obra inédita e dentro das características que citamos, isto é, relacionada a assuntos *paranistas* e no mínimo radicada no Estado. A exigência de que a obra fosse inédita estimulava a escrita e aumentava a “estante paranaense”. Essas estratégias demonstram que a organização do Centro não era ingênua, como percebemos nos critérios pré-estabelecidos em estatutos da década de 1910 e reafirmados em

²⁹⁷MELLO, Silvia G. B. Op.cit, pp. 22-30.

²⁹⁸BANDEIRA, Gláucio et all. Op.cit, 1958, p.13.

1950 por Castellano. Diante disso, como lembra Bourdieu²⁹⁹, um campo intelectual tem suas várias divisões, em que todas as partes disputam entre si um maior reconhecimento, e para se tornar membro ou integrante – em um segmento – deve passar pelo julgamento e consagração de sua obra. No caso do Centro, a obra inédita e *paranista* era o modo como alguém poderia ser aceito como membro benemérito (caso fosse convidado a escrever) ou efetivo (por vontade própria). Os membros responsáveis – conselhos, presidente, vice-presidente – eram os que davam permissão ou não, constituindo uma história social do campo, à qual estavam associadas as condições em que se apresentavam as obras e a origem do escritor/escritora.

Portanto, além da organização ser espacial, era também qualitativa, ou seja, a escolha de autores/as e obras paranistas eram preferenciais. Deste modo, a afirmação que fizemos logo atrás sobre o Centro ter um objetivo cívico também, torna-se mais contundente com a opção que o Centro fazia sobre o material preterido. A produção literária dos centristas tinha a intenção de convencer que eles formavam a representação mais legítima do Paraná. Ao analisar a história de muitos dos fundadores, uma maioria homenageada por Castellano (segundo capítulo), percebemos que boa parte do grupo ou lutou pelo Estado na Guerra do Contestado ou na Revolução Federalista³⁰⁰, ou colaborou no desbravamento de terras, ou contribuiu para com a escrita da literatura. Pelo empenho assumido pelo grupo e o registro na literatura da História Paranaense é que o Centro deveria ser reconhecido.

²⁹⁹BOURDIEU, Pierre. Op.cit, 2010, pp.69-70.

³⁰⁰A Guerra do Contestado foi um embate entre lideranças de Santa Catarina e do Paraná, cujo interesse era disputar a demarcação dos limites entre os estados. A criação da Universidade do Paraná, na década de 1910, deu-se para reforçar a identidade do Estado e para colaborar com a questão do Contestado. Ver: MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas - SP: UNICAMP, 2004. Já a Revolução Federalista ocorreu entre 1893-1895, caracterizando-se por uma disputa entre tropas do governo contra algumas vertentes “federalistas”, da elite do RS, pertencente ao Partido Liberal do Império, que por sua vez era opositor do presidente positivista do Estado, Júlio de Castilhos. Os territórios catarinense e paranaense foram envolvidos. Ver: HAHNER, June. *Relações entre Cívicos e Militares no Brasil (1889-1898)*. Rio de Janeiro: Pioneira, 1975.

Estes elementos (obras, livros) compunham o jogo de disputa que havia e para vencer foram utilizadas estratégias pelos grupos. Para Bourdieu³⁰¹ o *habitus* culto, aquilo que permite aos membros de um campo reconhecer o ideal e dá veracidade ao que eles disputam, é justamente o que dá sentido ao que defende; um direito adquirido a quem pertence a um Centro. Nessa pesquisa, compreendemos que quem se tornava membro do Centro de Letras propagava em seus escritos noções próprias dos Centros, isto é, dava vida a um *lócus* que participou de uma disputa literária em Curitiba. Lembrar de homenagear os fundadores foi o modo como Castellano tornou-se reconhecida no meio intelectual. Sobre isso discutiremos no próximo tópico.

3.2.2 AS DÉCADAS POSTERIORES À DE 1910: LEONOR CASTELLANO E A CONSTANTE LEMBRANÇA DOS FUNDADORES DE “SEU” CENTRO

Essa geração de autênticos intelectuais lavrava na seara literária brava e fecundamente, por entre as mais variadas crenças e idealidades. Nos seus pendores artísticos debuxavam-se manifestações fervorosas de socialismo, de anti-clericalismo, de revolucionarismo e, ainda, a revelação de cristãos convictos. Cada qual com a sua característica inconfundível, esses moços de outrora, poetas, jornalistas, críticos, pedagogos, médicos, ou advogados, trabalhavam para a continuidade da cultura nacional³⁰².

A citação é de Leonor Castellano, no prefácio de sua obra *Figuras de Ontem e Hoje*, publicada no ano de 1953. A autora referiu-se ao grupo que teria fundado a *Revista Fanal* (1911-1913), a qual tinha inspirações paranistas, além de ter sido o *lócus* precursor, de mais um reduto literário, o Centro de Letras.

³⁰¹BOURDIEU, Pierre. Op.cit, 2010, pp. 284-297.

³⁰²CASTELLANO, Leonor. *Figuras...*, 1953, pp.5-7.

Percebemos que Manoel Lacerda Pinto³⁰³, um dos fundadores de ambos os lugares citados, foi, para Castellano, um dos maiores renomes do Centro de Letras, pois além de membro do Círculo de Estudos Bandeirantes, tinha *uma dedicação ao serviço da Pátria, de seu Estado, dos seus amigos e da sua Igreja*³⁰⁴. Um homem em cuja história se encontrava também a origem do Centro de Letras.

Como visto no segundo capítulo, havia membros em comum entre o Círculo de Estudos Bandeirantes e o Centro de Letras. Portanto, lembrar homens que fizeram parte da tessitura intelectual dos anos de 1910 era um modo de Castellano reafirmar a presença do Centro de Letras e da memória de quem havia participado do processo de sua formação. Nesse sentido, segundo Michel Pollak³⁰⁵, compreendemos a memória como um elemento constituinte do sentimento coletivo de identidade que colabora na continuidade do grupo e também para a construção de si. Assim como Mary Camargo na mensagem *post-mortem* direcionada a Castellano intentava uma afirmação do Centro de Letras e a continuidade do trabalho, centristas do Centro de Letras, em toda a existência deste antes de Castellano, tinham o hábito de homenagear, em vida ou não.

Ainda segundo o mesmo autor³⁰⁶, um grupo social constrói ao longo de sua existência, de sua historicidade, a sua imagem, sendo este um modo como se refere aos demais, no campo em que está inserido. Compreendemos que a constante lembrança de feitos, acontecimentos e a trajetória de alguns dos membros é uma maneira comum para dar credibilidade à memória de um

³⁰³Nascido em Lapa (PR), fez parte do grupo dos “novíssimos” da vanguarda literária e simbolista, paranaense e formou-se em Direito, no Largo São Francisco. Foi eleito membro do Conselho Consultivo de 1934, de Getúlio Vargas, além de ter feito parte da Assembléia Constituinte. Representou a Liga Eleitoral Católica em 1933 pelo PSD. Já no ano de 1937 foi eleito Procurador do Estado, pelo então interventor Manoel Ribas, chegando a assumir a Secretaria de Estado do interior e justiça. Foi desembargador e professor da Universidade do Paraná e da Faculdade Católica de Filosofia BÓIA, Wilson; HOERNER Jr, Valério; VARGAS, Túlio. *Bibliografia da Academia Paranaense de Letras - 1936/2001*. Curitiba: Posigraf, 2001.

³⁰⁴CASTELLANO, Leonor. *Figuras...*, 1953, p.7

³⁰⁵POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, n.º 3, v. 2, pp. 3-15.

³⁰⁶Idem.

grupo, para a sociedade a quem se apresenta. Neste viés, um olhar (re)constitutivo do historiador/historiadora sobre o modo como um grupo conta o seu passado torna-se um meio eficiente para compreender parte do mundo social em que se constituiu o Centro de Letras.

Enfatizamos que a prática de lembrar homens e mulheres investidos das posições de agentes literários do Centro de Letras como ideais era comum também a Castellano, a partir dos anos de 1930. As homenagens proferidas pela autora não são atípicas ou mesmo inventadas por ela e era uma maneira de trazer à memória os nomes que, segundo ela, participaram ativamente do processo de formação da literatura paranaense. O trabalho que Castellano manteve foi uma continuidade do interesse do Centro de Letras, o mesmo com novas roupagens nas décadas posteriores. Como já apontamos, a tradição inventada é constantemente frisada como se fosse um modo de confirmar os acontecimentos do passado que, para os literários, “permanecia imutável”.

Ressaltamos que havia entre os fundadores cinco mulheres: Georgina Mongruel, Zaida Zardo, Myrian Catta Preto, Annete Macedo³⁰⁷ e Alda Silva. Entretanto Castellano, em seus escritos, não se reportou a elas, embora uma ao menos, Annete Macedo, foi reconhecida como uma grande intelectual e professora durante a sua vida³⁰⁸. Sobre as demais não encontramos muitas informações, mas em relação ao silêncio de Castellano sobre os atos daquelas mulheres sugerimos que a memória do Centro de Letras era marcada pela lembrança de seus fundadores, nesse caso, homens. Segundo Andrea Schactae³⁰⁹ coragem, brio e força são elementos relacionados aos homens, os quais fazem parte do processo histórico que buscava a formação da identidade paranaense e nacional a partir da década de 1920. Essa missão pertenceria aos que herdaram os lugares e as conquistas desses agentes do passado. Apesar da pesquisa da historiadora estar

³⁰⁷BANDEIRA, Gláucio et all. Op.Cit, 1958, pp.2-10.

³⁰⁸Sobre esta centrista há um estudo que analisa suas obras e os espaços em que atuou. Ver: <http://www.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/118CristianeSantosSouza.pdf>. Acesso em 20/05/2011.

³⁰⁹SCHACTAE, Andrea Mazurock. Op.Cit., 2011, pp. 17-31.

relacionada à polícia militar do Paraná, entendemos neste estudo que a memória de Castellano, exemplificada no modo como falou dos fundadores do Centro, era em prol de uma legitimação do espaço que ela ocupava. Além disso, a partir dos anos de 1930, apesar de Castellano ser reconhecida em um meio predominante masculino, ela já não mencionava atos ou ideais feministas. Doravante, consideramos que o fato de Castellano ocupar o Centro de Letras com um grande reconhecimento após a década de 1930 e de escrever homenagens sobre mulheres, mesmo que em “tons” diferentes, permite-nos compreender que a autora continuou a legitimar um lugar para as mulheres.

Apesar de algumas práticas de Castellano serem parecidas às de seus antecessores, o contexto político, social, econômico e cultural a partir de 1930 foi marcado pelo Estado Novo, um novo modo de governo. Um tempo em que havia um nacionalismo exacerbado e um novo projeto de formação política e cultural para o país, cujas influências fazem-nos indagar sobre a relação entre o nacionalismo e o Centro de Letras, passível de se observar na escrita de Castellano.

A “nacionalização” e a modernização do Brasil foram sentidas no governo do interventor Manoel Ribas (1932-1945). Nesta época Curitiba tinha uma população de 111 mil habitantes, possuía jornais, além de algumas revistas, as quais intentavam refletir um estilo “paranista”³¹⁰, como se isto afirmasse a identidade paranaense e inserisse Curitiba, especialmente, dentro do âmbito de modernização nacional. Nesta época, no Paraná³¹¹, Manoel Ribas, nomeado por Vargas, foi interventor por duas vezes e governador, entre os anos de 1930-1945. No que diz respeito aos assuntos tratados neste capítulo, Manoel Ribas colaborou para com a intelectualidade e o acesso ao conhecimento, a partir de seu incentivo ao número de escolas, e esteve presente no Centro de Letras e em diversos outros, como a Academia Paranaense de Letras, incentivado artistas através da concessão de bolsas de estudos.

³¹⁰IPARDES. *O Paraná reinventado: política e governo*. Curitiba: IPARDES, 2006, pp. 68-70.

³¹¹Idem.

Esses atos do interventor refletiam a prática intervencionista notória do Governo de Vargas, que chegou a promover concursos nas rádios, construiu símbolos e marchinhas de carnaval a fim de consolidar uma noção de nacionalismo, a qual era marcada pelo seu caráter autoritário. Portanto, o incentivo à arte, os direitos trabalhistas e a brasilidade³¹² faziam parte de sua política. Esta, em várias instâncias, como observamos no segundo capítulo, foi ocupada por escritores. Uma estratégia de Vargas, por considerar os intelectuais como agentes da consciência da sociedade³¹³.

A prática de Vargas em apoderar-se do arsenal e da escrita dos intelectuais pode ser facilmente confirmada, já que no ano de 1943 Vargas tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, um órgão que tinha como papel coordenar valores para a vida intelectual. Essa ação reforça também o que o historiador João Paulo Rodrigues confirma³¹⁴ quanto às mudanças ocorridas ainda no ano de 1912, quando Lauro Muller, sem nunca ter escrito obra alguma, tornou-se membro, acarretando em discussões e até mesmo a saída de Érico Veríssimo (o autor defendia que o papel da Academia era o de definir a estética, moldes e correntes literárias e não discutir política).

Quanto a Vargas, o presidente acreditava que os intelectuais percebiam as mudanças sociais necessárias para “consertar” os erros políticos anteriores. No que se refere a esta pesquisa, segundo Mônica Velloso³¹⁵, verificamos que os intelectuais que se relacionavam com o governo Vargas sentiam-se como uma elite dirigente. Não há uma fonte, uma ligação direta entre o Governo Federal e o Centro de Letras, mas por boa parte da história política do Paraná, este esteve ligado ao referido centro. Isto se deu pelo apoio financeiro pedido em diversas ocasiões³¹⁶, ou

³¹²VELLOSO, Monica P.. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op.Cit., 2008, pp. 157-170.

³¹³Ibidem, pp.147-148.

³¹⁴RODRIGUES, João Paulo C. S.. Op.cit, 2001, pp.15-30.

³¹⁵VELLOSO, Monica P. Op.cit., 2008, pp.147-148.

³¹⁶Como citado no primeiro capítulo, o Centro de Letras teve em sua história vários momentos em que o Estado, a prefeitura, colaboraram para efetivação de obras ou compra de materiais, inclusive a própria doação do terreno onde foi construída a sede do

no caso de centristas beneméritos que tinham cargos políticos, como os governadores Bento Munhoz da Rocha Neto e Moyses Lupion. O objetivo do Centro de Letras e o apoio do Estado podem ser analisados na seguinte citação de Castellano:

O majestoso edifício que se ergue à Avenida Fernando Moreira número 268, foi construído, na sua quase totalidade, a expensas do benemérito Governo Estadual de Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955), preclaro centrista, que amparou com largueza e espírito público, uma instituição que tem sabido da expansão das melhores reuniões litero-artísticas, às quais têm concorrido, com as suas presenças, os elementos de grande projeção social e cultural de nossa terra³¹⁷. (o grifo é meu)

Deste modo, refletimos que o Centro de Letras mantinha um apoio do Governo Estadual no contexto, através da figura do governador da época, Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955). Como Castellano demonstrou, os financiamentos providenciados eram as garantias de uma constante memória lembrada da história do Paraná. Advertimos que a missão de registrar na literatura as realizações de mulheres e de homens relacionadas à Pátria foi notadamente o que o Centro de Letras continuou a realizar a partir da década de 1930, por intermédio de Castellano.

Em revistas do Centro de Letras da década de 1950³¹⁸, Castellano, enquanto presidente da Instituição, demonstrou “o espírito paranista” dos trabalhos dos membros daquele clube. Um agradecimento de grande importância ocorreu no ano de 1956, quando Castellano, ocupando as funções de bibliotecária, secretária, tesoureira e diretora social, publicou em um boletim a inauguração da Oficina Gráfica do Centro de Letras do Paraná, a

Centro. CASTELLANO, Leonor. *A casa de Euclides Bandeira e Emiliano Perneta*. Centro de Letras: Curitiba, 1952, p. 6.

³¹⁷CASTELLANO, Leonor. *Revista...*, 1953, p.5.

³¹⁸Apesar da data das fontes citadas nesse período ser diferente do contexto de Vargas que temos analisado, lembramos que muitos dos homens e mulheres que são mencionados/as ou homenageados/as por Castellano, tiveram suas atividades desenvolvidas no começo e em meados do século XX.

qual ocorreu através de um financiamento (um milhão de cruzeiros) viabilizado pelo Governador Moyses Lupion. Segundo Castellano: *Não há registro, na história intelectual do Paraná, ou do Brasil, de tão alta magnanimidade dos poderes públicos em benefício, assim espontâneo, das belas letras*³¹⁹. Como veremos mais à frente, apesar de Castellano ter saído da presidência no ano de 1954, ela continuou a conquistar espaços e reconhecimento ao Centro de Letras, como a gráfica própria, no ano de 1956.

A respeito da valorização do campo cultural, o sociólogo Sérgio Miceli³²⁰ considera que a crise mundial de 1929 e a própria Segunda Guerra mundial foram incentivo para o Brasil melhorar suas técnicas editoriais, já que a importação tornou-se mais difícil. Além disso, o crescimento econômico, a criação de faculdades, novos currículos e disciplinas também incentivaram o interesse pela literatura e o acesso aos livros. E é pelos assuntos escolhidos e pela abrangência que o livro ganhou neste contexto, que os intelectuais também passaram a ser cooptados pelo Governo Vargas, justamente por poderem formar “grupos” que teorizavam sobre ideologias políticas e, ao mesmo tempo, difundiram as entre a população, como foi o caso das obras de Plínio Salgado, em 1934 através da Editora José Olympio.

Portanto, a partir da década de 1930, a intelectualidade passou a ser mais valorizada. E é neste contexto que Leonor Castellano adentrou o Centro de Letras, um reduto em que ela pôde se destacar. Para alcançar a permissão de entrada, Castellano escreveu um romance e quando se tornou membro do Centro passou a defendê-lo, muitas vezes lembrando a memória de seus fundadores.

3.3 A ATUAÇÃO E A DEFESA DE CASTELLANO NO MEIO LITERÁRIO DO CENTRO DE LETRAS

³¹⁹CASTELLANO, Leonor. Op.cit., 1957, pp.9-10.

³²⁰MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979, pp.79-89.

Castellano tornou-se membro do Centro de Letras em 03 de março de 1935³²¹, onde foi recebida com uma homenagem proferida na ocasião pelo presidente do Centro, Otávio de Sá Barreto, cujas palavras elogiaram a obra de Castellano, *Marysa*. Para Sá Barreto³²², a autora *soube narrar com fidelidade e emoção a tragédia passional do coração de mulher da personagem principal de sua novela; representa bem um atestado gritante do novo talento feminino em nossa terra. Desse talento que teve como precursoras denodadas Julia da Costa e Mariana Coelho*.

Naquele contexto era lisonjeiro ser comparada às duas escritoras, visto que eram as mais reconhecidas no meio literário curitibano. No mesmo discurso de entrada Castellano reportou-se a grandes literatos, filósofos, escritores da História: Platão, Silvio Romero, Varnhagem, Castro Alves, Joaquim Maria de Macedo, José de Alencar, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Julia Lopes, Maria Eugênio Celso³²³, entre muitas/os outras/os. O modo como Castellano dirige-se aos autores, especialmente a Romário Martins (1953), permite-nos sugerir que almejava dar a eles uma tradição histórica. Romário Martins foi o criador do termo *paranismo*, o qual para ela significava uma *ação criadora e progressista d'alma artística do Paraná*³²⁴.

A conotação histórica dada a um povo ou um evento, para o historiador Nicolau Sevckenko, é um modo de tornar o presente, a memória que está se formando, como algo que legitime uma tradição, isto é, a literatura e a história são meios de fortalecer e de criar a história de um povo³²⁵. Entretanto, o autor, em seu objeto de pesquisa – São Paulo nas primeiras décadas de 1900 –, afirma que

³²¹BARRETO, Otávio de Sá. Sessão organizada pelo Centro de Letras do Paraná: para receber a novel confreiore Leonor Castellano In: CASTELLANO, Leonor. *Discursos*. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1935, p.23.

³²²Ibidem, p. 22-24.

³²³Maria Eugênia C. A. F. C. Mendonça era mineira e neta do Visconde de Ouro Preto, último chefe do Conselho Imperial. Foi funcionária do Ministério da Educação e Cultura e da Federação Brasileira do Progresso Feminino, compôs o Hino da FBPF e da Escola de Enfermagem Ana Nery e fez parte de vários programas assistenciais, como a Cruz Vermelha. MUZART, Zahidé Lupinacci(org.) *Escritoras Brasileiras do século XIX: v.3*. Florianópolis: Ed mulheres, 2009, pp.819-852.

³²⁴CASTELLANO, Leonor. Op.cit., 1935, pp.10-17.

³²⁵SEVCENKO, Nicolau. Op.cit., 2009, pp.23-68.

a rápida industrialização que se instalou na capital paulistana, os problemas sociais decorrentes do aumento populacional, da abolição da escravidão, os imigrantes, operários/os e fábricas tornou a/o habitante de São Paulo “ahistórica/o”, ou seja, as histórias antes contadas já não contemplavam mais toda a dinamicidade na cidade e alhures, o presente não se explicava no passado conhecido. Clubes literários e de lazer começaram a se formar, a boemia passou a ser buscada, os cinemas, os espetáculos vieram a contribuir como elementos que compunham uma vivacidade desconhecida até então.

O historiador aponta que era preciso um sentido, uma *nova equação de valores*³²⁶, uma junção das diversas redes e experiências que estavam sendo vividas na capital. Os exemplos utilizados por Sevcenko relacionam-se ao esporte, ao futebol, uma paixão que estava imbricada com o contexto voltado para educação do corpo, da higiene, ao sanitarismo e principalmente às primeiras grandes competições de diversos esportes, inclusive de preparação para as Olimpíadas. E foi justamente neste aspecto que um orador de uma corrida em 1919 aludiu sobre as tradições gregas, relacionando-as com o evento que estava ocorrendo em São Paulo, um ato que Sevcenko intitula de *um passado improvável com um presente inconsciente*³²⁷. Nesse sentido sugerimos que o ato de Castellano em divagar desde a Antiguidade até Romário Martins era uma maneira de tornar legítima a história que ela e outros centristas estavam “fazendo”, de demonstrar a sacralidade dos atos, de mitificar a evolução que a história do Paraná estava alcançando por meio do trabalho do Centro de Letras. Era desse modo que nasciam e eram legitimadas as heroínas e heróis de Castellano, alguns já mencionados no segundo capítulo.

E lembrar escritores/as era o cerne dos escritos de Castellano, como a autora demonstrou ao escrever em 1953 o motivo que impulsionou a criação do Centro de Letras à época de Pernetá:

³²⁶SEVCENKO, Nicolau. Op.cit., 2009, p.26.

³²⁷SEVCENKO, Nicolau. Op.cit., 2009, p.68.

Com a finalidade de reunir todas as correntes intelectuais de sua época, constituindo-se a representação literária de nossa terra. Euclides Bandeira e Emiliano Pernetá, nossos gloriosos patronos, ao criarem este cenáculo doavam, à cidade de Curitiba, a primeira República das letras, onde sessenta e sete membros, unidos numa só classe, palpitando pelos mesmos ideais, poderiam apreciar e poderiam transmitir, através da realidade objetiva, todas as belezas da arte ou da natureza, todas as afirmações da inteligência e do saber.³²⁸

Castellano via-se, em 1952, à frente de propósitos muito semelhantes aos de 1912, por isso trouxemos para a escrita desse texto. Apesar da distância temporal é possível vermos que o trabalho que Castellano desenvolverá nas décadas subsequentes – à de 1930 - é norteado por semelhantes objetivos que encontramos na ata de fundação do Centro. Não obstante, acreditamos que Castellano, a primeira mulher a ocupar a presidência do Centro de Letras, fez com que o Centro se destacasse no contexto curitibano nas décadas de 1940 e 1950, quando comandou a construção da primeira sede do Centro, além de várias exposições que o tornaram um *locus* “das atenções” em 1950. É importante frisar que apesar da ata de fundação e de algumas direções e regras, criadas ao longo da história do Centro até o período de Castellano, serem publicadas em jornais, é somente no de 1958 que um grupo, do qual Castellano participou como parte da comissão de propaganda, reuniu toda a documentação, inclusive o ato de fundação de 1912.

Vemos que Castellano, por sua vez, defendia que a intenção do Centro de Letras, ao relembrar a memória e a tradição paranaense iniciada por Pernetá e Bandeira, persistia no ano de 1952, quando afirmou que: *as bênçãos de Deus se derramem sobre ti, Paraná muito amado, fazendo de cada filho teu um perfeito, digno, orgulhoso e bravo Guairacá fiel à sua terra, à sua gente, às suas tradições, aos seus heróis imortais*³²⁹. O discurso de

³²⁸ CASTELLANO, Leonor. *Revista do Centro de Letras*. Curitiba: Centro de Letras, 1952 (agosto).

³²⁹ CASTELLANO, Leonor. *Revista do Centro de Letras*: Curitiba, Centro de Letras, 1953, volume 43, p.3.

Castellano, em nome do Centro de Letras, envolveu a apresentação da narrativa histórica de literários que deixaram um “legado patriótico”. Neste sentido, analisamos na fala de Castellano que a autora objetivou legitimar o que ela e os membros daquele contexto realizavam em nome da história da instituição.

Uma missão que os membros do Centro conquistaram por meio de exposições e de editorações dos livros, ao mesmo tempo em que se “auto-proclamavam” representantes da memória literária paranaense. Importante lembrar que o fim da década de 1940 foi o tempo em que Castellano mais se envolveu com as atividades do Centro de Letras. Percebemos a intenção *paranista* na seguinte passagem escrita por Castellano, em uma recordação dos compromissos do Centro de Letras, publicada em 1953:

Cem anos completas, Terra Amada... Que sob os teus céus de anil e sob a fronde dos teus heráldicos pinheiros jamais esmoreça o ardor dos teus filhos em prol da tua grandeza cultural. Tão bela, como a sua gloriosa ascensão material e econômica, se elevem o coração do teu povo e as estrofes, ternas e devotas dos teus aedos; as bênçãos de Deus se derramem sobre ti, Paraná, muito amado, fazendo de cada filho fiel à sua terra, à sua gente, às suas tradições, aos seus heróis imortais! Evocamos, com emoção sincera, a memória inextinguível dos nossos patronos e dos centristas, cujas vozes, palpitam em nossos trabalhos³³⁰.

Essa citação compõe a mensagem de abertura da revista, cuja edição é comemorativa dos 100 anos de emancipação do Paraná. Ressaltamos que o trecho *às suas tradições, aos seus heróis imortais* é o tema principal que circunda a maioria das reportagens que completam as 100 páginas. Patronos, fundadores e os atuais mantenedores foram lembrados porque teriam, segundo a autora, lutado pelo Paraná.

Para Castellano, os intelectuais do passado e os contemporâneos como ela continuavam a afirmar: *o Paraná do presente não podia deixar de mostrar que Emiliano Perneta,*

³³⁰CASTELLANO, Leonor. *Revista do Centro de Letras*: Curitiba, Centro de Letras, 1953, volume 43, p.3.

*Emilio de Menezes, Euclides Bandeira e Rocha Pombo... têm continuadores, não havendo destruído a sequência das lucubrações generosas e das pesquisas fecundas.*³³¹ Verificamos que o contexto lembrado por Castellano, do início do século XX, junto ao que eles paulatinamente haviam conquistado nas décadas seguintes, é lembrado como resultado de uma missão, a de elevar o nome do Paraná, e citou que havia *continuadores*, isto é, a autora sentia-se incluída no grupo intelectual paranaense.

Ao longo de sua trajetória, o reconhecimento de Castellano deu-se em função do *Paranismo*. O *Congresso de escritores* e a *Exposição de livros* (1953), promovidos por ela, tinham por intenção dar notabilidade à literatura paranaense e homenagear os 100 anos de Emancipação do Paraná. Esses objetivos notamos em uma entrevista concedida por Castellano para o jornal *O Dia*, pouco antes do Congresso:

Não há memória, na vida intelectual do Paraná, de cometimentos tão extraordinários como o Primeiro Congresso de Escritores e a Primeira Exposição de Originais, Inéditos e de livros paranaenses, programados para festejar a inauguração de nossa sede e, ainda, comemorar condignamente, o primeiro Centenário de Emancipação do Paraná. Esses conchavos só poderiam ser efetuados sob a égide do Centro de Letras que é hoje, sem lisonja nenhuma, a mais operosa e opulenta agremiação literária de nossa terra. Tradicionalmente culto aos nossos fundadores, através desses belos exemplos de devotamento ao torrão natal, e de amor à inteligência paranaense.³³²

No ano de 1953 Castellano era vice-presidente e, junto ao presidente, David Carneiro³³³, buscou elevar o nome do Centro de

³³¹CASTELLANO, Leonor. *Revista do Centro de Letras*: Curitiba, Centro de Letras, 1953, volume 43, p.3.

³³²CASTELLANO, Leonor. *Revista...*, 1953, p. 45.

³³³David Carneiro (1904-1990) foi um dos principais dirigentes do Centro de Propaganda Positivista do Paraná, principalmente após a morte de seu fundador, João Pernetá, em 1933. Foi responsável pela proliferação de salas de cinema e pela construção de um prédio de alto padrão ainda na década de 1950. Por muitas décadas dirigiu a empresa de seu pai, logo após a sua morte, sendo ele um dos maiores

Letras, dialogando com representantes do Estado, como através das visitas de Moyses Lupion e Bento Munhoz da Rocha Netto. Importante ressaltar que David Carneiro nessa época era um respeitado historiador, de família de produtores de mate e professor universitário, portanto um intelectual com contatos importantes no que tange à sociedade.

A ação de Castellano em reforçar uma tradição literária, à exemplificação de personalidades a se admirar, demonstra, pensando em um conceito de Bourdieu, a maneira como uma instituição e os membros desta sessão do campo intelectual curitibano propagam a sua representação³³⁴. Entendemos, neste caso, que Bourdieu aponta que um processo de construção de uma memória coletiva social só obtém sucesso quando reproduz as relações sociais e os símbolos destas já existentes. Isto é, as falas relativas ao Centro de Letras, de Castellano, utilizavam argumentos relacionados à história e à tradição para reforçar a noção do coletivo e, ao mesmo tempo, as características descritas estavam ligadas ao conceito de Pátria e de identidade paranaense.

Já o Estado e a Prefeitura de Curitiba, em diversos momentos estiveram também ligados ao Centro, segundo Castellano³³⁵. Lembrando que foi também com essas ajudas que Castellano conseguiu reunir dinheiro para a construção da sede do Centro, após 40 anos da existência do mesmo. Retomamos então suas palavras quanto ao período de formação do Centro e o apoio recebido: *Presidente Carlos Cavalcanti, em 1914, patrocinando a edição de livros; Presidente Caetano Munhoz da Rocha, em 1923, declarando de utilidade pública o Centro de Letras do Paraná*. No entanto, além da colaboração estadual, alguns prefeitos da época em que ela foi presidente são ressaltados como importantes para a história do Centro (ao sancionar leis que autorizavam a doação de prêmios e por concederem o terreno do Centro), juntamente à

produtores de mate do Paraná. Já na década de 1930 começou a escrever textos sobre a Revolução Federalista e histórias sobre o Paraná. Trabalhou na Universidade do Paraná, na Universidade de Brasília e foi professor visitante de diversas universidades nos Estados Unidos. Ver: BÓIA, Wilson. *David, o gigante*. Curitiba: Posigraf, 2001.

³³⁴BOURDIEU, Pierre. Op.Cit, 2010.

³³⁵CASTELLANO, Leonor. *A casa de Euclides Bandeira e Emiliano Perneta*. Centro de Letras: Curitiba, 1952, p. 6.

câmara municipal e à Assembleia Legislativa³³⁶. Alguns homens importantes para a sociedade eram mantenedores e frequentadores do Centro de Letras. Referimo-nos à Associação Comercial do Paraná³³⁷, a qual tinha entre os seus membros muitos homens pertencentes às instituições das áreas de Letras, Direito, Comerciais.

A atuação de Castellano no Centro de Letras sofreu alguns obstáculos justamente nessa época. Esta afirmação é decorrente de um episódio ocorrido no ano de 1953, de acordo com a seguinte citação de David Carneiro, presidente naquele ano: *sem oposição não há combate. Sem combate, não pode haver vitória, nem glórias a exaltar. Nossa melhor resposta às palavras da insidiosa mentira são nossas ações; são as coisas que realizamos apesar da ausência de ajuda e contando apenas com o próprio esforço.*

Carneiro referiu-se ao fato do *Congresso Brasileiro de Escritores* e da *Primeira exposição de Originais, Inéditos e de Livros Paranaenses* (236 escritos expostos), ideias de Castellano, não inaugurarem a festa dos 100 anos de Emancipação do Estado do Paraná, por decisão de uma comissão estadual. Castellano era vice-presidente e, preocupada em afirmar os eventos como de grande alcance, publicou duas reportagens cujos conteúdos contestaram qualquer tipo de fracasso, ao contrário, descreveram o congresso e a inauguração da sede como acontecimentos de sucesso literário.

Uma das reportagens foi a de Zenon Leite, um membro correspondente de Porto Alegre. A autora o indagou sobre o que achava da gestão daquele momento. Zenon, por sua vez, disse que o Centro nos últimos quatro anos tinha publicado seus melhores textos, os quais honravam os patronos do centro, *graças aos esforços de Castellano e David Carneiro*. A autora utilizou não

³³⁶Castellano não é específica sobre a atuação do governador Bento Munhoz da Rocha Neto, a quem se refere diretamente no discurso. O que sabemos é que era também membro do Centro de Letras e é provável que tenha contribuído, através do Estado, com ajuda financeira à construção da sede.

³³⁷Para o historiador Alexandro Neundorf, era um reduto onde comerciantes, principalmente de erva-mate, reuniam-se. A Associação foi criada pelo Barão do Cerro Azul em 1890 e também foi presidida por David Carneiro. NEUNDORF, Alexandro. Op.cit., pp. 22-69.

somente esse volume, mas todas as revistas carimbadas pelo nome “Centro de Letras”, para evidenciar a sua missão e dos intelectuais do Centro, a de *elevant o nome do Paraná* e o seu trabalho. A efervescência literária do início do século certamente ainda dava seus frutos e Castellano reforçou isso, como podemos notar ainda em outras duas reportagens, sendo a primeira de Deolindo Amorim, um escritor que residia no Rio de Janeiro:

Existe vida intelectual, sustentando a tradição espiritual que se formou através de uma linha de continuidade marcante e luminosa. Temos um exemplo, e bem característico, no Paraná, cujas atividades acadêmicas impressionam vivamente, tanto pelo número de produções, como pelo espírito de fidelidade ao glorioso passado da Província. Paraná, como se sabe, é uma terra de tradições literárias. As letras e as artes fazem parte do mais alto requinte da vida social. A Revista do Centro de Letras é uma demonstração de equilíbrio entre o espírito conservador e o ritmo de renovação a que estão sujeitos as formas e os conceitos...³³⁸

Castellano almejou, ao publicar essa entrevista em seus relatórios, demonstrar o seu trabalho como intelectual, em nome do Centro de Letras. Uma das últimas tentativas de tornar o Centro de Letras reconhecido verificamos em um boletim de 1957³³⁹. A entrevista é do jornal *Gazeta*, de São Paulo, em maio de 1956, intitulada por Castellano de *Em favor da cultura brasileira*³⁴⁰. Nesta, a autora fala sobre os números de trabalhos divulgados, sobre os seus atos enquanto presidente, as coberturas jornalísticas, o apoio do Estado e a tessitura intelectual desde os tempos de Rocha Pombo até os anos de 1950, nos quais ela se inclui.

Castellano, em nome da literatura e do Paraná, buscou consolidar ou reafirmar a tradição mantida pelo Centro de Letras, a

³³⁸ AMORIM, Deolindo. Tradições literárias no Paraná. In: *Revista do Centro de Letras*. Curitiba: Centro de Letras, 1952 número 8, pp.77-82.

³³⁹ CASTELLANO, Leonor. Op.Cit. 1957, pp. 37-45.

³⁴⁰ Os subtítulos eram: *O que fazem os paranaenses; O que nos disse a escritora Leonor Castellano; Atividades do Centro de Letras do Paraná; Poetas e Escritores; Algumas glórias literárias do passado e do presente*. CASTELLANO, Leonor. Op.Cit., 1957, p.37.

fim de fazer crescer ainda mais o Centro e o seu próprio reconhecimento. O Centro tinha quase 40 anos de existência e o *Encontro de Escritores Paranaenses* foi o primeiro do gênero a ser promovido. Nesse viés, vemos a estratégia de Castellano em tornar o Centro de Letras um difusor da literatura paranaense.

Nossa preocupação foi demonstrar o contexto literário que o Paraná vivia no início do século XX, e principalmente a época em que teria surgido o Centro de Letras, também sob o olhar e a participação de Castellano. Entendemos que a abordagem é importante, devido ao fato de que Castellano passou a frequentar o recinto a partir da década de 1930, de onde publicou muitos de seus escritos. Além disso, não foi somente um assíduo membro, mas também trabalhou pelo Centro de Letras, utilizando o nome do lugar para publicar suas ideias e relembrando a tessitura intelectual dos primórdios do século XX.

Nos escritos do Centro de Letras divulgados sobre a “missão” do Centro, Castellano não se reportou ao envolvimento das mulheres. Entretanto, se voltarmos às questões do segundo capítulo, podemos constatar que o Centro de Letras foi um lugar onde ela pôde homenagear mulheres, as quais também estavam formando o Brasil, ou trabalhando por ele. Mesmo que elas estivessem sob o respaldo do patriotismo, da noção de participação cívica dos anos de 1930-1950, foram mulheres que ocuparam espaços caracterizados até pouco antes como pertencentes aos homens. Apesar de não lembrar as mulheres que fizeram parte da fundação do Centro, o fato de ser mulher e de estar à frente deste demonstra como acreditava que a intelectualidade era mais uma opção para as mulheres estarem no mundo público. Em outro *locus* Castellano pôde viver outras conquistas das mulheres, o CPFC, discutido na próxima sessão.

3.4 CPFC: MANUTENÇÃO DAS FUNÇÕES “FEMININAS” EM MEIO ÀS NOVAS OPORTUNIDADES

Leonor Castellano viveu amplamente a intelectualidade que defendeu na *Página Literária*, a partir de sua entrada no Centro

de Letras em 1935 e no Centro Paranaense Feminino de Cultura em 1940³⁴¹. Apesar de ter adentrado no ano de 1940, foi somente entre 1961-1969 que teve uma atuação mais ampla, conforme as datas das fontes. Desse modo, nossa preocupação é compreender as diretrizes do CPFC e por isso precisamos analisar alguns traços de sua origem e o modo como foram perpetuadas por Castellano, isto é, não nos concentramos em sua fundação e nos membros que o frequentaram, mas sim nas ideias que o impulsionaram e que consequentemente são notadas nos anos de 1960.

As centristas do CPFC mantinham o hábito de organizar reportagens e entrevistas publicadas nos jornais e relativas ao CPFC. Com esse intuito reuniram cinco volumes, chamados de *Livro de Ouro*³⁴². Leonor Castellano também organizou uma Revista comemorativa de 30 anos do CPFC, em 1963, na qual reuniu acontecimentos que haviam permeado a história do CPFC antes de sua presidência. Ambas as fontes são produtos da memória, datados e, portanto, podem ter sido manipulados para comprovar os atos do CPFC. Sobretudo, acreditamos que mesmo com a possibilidade da memória ser “escolhida”, os escritos representam um centro cultural importante e que, pelo fato de ter sido pioneiro, precisava registrar sua história para se afirmar em meio às novidades do século XX.

O historiador Alessandro Portelli, em seu estudo sobre as memórias de uma comunidade italiana, alerta para que analisemos o modo como os acontecimentos são construídos, ou seja, não devemos procurar o mito, o grande, mas sim como a memória foi construída, como *foram ampliados os eventos isolados*³⁴³.

³⁴¹Até o ano de 1937 era chamado de Centro Paranaense de Cultura Feminina.

³⁴²É certo que o histórico produzido por Castellano data da década de 1960, mas o uso das reportagens a partir da década de 1930 (re)publicadas por ela a fim de “montar” um dossiê, segundo a sua perspectiva de qual seria a função do CPFC quando foi presidente (1961-1969), demonstra que concordou com as mesmas ideias da data de fundação em 1933. O *Livro de Ouro* é uma organização das próprias centristas ao longo das décadas, recortando reportagens e registrando fatos. Divididos em cinco volumes. Curitiba, 1933. *Livro de Ouro*. Curitiba, volume I, 1933-1958, s/p. Encontra-se à disposição de pesquisa ao público no endereço: Visconde do Rio Branco, 1717, Centro, Curitiba – Paraná.

³⁴³Um episódio ocorrido na Segunda Guerra Mundial em que soldados alemães conviviam “bem” com a comunidade de Civitella Val Di Chiana, entretanto alguns homens civis mataram soldados a fim de vingar humilhações sofridas pela comunidade,

Considerando essas noções, as fontes aqui analisadas foram “montadas” para justificar uma memória, a qual estava baseada em vários fatos ao longo dos anos, com uma só intenção: tornar a História do CPFC legítima. Convites, agradecimentos, solenidades, cartas e telegramas oficiais de entidades governamentais, culturais são comuns em meios às páginas dos *Livros de Ouro*. A Revista comemorativa de Castellano não é diferente.

O CPFC foi fundado em 5 de dezembro de 1933 por 54 mulheres, cujo objetivo era criar um ponto de encontro onde elas poderiam ter palestras sobre assuntos gerais³⁴⁴ e também um reduto para programarem excursões a outras cidades, a fim de promoverem festas e encontros beneficentes. Era um meio para que estivessem atentas ao mundo cultural e artístico e promovessem novos acontecimentos para a sociedade. A iniciativa de formar o CPFC partiu de três moças da elite curitibana, sendo elas: Rosy Pinheiro Lima³⁴⁵, a primeira presidente; Ilnah Secundino³⁴⁶, primeira secretária. Quanto a Deloé Scalco, vice-presidente, não obtivemos informações, a não ser o fato de ter se formado em Serviço Social, mas encontramos em meio ao *Livro de Ouro* (1933-1958) a sua opinião quanto à criação do CPFC:

Uma natural associação de ideias, minhas e de minhas amigas, fez com que surgisse neste

causando um massacre por parte dos alemães posteriormente. O modo como ocorreu, as versões contadas pelas gerações, as discussões acerca de quem estava certo ou errado, construíram diferentes memórias. PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val Di Chiana. In: AMADA, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.124.

³⁴⁴Artístico, o departamento onde seriam administradas aulas de bordado, pintura e desenho; Intelectual, cujas aulas seriam de literatura, línguas, filosofia, sociologia e história e o Departamento Esportivo com aulas de ginástica, tênis, excursões a outras cidades e piqueniques.

³⁴⁵Teve sua origem em uma família tradicional de Curitiba, nascida em Paris e educada em diferentes países. Formou-se em Direito pela Universidade do Paraná e foi a primeira mulher a conquistar o doutorado em Direito, pela UFRJ, além de ter sido eleita deputada em 1947. NICOLAS, Maria. *Cem anos de vida parlamentar*. Deputados provinciais e estaduais do Paraná. Curitiba, s/e, 1954.

³⁴⁶Foi também a primeira juíza e promotora paranaense. Trabalhou como “relações públicas” do interventor, Manoel Ribas, da época de Getúlio Vargas, e mais tarde no Ministério da Educação e no da Saúde. SECUNDINO, Ayrtton Pacheco (org.). *Coletânea Ilnah Secundino*. Rio de Janeiro: Publicação própria, 2005, pp. 3-8.

maravilhoso recanto do Brasil, o Centro Paranaense de Cultura Feminina [...] E o que está sendo feito neste Centro, devendo-se à dedicada persistência de ação de senhoras e senhoritas curitibanas. Aliás, uma organização nos moldes da fundada, fazia-se necessária em nossa capital, para uma educação mais perfeita da mulher.³⁴⁷

Percebemos que era uma associação de mulheres casadas e solteiras (*senhoras e senhoritas*) as quais intentavam uma educação *mais perfeita da mulher*, isto é, há uma preocupação em oferecer às mulheres novos conhecimentos, afirmando que o CPFC representava uma novidade a Curitiba. Nesse contexto, segundo as reportagens e atas do *Livro de Ouro* (1) do CPFC, não havia em Curitiba um centro cultural para as mulheres que promovesse novos conhecimentos intelectuais e discutisse os problemas sociais. Sendo assim, mulheres de camadas abastadas e médias decidiram formar um centro cultural. O CPFC era composto por mulheres de classes sociais mais favorecidas, provavelmente devido ao acesso à Educação, tanto secundária, quanto Superior. Para tornar-se membro do clube deveria ser paga uma taxa de matrícula e uma mensalidade.

Feitas essas considerações percebemos que havia ideias diferentes circulando em Curitiba entre as camadas sociais mais abastadas. Importante lembrar que no início do século XX algumas mulheres conquistaram novos espaços, junto à ideia de que continuavam sendo responsáveis pelo lar e pelos filhos. Essa seria a conjuntura das mulheres “modernas”, uma ideia que inspirava o CPFC a “preparar o espírito da mulher moderna”³⁴⁸. Uma reportagem publicada nos dias da inauguração do CPFC, ocasião em que várias/os representantes da sociedade foram convidadas/os, entre homens e mulheres, demonstra, de acordo com a opinião de Frederico Faria de Oliveira, qual seria a função do CPFC:

³⁴⁷CASTELLANO, Leonor. *Revista Comemorativa do Centro Paranaense de Cultura Feminina*. Curitiba: CPFC, 1963.

³⁴⁸SANTOS, B. A brilhante vitória do Centro Paranaense Feminino de Cultura. Curitiba, 1939. *Livro de Ouro*. Curitiba, volume I, 1933-1958, s/p. *apud*. SEIXAS, Larissa. *Op.cit.*, 2011, p.85.

Há, por aí, muita vida adormecida que é preciso despertar. E por isso justamente um pugilo de senhorinhas de nossa sociedade tomou a si o encargo de organizar entre nós um Centro de Cultura Feminina... O nosso Centro não se propõe a realizações incompatíveis com o temperamento e a índole da mulher paranaense. Queremos principalmente dirigir as nossas atenções para umas tantas funções, sobretudo no terreno da educação e da família, que não podem e não devem ser descuradas sob pena de falsearmos as nossas finalidades³⁴⁹.

Aferimos da fala de Frederico F. Oliveira, um colega de Castellano no Centro de Letras, um conservadorismo em relação à função naturalizada das mulheres, a maternidade, embora houvesse um apoio para que elas formassem um centro cultural feminino. Percebemos que a fala dele está relacionada aos mesmos princípios de Deloé Salco, entretanto esta não se refere à maternidade. Talvez a opinião de Frederico Oliveira represente o conservadorismo em que viviam aquelas mulheres. Algo que não foi lembrado por elas no momento em que utilizaram o termo “feminino”; o CPFC representava um lugar somente delas. Um *locus* em que estariam fora dos lares, desempenhando atividades artísticas, culturais e tomando decisões financeiras e administrativas. Mulheres que estavam vivendo novos anseios, pois se observarmos a vida de duas fundadoras, Rosy Lima e Ilnah Secundino, nenhuma se casou ou teve filha/o, assim como Castellano. Nesse sentido vemos que elas tinham projetos relativos à intelectualidade, à Educação, à política (com exceção de Castellano). O que consideramos é que elas tinham ideais imbricados aos valores conservadores quanto à função das mulheres, mas também almejavam conquistar lugares públicos, que eram os espaços valorizados cultural e socialmente.

Como dissemos, era preciso se afirmar, ganhar notoriedade. Nesse sentido o CPFC para se manter precisou do apoio de muitos senhores da sociedade, do comércio, dos maridos e do próprio Estado. O contexto do fim da década de 1940 até a época de 1969 foi registrado em livros de contabilidade, em

³⁴⁹CASTELLANO, Leonor. Op.cit., 1963.

revistas bimestrais, livros publicados e nos *Livro de Ouro*. Entre as ajudas podemos citar algumas que representavam a força simbólica do CPFC: Manoel Ribas e sua esposa Anita Ribas; Moyses Lupion (1949) foi lembrado por ter presenteado o CPFC com um piano, a pedidos do CPFC e de sua esposa, Hermínia Lupion e Flávio Suplicy de Lacerda, o então reitor da Universidade Federal do Paraná (1950)³⁵⁰. Cursos sobre artes, literatura, poemas e histórias também eram comuns, muitas vezes dados por nomes reconhecidos no meio, como Serafim França, Mariana Coelho e David Carneiro. Castellano enfatizou o apoio dado por Ivo Arzua. Este, enquanto prefeito da cidade (1963), decretou sob forma de lei o “Dia da Caridade”, devido ao altruísmo que o CPFC “promovia” pelos habitantes da cidade de Curitiba, além disso foi o responsável pela doação de um novo Pavilhão de atendimento do Posto de Higiene Materno-Infantil no ano de 1966³⁵¹. Neste mesmo ano encontramos a menção da presença de Ivone Pimentel, esposa do governador Paulo Pimentel (1966-1971). Essas são algumas das passagens escolhidas por Castellano tanto na revista comemorativa, quanto nos boletins seguintes, a fim de agradecer e conseguir mais fundos.

Sugerimos que ela fazia questão de relembrar quem havia colaborado com o CPFC, demonstrando gratidão ao mesmo tempo em que intentava “conquistar” mais fundos, como podemos ver a seguir:

Através deste desprezioso relato histórico há de se considerar a premente necessidade dos poderes públicos em garantir uma vivência mais desafogada financeiramente, com a criação de outros serviços assistenciais, educacionais e sociais, a esta entidade que tem prestado relevantes auxílios à mulher, à mãe e à criança... Aqui fica, por isso, um ardoroso apelo aos nobres e ilustres legisladores federais, estaduais e municipais, para que amparem, com sua valiosa

³⁵⁰CASTELLANO, Leonor. *Revista Comemorativa do Centro Paranaense Feminino de Cultura*. Curitiba: CPFC, 1966. Algumas reportagens são de antes do mandato de Castellano, as quais provavelmente ela relembrou a fim de instigar o recebimento de mais patrocínios. CPFC. Vários. *Livro de Ouro*. Curitiba, volume I, 1933-1958, s/p.

³⁵¹CASTELLANO, Leonor. *Revista do Centro Paranaense Feminino de Cultura*. Curitiba: CPFC, 1966, p.39.

compreensão, os projetos de lei em andamento nas suas respectivas câmaras, que objetivaram conceder subvenções e auxílios ao Centro Paranaense Feminino de Cultura que é merecedor do amparo e reconhecimentos dos poderes públicos...³⁵²

Portanto, as ajudas recebidas eram valiosas para o trabalho do CPFC, pois este representava, segundo Castellano, um apoio que “desafogava” o Estado, isto é, por meio da puericultura. Esta se preocupa com o crescimento e as necessidades das crianças, atendendo em unidades públicas ou particulares, com a ajuda de doações e voluntariado. Castellano relacionou o trabalho do CPFC como um *locus* que dedicava *auxílios à mulher, à mãe*. Diante disso, pensamos que o CPFC foi um ponto de encontro em que mulheres, junto ao apoio de uma sociedade influente, rica e política, puderam desempenhar funções intelectuais, as quais ofereciam mais oportunidades, ao mesmo tempo em que desenvolviam atividades beneficentes, colaborando para com o Estado. Nesse sentido de colaboradas do “Estado” é que a puericultura mostrou-se com uma das principais atividades do CPFC, sendo esse nosso próximo tema.

3.4.1 AS MULHERES CURITIBANAS QUE “ZELAM PELO PRÓXIMO”

A ideia de que a participação cívica incluía colaborar com os mais necessitados e assim tornar o mundo mais justo em relação às diferenças sociais, foi aceita pelas centristas do CPFC, as quais incentivadas por Rosy Pinheiro Lima criaram um posto de puericultura, anexo ao CPFC³⁵³.

³⁵²CASTELLANO, Leonor. *Relatório anual do CPFC 1963/1964* – Curitiba: CPFC, 1964. O ato de mencionar as presenças importantes nos eventos do CPFC foi realizado também no dia 29/11/1966. CASTELLANO, Leonor. Op.Cit., 1966, p.39.

³⁵³CPFC. Nos sulcos clareantes de Carmen Sylva, a inolvidável rainha da Rumania. Curitiba, Gazeta do Povo, 09/12/1939. *Livro de Ouro*. Curitiba, volume I, 1933-1958, s/p, apud, SEIXAS, Larissa. Op.cit., 2011, p. 122.

O Posto de Higiene Materno Infantil “Darcy Vargas” foi criado no ano de 1940, após um curso de puericultura no ano de 1939, organizado pela centrista médica Clara Glasser Villa. O nome Darcy Vargas remete-se à primeira-dama do país, esposa de Getúlio Vargas³⁵⁴, a qual fundou em 1942 a Legião Brasileira de Assistência³⁵⁵ (LBA). O que importa a esse trabalho é que o posto “Darcy Vargas” homenageou a primeira dama a fim de ser reconhecido e também de ganhar fundos, o que ocorreu a partir do final de 1940. Constatamos que as ações de puericultura defendiam melhorias para a sociedade, então nos perguntamos: de que forma essas mulheres responderam à Pátria e ao Estado?

Como já discutimos, os discursos sobre o papel de mãe/esposa eram bastante notórios na primeira metade do século XX, por meio da educação dos “cidadãos da pátria”, ou mesmo pela atuação profissional, como o magistério. Mas a unidade familiar, segundo Besse³⁵⁶, foi um ponto crucial para a composição da identidade nacional, visto que a união representada nos lares traria a ordem e progresso para o país.

A historiadora Ana Paula Vosne Martins afirma que no fim do século XIX, no Brasil, já havia uma preocupação nas faculdades de medicina em como higienizar e educar as crianças de uma forma saudável³⁵⁷. Aos médicos cabia o papel de ensinar as mães, se

³⁵⁴Idem.

³⁵⁵A Legião Brasileira de Assistência (LBA) foi atuante no contexto da Segunda Guerra Mundial. Sua função era dar auxílio aos ex-combatentes, mas, segundo Larissa Seixas, ainda na década de 1940 sua atuação já contemplava ações relativas à maternidade e à infância. Mulheres de classes altas mantinham estratégias para auxiliar pessoas em situações mais precárias, como doentes, vítimas de desastres naturais, desempregados, entre outros. Fazia parte de um amplo processo em que higienismo, eugenia, maternalismo e nacionalismo estavam correlacionados. Segundo Ana Paula Martins, o Estado Novo propiciou, por meio da LBA, condições para uma “educação feminina” de um modo bastante conservador, um processo semelhante aos governos de Salazar e Mussolini, no que se refere à participação majoritária das mulheres em programas assistenciais. Ver: MARTINS, Ana Paula Vosne. *A LBA e a proteção à maternidade e à infância nas décadas de 1940 e 1950*. Texto não publicado apresentado no 11º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. Niterói, UFF, 2008, p. 2, apud SEIXAS, Larissa. Op.Cit, 2011.

³⁵⁶BESSE, Susan. Op.Cit., pp.63-97.

³⁵⁷MARTINS, Ana Paula V. “Vamos Criar seu filho”: os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. In: *Hist.Cienc.Saude-Manguinhos*, vol15, no.1, pp.135-154, março 2008.

necessário educá-las. Nesse sentido, livros foram editados, principalmente a partir do início do século XX, e ainda no ano de 1923 foi criado o Departamento Nacional de Saúde Pública, o que demonstra um interesse do Estado em fiscalizar o atendimento e a saúde das crianças. Para isto foram necessárias ações voluntárias, já que o próprio Estado não tinha condições de instalar unidades suficientes para toda a população³⁵⁸.

Para a médica e historiadora Maria Freire, a ideia de direcionar mais atenções às crianças e às mães tornou-se comum na década de 1920 devido a vários motivos: o nacionalismo que estava se formando, os movimentos feministas e periódicos “femininos”, como *Vida Doméstica e Revista Feminina*³⁵⁹ que começaram a ser publicados. Com o passar do tempo a *Revista Feminina* começou a publicar matérias escritas por mulheres que se diziam feministas, as quais se tratavam de “mulheres trabalhadoras”, demonstrando que no Brasil já se falava sobre os lugares públicos que as mulheres vinham ocupando, sem deixar o lar de lado. Nesse sentido Bertha Lutz, através da publicação na *Revista da Semana* de seu primeiro escrito feminista, em 1918, intitulado de “Cartas de mulher”, defendeu a maternidade como um *locus* das mulheres, mas que poderia ser convivente com novas conquistas, em relação à Educação, ao sufrágio e à emancipação intelectual³⁶⁰.

As mulheres tornaram-se primordiais nessa missão, uma ideia que também reforçava as suas funções no lar. Mas, como vimos, foi uma “bandeira” feminista, o que nos permite afirmar que foi um modo encontrado pelas mulheres que almejavam também desempenhar atividades públicas.

É importante ter em vista que Castellano já tinha mais de sessenta anos quando assumiu a presidência do CPFC, o que nos permite sugerir que ela já não tinha os mesmos objetivos de quando era jovem, como os 25 anos que tinha quando escreveu a Página Literária. Entretanto, de acordo com os artigos de 1924, podemos

³⁵⁸MARTINS, Ana Paula V. Op.cit, 1996, p.219.

³⁵⁹As colunistas tinham por intenção publicar principalmente reportagens que se remetessem à função naturalizada e doméstica das mulheres. FREIRE, Maria Martha L. *Mulheres, mães e médicos*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p.26.

³⁶⁰Idem.

compreender que Castellano já conhecia trabalhos semelhantes à puericultura, quando afirmou que na *França formaram três instituições; as enfermeiras visitantes, as superintendentes das usinas, as secretárias dos lares operários*. Longe de quisermos exemplificar um ato de Castellano de meados do século XX com falas de 1924, constatamos que ela conhecia trabalhos de associações de mulheres. Apesar de Castellano não defender amplamente na década de 1920, aliás, de não dar ênfase aos trabalhos associativos das mulheres, apenas utilizando-os para argumentar sobre trabalhos públicos que as mulheres vinham alcançando, quando se envolveu mais com o CPFC em 1961, já tinha mais de sessenta anos, enfim, seus objetivos e sentidos aos seus atos podem ter mudado.

Naqueles artigos, Castellano remeteu a acontecimentos peculiares da França, em que as mulheres viram em uma lei de 1901³⁶¹ a alternativa necessária para participarem ativamente da sociedade. Postos de puericultura eram os mais costumeiros entre as associações francesas³⁶², às quais provavelmente Castellano se referiu. Foram meios pelos quais as mulheres puderam trabalhar, embora dessem continuidade à função de mãe. Apesar dos papéis reforçados por essas associações, Castellano apontou esses lugares como redutos em que mulheres conquistaram também o trabalho público.

Se retomarmos os estudos de Trindade³⁶³ verificamos que a puericultura em Curitiba era presente logo nas primeiras décadas do século XX, cujos estudos alargaram o conhecimento sobre as necessidades infantis, métodos de prevenção e higiene necessários para o bem estar da sociedade. Nesse caso, mesmo as mulheres que estavam trabalhando fora continuaram a zelar pelos filhos, ao deixá-los nesses “centros de saúde”. Postos de assistência às mães sem posses também tinham como função evitar o infanticídio e os

³⁶¹Lei de 01 de julho de 1901 em que as mulheres são autorizadas a fundar associações em prol de colaborar com a sociedade. Informa em DIEBOLT, Évelyne. História do trabalho social: nascimento e expansão do setor associativo sanitário e social (França: 1901–2001). In.: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: 2005, v.13, número 2, pp.305-340.

³⁶²Idem.

³⁶³TRINDADE, Etelvina M. C.. Op.cit, 1996, p.219.

abortos clandestinos, que eram condenados não só pela Igreja, mas pelo próprio Estado³⁶⁴.

Muitas eram as mulheres ricas ou de classe média que apesar de conhecerem países, revistas, livros ainda não tinham tido oportunidade de ter um trabalho público. Observamos que Castellano homenageou a “primeira” médica, a primeira jornalista, mas isso demonstra que não foram todas que tiveram acesso ao Ensino Superior. É também provável que muitas “centristas”³⁶⁵ não tenham sentido uma diminuição da hierarquia, ou mesmo da autoridade do marido em seus lares. A moral da família e a integridade dos lares foram valorizadas, o que também serviu de argumento para que elas desempenhassem esse “papel” fora de casa, no mundo público.

O CPFC, paralelamente à puericultura, incentivava com bastante ênfase a intelectualidade, aqui entendida em um sentido que abrange a poesia, congressos e concursos literários, como em 1936 quando Bertha Lutz, da FBPF, enviou uma carta requisitando a presença de uma centrista para um congresso organizado em prol de discussões acerca das mulheres, o qual intentava esboçar novos projetos de lei e sobre o Estatuto da Mulher³⁶⁶, proteção à infância e à maternidade. Essas demonstrações permitem-nos acreditar o

³⁶⁴É importante lembrarmos que abortos ocorriam com mulheres de diversas camadas sociais, como nas classes mais abastadas, em que tal solução seria para evitar escândalos ou filhos bastardos, enquanto nas classes operárias ou volumosas, era utilizado como forma de contracepção. Sem contar os casos de sedução não só de patrões, mas de próprios colegas de trabalho e familiares. Os centros de puericultura também ofereciam amas de leite para mulheres que trabalhavam fora e não tinham com quem deixar seus filhos, o que não era incentivado para quem tivesse mais recursos, já que doenças poderiam ser passadas assim. Um aspecto que demonstra uma diferença social mantida pelos postos de puericultura.

³⁶⁵Termo utilizado pelos membros do CPFC.

³⁶⁶Leonor Castellano atuou no *Correio dos Ferroviários* junto a Ilnah Secundino, na década de 1930, e sabemos que pertenceu ao Conselho da revista por duas décadas. Mas são poucas as reportagens assinadas por ela, sendo uma maioria sobre receitas de como higienizar a casa, cozinhar. Poucas sobre eventos históricos. Segundo Seixas, a enviada ao Terceiro Congresso Nacional Feminino foi Ilnah Secundino, a qual escreveu sobre a experiência no *Correio dos Ferroviários*. SEIXAS, Larissa. Op.Cit., 2011, p.98. As duas últimas informações constam em: SECUNDINO, Ilnah. 3º Congresso Nacional Feminino. In: *Correio dos Ferroviários*. Curitiba: Correio dos Ferroviários, número 3, 1936, p. 149.

quanto Bertha Lutz era reconhecida no Brasil e, em especial, aceita entre as centristas do CPFC.

Nesse contexto, as mulheres tornaram-se mais atuantes na sociedade e passaram a não querer ser vistas como “parasitárias”³⁶⁷, pois, os homens não poderiam ser os únicos visados como os trabalhadores da Nação. Além disso, muitas outras mulheres, de classes mais simples, já estavam há muito tempo colaborando com a Pátria, um lugar que as burguesas almejavam ocupar. Entretanto, estas não poderiam ter o mesmo tipo de trabalho das demais (indústrias têxteis, roupas, calçados, apesar destes também exigirem a paciência e a sensibilidade delas). Desse modo, consideramos as asserções de June Hahner³⁶⁸, a qual aponta a literatura, a Enfermagem, a Assistência Social, os trabalhos públicos, as repartições e o magistério (as mulheres já formavam 75% do quadro docente no RJ), aos quais alegavam que a “delicadeza” das mulheres seria uma vantagem para tratar as pessoas, como os principais empregos destinados às mulheres de classes mais abastadas.

Um diferencial quanto à Enfermagem ocorreu na década de 1920. Em vista da necessidade de novas práticas de higiene e do corpo, educadoras sanitaristas foram contratadas pelo Estado³⁶⁹ a fim de difundir novos conhecimentos de higiene infantil e materna, combatendo doenças, a mortalidade infantil e moralizando as famílias brasileiras em “prol” da regeneração da Raça e da Nação. Compreendemos que as mulheres continuaram submetidas aos olhares masculinos, a quem tinham que se reportar para desenvolver esse trabalho. Nesse sentido não havia um incentivo da emancipação total das mulheres. Começaram a ser difundidas propagandas de casamentos em que havia uma pretensa igualdade entre ambos, das qualidades esperadas do/a companheiro/a. também foram criadas leis: de acordo com a Constituição de 1934, 1% de todo o recolhimento do Estado deveria ir para postos de

³⁶⁷FREIRE, Maria Martha. Op.cit., 2009, pp.41-57.

³⁶⁸HAHNER. June. Op.cit., 2003, pp. 115-181.

³⁶⁹Ibidem, p.59.

assistência às mulheres e crianças, um incentivo a quem casava legalmente e tinha filhos³⁷⁰.

Segundo Larissa Seixas³⁷¹, o Governo Federal na década de 1930 era visto como o responsável pela solução dos problemas sociais acarretados pelo capitalismo. Nesse viés, medidas públicas foram exigidas para melhorar a qualidade de vida, o “bem estar social”. Surgiram os primeiros sindicatos e as primeiras leis empregatícias, todas querendo aprimorar as características de trabalho, saúde, habitação e alimentação. Para ajudar a promover este contexto, Brasil deveria propor medidas de higiene e saúde a fim de que as mulheres pudessem educar seus filhos adequadamente, o que presumia conceder financiamentos a associações que colaboravam com projetos similares, como era o caso do CPFC.

Na empreitada da formação nacionalista na época de Vargas (1930-1945/1951-1954), papéis de gênero foram alterados em relação a sua participação nos projetos nacionais. Vargas foi o primeiro governo que realmente incentivou leis e assistências públicas. A constituição de 1934 representou alguns avanços no que se refere aos direitos das mulheres e à algumas reivindicações feministas, tais quais extraímos como exemplo a seguinte: *exigência de participação preferencial de mulheres qualificadas nos programas públicos de assistência social relativos à maternidade, bem estar infantil, trabalho feminino e organização do lar*³⁷². Enfatizamos esta porque estava relacionada ao crescimento vertiginoso do país e de Curitiba, o qual não foi acompanhado proporcionalmente pelas medidas sanitárias mantidas pelo Estado.

Constatamos que passou a ser obrigatório amparar a maternidade e a infância em todas as suas instâncias, ou seja, na educação e na saúde. Com a colaboração de tributos do Estado e dos municípios, os projetos passaram a ser efetivados. Entretanto, para um maior sucesso, foram articuladas associações filantrópicas leigas e religiosas. Estas, por intermédio do trabalho em geral

³⁷⁰HÄHNER, June. Op.cit., 2003, pp. 115-181

³⁷¹SEIXAS, Larissa. Op.cit, 2011, pp.31-44.

³⁷²BESSE, Susan. Op.Cit, 1999, p. 187.

prestado pelas mulheres, passaram a colaborar com os Estados, ajudando a manter maternidades, postos de puericultura e associações de proteção, demonstrando a relação entre o maternalismo³⁷³, as associações filantrópicas e as atividades políticas assistenciais³⁷⁴.

Além disso, foi criada a Legião Brasileira de Assistência e o Departamento Nacional da Criança (1940), por Gustavo Capanema (1934-1945), no Ministério da Educação e da Saúde. Os problemas sociais passaram a ser políticos. Alguns intelectuais viam a “família” como responsável pela regeneração social³⁷⁵, e nesse aspecto as mulheres teriam um papel fundamental ao fazer um trabalho voluntário, manter uma função naturalizada e a própria hierarquia entre as classes sociais.

Em 1968, Castellano, com 69 anos, afirmou que o Posto de puericultura, com o atendimento destinado duas vezes por semana a 1800 crianças, constituía-se *num autêntico monumento à cultura e ao coração da mulher de nossa terra*³⁷⁶. O que observamos dessa fala é que Castellano, em seus últimos anos continuou a viver em um lugar conquistado pelas mulheres durante o século XX. Cuidando de doenças, crianças mais ou menos pobres, colaborando para com a manutenção das diferenças sociais, o que importa é que o CPFC e a puericultura representaram um lugar que elas alcançaram aos poucos, pois as mulheres, para arrecadar cobertores, cestas básicas e de natal, permaneciam horas fora de seus lares, dialogando com empresários e entidades a fim de atingir as metas. Ações que com o passar do tempo as incentivaram a procurar a profissionalização das funções desempenhadas em

³⁷³Discurso em que o papel de ser mãe é naturalizado, assim como a sua função social ao educar os/as filhos/as. Muitas mulheres utilizaram como estratégia para conseguir uma atuação mais ampla no mundo público. MARTINS, Ana Paula Vosne. *Políticas da Maternidade*. Op. cit., p. 17.

³⁷⁴Ver: DIEBOLT, Evelyne. História do trabalho social: nascimento e expansão do setor associativo sanitário e social (França: 1901–2001). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n.º 2, maio-agosto/2005.

³⁷⁵BESSE, Susan. Op.cit., 1999, pp.2-11.

³⁷⁶Publicada na Gazeta do Povo 8/12/1968. CASTELLANO, Leonor. *Revista do Centro Feminino de Cultura*. Curitiba: CPFC, 1968, p.9.

práticas assistencialistas, como Serviço Social, Psicologia, Medicina, Enfermagem.

O CPFC, uma associação para mulheres, representa um espaço em que elas construíram um mundo público feminino, tiveram seus olhares transformados e ampliados e permitiram que as relações de gênero existentes, pautadas em modelos fixos, fossem “borradas”. Apesar de não adentrarem efetivamente às escolas e às universidades, como ocorreu a partir da década de 1970 de modo massivo, elas abriram caminhos, sendo reconhecidas como mulheres intelectualizadas do contexto.

Castellano, em sua atuação no Centro de Letras na década de 1950, tornou-o reconhecido, assim como, ao participar e defender os ideais do CPFC. Como vimos, um mundo social burguês era a convivência geral de Castellano, tanto no Centro de Letras quanto no CPFC; suas relações estavam intrinsecamente ligadas às tradicionais famílias e políticos e, sendo assim, é difícil afirmar que ela pôde alterar o seu *locus* de atuação. De qualquer modo, Castellano viveu em ambos os centros, a emancipação intelectual que defendeu. Em muitas homenagens, congressos, relatórios, revistas e terrenos – para a construção dos centros – Castellano foi considerada a responsável pela vitória, pelo prestígio alcançado. Sabemos que ela não era uma feminista que falou sobre sexualidade, prazeres e corpo, mas compreendemos que ela correspondeu a muitos dos preceitos feministas de meados do século XX, firmando-os para a sociedade curitibana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Castellano tornou-se uma intelectual reconhecida no Paraná durante boa parte do século XX. Mais que isso, ocupou lugares até então somente ocupados por homens, estes sim reconhecidos cultural e socialmente como dominadores por direito do espaço público. O amor e a tradição do Paraná foram os meios encontrados pela escritora para fortalecer a importância e os discursos do Centro de Letras, um centro que somente após quarenta anos de História ganhou sua sede, graças às ideias e o incentivo de Castellano. Acreditamos que a intelectualidade tão defendida por ela nos artigos de 1924 foi uma experiência vivida e estruturada nesse espaço mental, cultural e geográfico que essa intelectual dedicou-se a ajudar a construir.

O Paraná teve, no início do século XX, muitas inspirações literárias no que se refere à formação da identidade do Estado, da recente República. Falar sobre esta época e defender quem havia participado dela não era um trabalho fácil. Por sinal, era árduo e por isso Castellano desdobrou-se em realizar congressos, entrevistas e homenagens para firmar o empenho de homens e mulheres que haviam participado da formação do Paraná, ao mesmo tempo em que a autora se colocava na História do Centro como uma legítima intelectual centrista que lutava pela memória de seu Estado e, conseqüentemente, do Brasil.

Sabemos que Castellano pouco se refere aos escritos das mulheres do Centro de Letras do Paraná ou do CPFC, doravante, ela esteve à frente, liderando e sendo respeitada dentro de sua posição. A educação de Castellano era comum àquela destinadas às mulheres de classes abastadas. Livros e revistas, em meio às aulas de Economia Doméstica, de bordado, de pintura, entre tantas. As meninas que enfeitariam os salões de festas e principalmente, as educadoras dos futuros cidadãos da Pátria, deveriam, de acordo com os preceitos da República, saber se comportar, ter conhecimento de Ciências, Letras e até mesmo das Ciências Exatas. Mas, somente o suficiente para que pudessem desempenhar bem os papéis de mãe/esposa. Entretanto, assim como, nem todas tiveram acesso ao ensino naquela época, não foram todas as

mulheres que se tornaram apenas donas de casa intelectualizadas. Mesmo assim, algumas que tiveram esse fim também puderam estar no mundo público, esse universo considerado eminentemente masculino, como o CPFC.

A conquista da intelectualidade pelas mulheres e do conhecimento tornaram-se respaldos e defesa para que elas assumissem funções diferentes das gerações anteriores. O CPFC não foi apenas um local em que Castellano e as demais “centristas” utilizaram para recitar poemas, pois em meio às declamações ocorreram publicações de livros, gerenciamento de gastos e objetivos de empreendedorismo, decididos por elas. Reuniões e encontros com autoridades governamentais, e, principalmente, a criação de um Centro de Puericultura – arduamente dirigido por Castellano por 10 anos – o qual foi um ponto que as mulheres puderam desempenhar um trabalho de utilidade pública, sendo assim reconhecidas como colaboradoras da Pátria. Porém, não foi somente isso que as tornou tão importantes para a História das Mulheres e até mesmo do feminismo, as associações há muito já se mostravam como redutos de onde as mulheres inspiraram-se para ocupar lugares na medicina, assistência social, enfermagem, entre tantos outros.

Duas das fundadoras do CPFC, Ilnah Secundino e Rosy Pinheiro Lima, assim como, Leonor Castellano, não foram mulheres que casaram ou tiveram filhos, apesar de estarem filiadas a uma instituição– que exaltava os papéis de mãe e esposa. Acreditamos que os *nobres sentimientos puramente femininos*, não se tratavam apenas dos destinos mais tradicionais, como educar os futuros cidadãos da Pátria, mas também de conquistar novos lugares, além daqueles permitidos pelas relações de gênero vigentes. O núcleo familiar esteve em meio aos projetos de modernização do Estado e da filantropia durante o século XX, e foi neste âmbito, que as mulheres apropriaram e alargaram a noção de cidadania (das mães participantes do processo).

Efetivamente e com mais força, as mulheres só adentraram as escolas e as universidades a partir da década de 1970. Mas este processo não foi abrupto ou deslanchou de uma década para outra; foi uma conquista alcançada paulatinamente, na qual as mulheres

intelectualizadas e de classes abastadas, como era marcado o meio social de Castellano, também foram cooperantes. Sugerimos que foram “colaboradoras” porque nem todas deixaram os antigos espaços nos lares, ou porque não assim almejaram, já que muitas vinham de uma cultura impregnada desde o berço e na educação sobre os papéis naturalizados das mulheres, ou mesmo porque o caminho dessa escolha seria árduo, já que as expectativas de gênero conservadoras eram bastante influentes.

Nos anos de 1930 a luta das mulheres abriu caminhos diversos às mulheres, principalmente no que se refere a direitos trabalhistas, de sufrágio, entre outros. Porém, foi nessa mesma década, do Governo Vargas, que os movimentos e reivindicações feministas não tão organizadas ou homogêneas, foram freados. A boa moral, para feministas como Leonor Castellano, era alcançada quando as mulheres conquistavam novos lugares, profissões e posições públicas, mas os filhos e o lar não poderiam ser deixados de lado, para que as próprias mulheres não fossem confundidas com o “mal-feminismo”, ou como também podemos chamar, de *sufragettes*.

Procuramos demonstrar o “bom feminismo” defendido por Castellano. Em suas ideias, as mulheres poderiam ter uma independência financeira, uma profissão e a emancipação intelectual, mas continuariam a perpetuar os “privilégios” de serem mães e donas de casa. Para Castellano, a Pátria dependia de mulheres bem informadas e educadas para melhor educar os filhos, ao mesmo tempo, em que a própria Pátria e seu discurso abriam o leque de oportunidades para as gerações posteriores.

Acreditamos, ao fim dessa etapa, que a pesquisa sobre Leonor Castellano acrescenta à História das Mulheres mais uma mulher, que ao seu modo, contribuiu para que os lugares públicos fossem reconhecidos como pertencentes também às mulheres. No entanto, uma indagação levantada ao longo da pesquisa é sobre a real atuação das mulheres no âmbito do Centro de Letras. Não há ainda um estudo sobre a presença e os feitos de todas que até hoje compuseram aquele cenário, o qual continua a presenciar reuniões literárias às tardes de terças-feiras.

FONTES DA DISSERTAÇÃO

A) Livros e ensaios escritos por Leonor Castellano

CASTELLANO, Leonor. *Alcina: o anjo bom* - Curitiba: Litero-Tecnica, s.d..

CASTELLANO, Leonor. *Primavera* - Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1949.

CASTELLANO, Leonor. *A casa de Euclides Bandeira e Emiliano Pernetá* – Curitiba: Centro de Letras, 1952.

CASTELLANO, Leonor. *Centro Paranaense feminino de cultura: Fundado em 5/12/1933, Histórico* - Curitiba: Litero-Tecnica, 1963.

CASTELLANO, Leonor. *Discursos* – Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1935.

CASTELLANO, Leonor. *Página Literária* – Curitiba: *Gazeta do Povo*, Arquivo museu Paranaense, 1924, I e II.

CASTELLANO, Leonor. *Figuras de ontem e de hoje* - Curitiba: Escola Técnica, 1953.

CASTELLANO, Leonor. *Livros, livros a mão cheia*: Originais inéditos que figuram na Primeira Exposição realizada pelo Centro de Letras do Paraná - Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1954.

CASTELLANO, Leonor. *Mensagem de Santa Clara às mulheres* – Curitiba: Escola Técnica, 1953 p.28.

CASTELLANO, Leonor. *Primavera* – Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1949 p.11.

CASTELLANO, Leonor. *Prof^ª. Maria Falce de Macedo: uma mulher admirável* - Curitiba: Centro Paranaense Feminino de Cultura, 1961.

B) Livros escritos por contemporâneos

GUTIERREZ, Olga de Macedo. *Figuras e fatos*. Curitiba: CPFC, 1964.

MIRANDA, Laís. *O Centro Paranaense Feminino de Cultura nos*

seus sessenta e três anos *In: Mulheres Escrevem* – Curitiba: Visagraf, 1996.

TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros* – Porto Alegre: Thurman, 1956.

C) Revistas editadas por Leonor Castellano

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 04, 1951.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 05, 1952.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 06, 1952.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 07, 1953.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 08, 1953.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 09, 1954.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 10, 1954.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 11, 1954.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 12, 1954.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 13, 1955.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 14, 1955.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 15, 1956.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 16, 1956.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 19, 1959.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 20, 1960.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro de Letras do Paraná. N.º 24, 1961.

CASTELLANO, Leonor. Revista Comemorativa do Centro Paranaense Feminino de Cultura. Curitiba: CPFC, 1966.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro Paranaense Feminino de Cultura. Curitiba: CPFC, 1966.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro Feminino de Cultura. N.º 11, 1967.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro Feminino de Cultura. N.º 18, 1968.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro Feminino de Cultura. N.º 26, 1969.

CASTELLANO, Leonor. Revista do Centro Feminino de Cultura. N.º 27, 1969.

D) Relatórios em que Leonor Castellano participou

BANDEIRA, Gláucio et all. *Centro de Letras do Paraná*. Curitiba: Centro de Letras, 1958, volume LXV.

CASTELLANO, Leonor. *Centro Paranaense Feminino de Cultura. Relatório das atividades desenvolvidas no período de 5-12-1963 a 30-12-1964*: apresentado pela presidente Leonor Castellano. Curitiba: Litero-Tecnica, 1964.

CASTELLANO, Leonor. Centro de Letras do Paraná. *Relatório apresentado ao Presidente Dr. Laertes M. Munhoz por Leonor Castellano*: referente aos trabalhos realizados no biênio 1954-1956. Curitiba: Litero-Tecnica, 1954-56.p.39.

CASTELLANO, Leonor. Centro de Letras do Paraná. *Relatório das atividades do Centro de Letras do Paraná no período de 19 de maio de 1949 a 11 de novembro de 1952*: apresentado pela presidente Leonor Castellano em Assembléia Geral realizada a 19 de dezembro de 1952 - Curitiba: Litero-Tecnica, 1949-52.

CASTELLANO, Leonor. *Relatório do Centro de Letras: biênio 1954-1956*. Curitiba: Centro de Letras, 1957.

CASTELLANO, Leonor. *Livro de Ouro, livro de reportagens*

sobre o Centro Feminino Paranaense de Cultura, 1933-1958 e 1959-1969.

E) Fontes diversas

BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO DO PARANÁ. V.24, ANO 1974, pp.149-150.

CASTELLANO, Leonor. Protocolos diversos, *Arquivo Público do Paraná*, Curitiba - Paraná.

CENTRO DE LETRAS do Paraná. *Cadastro de Membros*. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1967, s/p.

CORREIOS DOS FERROVIÁRIOS, 1936-1955. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes.

FRANÇA, Marita. *Revista do Centro Paranaense Feminino de Cultura* – Curitiba: CPFC, 1969, v. XXVII.

CORREIOS DOS FERROVIÁRIOS. Curitiba: Correio dos Ferroviários, número 3, 1936.

F) Arquivos de jornais contemporâneos a Leonor Castellano

Gazeta do Povo 1923-1925 – Museu Paranaense (Biblioteca Pública do Paraná)

Correio dos Ferroviários 1935-1956 (Círculo de Estudos Bandeirantes – PUC-PR)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo. A luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1980.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
- ARI, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à Teologia de Libertação*. São Paulo: Annablume; Fortaleza; Secult, 2000.
- BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BALHANA, A.P., PINHEIRO MACHADO, Brasil P.; WESTPHALEN, C.M. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969, pp.251-252.
- BÓIA, Wilson. *David, o gigante*. Curitiba: Posigraf, 2001.
- BORIS, Fausto. *O pensamento nacionalista autoritário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- _____. *Economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Ed. USP, 1998, pp.107-108.
- _____. *Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011
- BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura* – Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- BRASIL, Érico Vital. SHUMAHAR, Schuma (orgs.). *Dicionário das Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importam. Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidís, 2002. p. 95-142.

- _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 25-46.
- CAMARGO, Geraldo Leão Veiga. *Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná: 1853-1953*. Curitiba: 2007, Tese (Doutorado em História) Setor de História, UFPR, pp. 70-95.
- CAMPOS, Névio de. *Intelectuais e a Igreja Católica no Paraná: 1926-1938*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2010.
- _____. *Laicato Católico: O papel dos intelectuais no processo de organização do projeto formativo da Igreja Católica no Paraná*. Curitiba, 2002, Dissertação (Mestrado em Educação). Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.
- CARNASCIALI, Juril De Plácido e Silva. *De Plácido e Silva, o Iluminado*. Curitiba: Editora Oficina de Letras, 2000.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 1. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- COSTA, Sueli G. *Um estimulante encontro com Michel de Certeau: o feminismo tático de Bertha Lutz*. Campinas: Cadernos Pagu no. 27/Julho/Dec. 2006.
- CRUZ, Antônio Donizeti da. *Helena Kolody: obra e fortuna crítica*. Curitiba (arquivos da Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná), 1999.
- DENIPOTI, Cláudio. A gloriosa asneira de casar-se: amor e casamento no início do século. In: *Revista de História Regional*. Ponta Grossa: UEPG, inverno, 1996.
- _____. *Páginas de Prazer: a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Ed. Unicamp, 1999.
- DUARTE, Constância L. Feminismo e literatura no Brasil In: *Revista de Estudos Avançados* – São Paulo:, v.49, 2003.
- _____. *Nísia Floresta: vida e obra* – Natal: Ed. UFRN, 1995.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos. Discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- GANZ, Ana Maria. Vivências e falas: trabalho feminino em Curitiba, 1925-1945. IN: TRINDADE, Etelvina M^a de C. &

- MARTINS, Ana Paula Vosne. *Mulheres na História*. Paraná, séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, pp. 95-136.
- GOLDENBERG, Miriam; TOSCANO, M. *A revolução das mulheres*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- GOMES, Ângela M. de Castro. O redescobrimto do Brasil. In: GOMES, Ângela M. de Castro. *et al. Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- _____. Ideologia e trabalho no Estado Novo. IN: ANDOLFI, Dulce (org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.
- HAHNER, June. *Relações entre Civis e Militares no Brasil (1889-1898)*. Rio de Janeiro: Pioneira, 1975.
- _____. *A mulher brasileira: suas lutas sociais e políticas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- _____. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil - 1850-1940*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003.
- HOBSBAWM, Eric. A invenção das tradições In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- IPARDES. *O Paraná reinventado: política e governo*. Curitiba: IPARDES, 2006.
- KAMITA, Rosana Cássia. *Resgates e ressonâncias: Mariana Coelho*. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2005.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado*. Campinas: Unicamp, 2004.
- MARCHETTE, T. D. *Corvos nos galhos das acácias: o movimento anticlerical em Curitiba, 1896-1912*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- MARTINS, Ana Paula V. “Vamos Criar seu filho”: os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. In: *Hist.Cienc.Saude-Manguinhos*, vol15, no.1, pp.135-154, março 2008.

- MELLO, Silvia Gomes Bento de. *Esses moços do Paraná: livre circulação da palavra nos albores da República*. Florianópolis: Tese de doutorado, fevereiro de 2010, disponível na Biblioteca Universitária da UFSC.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.
- MOREIRA, J. *Dicionário bibliográfico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1957.
- MUZART, Zahidé L. *Escritoras Brasileiras do Século XIX: antologia* (v.3). Florianópolis: Ed. Mulheres: CNPq, 2009.
- NEUNDORF, Alexandro. *Intelectualidade, fronteiras e identidade: O Paraná no início do século XX*. Curitiba: 2009, Dissertação (Mestrado em História). Setor de História.
- NICOLAS, Maria. *Pioneiras do Brasil, estado do Paraná*. Curitiba: [s.n.], 1977.
- _____. *Cem anos de vida parlamentar. Deputados provinciais e estaduais do Paraná*. Curitiba, s/e, 1954.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*. Florianópolis, vol.8, n.2, pp. 09-41 Florianópolis: UFSC, 2009
- OSINSKI, Dulce Regina Baggio. *Guido Viaro: modernidade na arte e na educação*. Curitiba: Tese (Doutorado em Educação) Setor de Educação, UFPR, 2006, pp. 1-100.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*. São Paulo: Editora UNESP, 2005c, vol. 24 (1), p. 77-98.
- _____; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. In: *Revista Brasileira de História* – São Paulo: número 54, v.27, 2007, p.282-300.
- PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: o Paraná inventado; cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. São. Paulo, v. 9, n.º 18, ago-set. 1989.

- _____. *As mulheres e os silêncios da História*. Bauru/SP: Edusp, 2005.
- _____. *Minha história das mulheres*. São Paulo : Ed. Contexto, 2007.
- PETUBA, Rosângela Maria Silva. *NA TRAMA DOS TRILHOS: Cidade, Ferrovia e Trabalho Ponta Grossa - PR (1955 – 1997)*. Florianópolis, 2011. 283p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História, UFSC.
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º 3, 1989.
- _____. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n.º 10, 1992.
- PRADO, Danda. *Ser esposa: a mais antiga profissão*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- RODRIGUES, Cândido Moreira. *A ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- RODRIGUES, João Paulo C. S.. *A dança das cadeiras: Literatura e Política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: Ed. Unicamp, cecult, 2001.
- SAFFIOTI, Heleieth. *A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SCHACTAE, Andrea Mazurock. *Farda e batom, arma e saia: a construção da polícia militar feminina no Paraná (1977-200)*. Curitiba: Tese (doutorado), 2011.
- SCOTT, Joan W.. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem – Florianópolis*: Ed. Mulheres, 2002.
- _____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, UFRS, 16(2), jul/dez. 1990.
- SECUNDINO, Ayrton Pacheco (org.). *Coletânea Ilnah Secundino*. Rio de Janeiro: Publicação própria, 2005.
- SEIXAS, Larissa Selhorst. “*O feminismo no bom sentido*”: o Centro Paranaense Feminino de Cultura e o lugar das mulheres no

- mundo público (1933-1958). Curitiba: UFPR. Dissertação de Mestrado, 2011.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. As tiranias da intimidade. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- SOIHET, Rachel. Mulheres em busca de novos espaços e relações de gênero. In: *Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, vol.9, número1/2, Jan/Dez 1996.
- STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, v. 2.
- TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: Del Priore, M. (org.). *História das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.
- THÉBAUD, Françoise. Políticas de gênero nas Ciências Humanas. O exemplo da disciplina histórica na França. *Revista Espaço Plural*, ano X, n. 21, 2º semestre, p. 33-42, 2009.
- TRINDADE, Etelvina M^a de C. *Clotildes ou Marias*: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.
- _____. Augusto Comte e a mulher: o feminino na Primeira República. IN: TRINDADE, Etelvina M^a de C. & MARTINS, Ana Paula Vosne. *Mulheres na História*. Paraná, séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997.
- ZOMER, Lorena. Entre tricôs, batons e livros: trajetórias e caminhos In.: *Revista Espaço Plural*. Marechal Cândido Rondon: Edunioeste, 2009, ano1, n.1, pp.137-139.

SÍTIOS DA INTERNET

ABREU, Geysa S. Alcoforado. *O ensino regular da caligrafia: a experiência da Escola Americana de Curitiba no final do século XIX e início do século XX*. www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/.../321.pdf. Acesso em 09/12/2010.

Anette Macedo. Informações retiradas no site. <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/118CristianeSantosSouza.pdf>. Acesso em 20/05/2011.

Casa de Juvenal Galeano. Informações retiradas do site <http://www.secult.ce.gov.br/equipamentos-culturais/casa-juvenal-galeno/casa-de-juvenal-galeno>. Acesso em 10/06/2011.

Centro Cultural Euclides da Cunha. Informações retiradas do site http://alcg.org.br/cadeiras.php?CADEIRA_ID=16&ACADEMICO_ID=16. Acesso em 10/05/2010.

DIEBOLT, Evelyne. História do trabalho social: nascimento e expansão do setor associativo sanitário e social (França: 1901–2001). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n.º 2, maio-agosto/2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26884.pdf>. Acesso em 05/05/2009.

FIGUEIREDO, Eneida Ramos. *A Escola Americana de Curitiba (1892-1917)*. <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/317.pdf>. Acesso em 20/06/2011.

Flávio Suplicy de Lacerda. Informações disponíveis em <http://www.confear.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=2786&pai=4&sid=204&sub=197>. Acesso em 10/06/2011.

José Loureiro A. Fernandes. Informações disponíveis em <http://www.icnews.com.br/2008.09.17/colunistas/dom-moacyr-jose-vitti-css/jose-loureiro-de-ascencao-fernandes>. Acesso em 10/05/2011.

José Niepce da Silva. Informações disponíveis em http://www.museumaconicoparanaense.com/mmpraiz/autoridades_pr/deleg_909_jose_n_da_silva.htm. Acesso em 20/05/2011.

Julia Mara da Costa. Informações disponíveis em http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/juliadaCosta_vida.html. Acesso em 01/08/2010

MUZART, Zahide. “Resgates e ressonâncias: uma *Beauvoir* tupiniquim”. In Home page do *GT A mulher na literatura/ANPOLL*, 2000. Acesso em 15/05/2010.